

Uma Visão Realizada

Visão Eterna

A humanidade está em um momento decisivo, sem precedentes em relação à dimensão e ao escopo do desafio. O mundo enfrenta uma série de problemas críticos e a complexidade deles é tal que, conforme disse Einstein, não podem ser solucionados no mesmo nível de pensamento no qual foram criados. Ainda assim, parece que os líderes políticos e religiosos continuam a encarar os problemas de hoje com as soluções de ontem. Na verdade, os problemas de hoje podem apenas ser realmente superados pelas soluções de amanhã. E, para alcançar as soluções de amanhã, precisaremos ter uma visão de um amanhã completamente novo onde os problemas de hoje estejam essencialmente ausentes. O amanhã é a solução. Criar esse amanhã é a resolução. Envolver-se na criação deste amanhã é estar do lado da solução.

Entretanto, um amanhã em que os problemas de hoje não existam não significa um amanhã sem problemas. A vida é problemática. Problemas são um elemento essencial da vida. Podemos desejar uma vida utópica, um “paraíso”, onde não exista nenhum problema, mas, de fato, o paraíso sem tensão evolucionária é o equivalente do inferno. Problemas são manifestações da tensão evolucionária que faz parte da vida. O paraíso não é um ambiente fechado e estático onde não surge problema algum, mas sim um campo dinâmico onde conscientemente criamos novos problemas como uma expressão de nossa visão criativa e de nossa paixão evolucionária.

O termo “problema” vem da palavra grega *proballein* e da palavra latina *problêma*, que significam “jogar na frente”. Um problema é algo que é jogado diante de nós em nosso caminho. Se não tivéssemos nenhum comprometimento com o nosso caminho, nada que fosse jogado diante de nós seria um problema. Um problema surge porque temos um comprometimento. E o tipo do nosso comprometimento determina o tipo do nosso problema.

Assumir um comprometimento significa criar intencionalmente um futuro em pensamento, ação e presença. O ato de comprometer-se determina um curso de ação que resulta na criação de um futuro que não poderia surgir de outra maneira. Comprometimento é o pensamento-em-ação inteiro, integrado e criativo, através do qual nos engajamos e participamos na criação de um novo futuro.

A natureza do comprometimento é tal que o futuro que visualizamos em nosso comprometimento não tem continuidade com o presente. Esta descontinuidade, a diferença existente entre o presente e o futuro, cria uma tensão evolucionária da qual e na qual surgem os problemas. Portanto, solucionar problemas implica em eliminar essa diferença trazendo o futuro desejado para cada vez mais perto do presente até que a diferença desapareça completamente. Se o futuro que visualizamos não tivesse uma descontinuidade em relação ao presente, não apareceriam os problemas. Mas, neste caso, seria um mundo sem mudanças, sem tensão evolucionária, que poderia servir como uma boa analogia do inferno.

Portanto, o fato de termos problemas em abundância no mundo é essencialmente bom. É um sinal de que, pelo menos, não estamos no inferno. O que não é tão bom é que as pessoas estão viciadas em terem problemas para que elas continuem se sentindo vítimas e continuem a sofrer. Problemas não são jogados na nossa frente para que continuemos nos sentindo vítimas e nos preocupando com os mesmos velhos assuntos. Criamos problemas da tensão evolucionária para realizarmos nosso comprometimento evolucionário resolvendo-os. Mas as pessoas continuam a se preocupar e a se vitimizar com os mesmos velhos problemas. Na verdade, existem pessoas que pensam, mesmo inconscientemente, que sua sobrevivência ou seu sucesso dependem da perpetuação dos problemas presentes.

Abordar os problemas de hoje com as soluções de ontem é ser reativo. É a maneira correta de se perpetuar os problemas atuais. O que parece ser o problema de hoje é, na verdade, o problema de ontem com uma nova roupagem. Esse ciclo repetitivo de problema-solução-problema-solução é um círculo vicioso em que nada é realmente solucionado ou alterado. Isto é o que os budistas chamam de samsara – a repetição infinita do mesmo velho karma, um padrão de pensamento que parece ser uma ação, mas que na realidade é uma reação a um pensamento-ação do passado. A maioria dos círculos viciosos problema-solução de hoje não são nada mais que a reciclagem do velho karma coletivo da humanidade.

Por outro lado, abordar os problemas de hoje com as soluções de amanhã é ser responsável. Responsabilidade significa a “habilidade” de “fazer uma nova (re-) promessa (sponder)”. Responsabilidade pede a habilidade de trazer um novo futuro na forma de um comprometimento através do ato de prometer o novo. Responsabilidade requer a habilidade para abordar os problemas de hoje com as soluções de amanhã. Mas como podemos abordar os problemas de hoje com as soluções de amanhã? A resposta é “inventando um novo problema que torna os problemas de hoje irrelevantes ou obsoletos”. Este novo problema precisa ser uma expressão autêntica da tensão evolucionária – da nossa visão criativa e paixão evolucionária.

Uma questão transformadora que irá criar uma tensão evolucionária poderosa e tornar supérfluos muitos dos problemas atuais é o desafio de extinguir o vício crônico da humanidade no sentimento de culpa com o qual a raça humana conscientemente se pune. Muitos dos problemas que afligem o mundo hoje seriam simplesmente dissolvidos se pudéssemos nos liberar coletivamente da culpa porque, em última análise, estes problemas são formas diversas de autopunição que surgem de um sentimento comum de culpa. Um tipo de pessoa tende a se punir com vários tipos de doenças, miséria e sofrimento, enquanto o outro tipo tende a punir os outros através de formas variadas de violências físicas e psicológicas. O primeiro tipo introjeta culpa nele mesmo, enquanto o segundo tipo projeta a culpa nos outros¹.

O mal é parte integrante de vida. O mal significa a força anti-evolucionária que se opõe ao movimento evolucionário da vida. Culpa é a principal arma do mal. Culpa é o veneno psíquico

¹ Para um aprofundamento no tema da culpa, leia “Projeto Beleza e a Liberdade do Medo e da Culpa”, na página ...

jogado no solo da consciência humana para prevenir que a semente da vida cresça e se desenvolva livremente. Os problemas que são criados pela consciência dominada pela culpa nunca podem ser resolvidos pela mesma consciência dominada pela culpa, apenas por uma consciência livre de culpa. De fato, a consciência dominada pela culpa cria aqueles problemas como soluções aos problemas da dor profunda e persistente que surge do sentimento de culpa. Hoje temos recursos e conhecimentos tecnológicos suficientes para eliminar a pobreza e a fome. Hoje não temos mais uma real razão para continuar com a violência e a guerra. Isto é, exceto pelo nosso interesse, que surge da culpa, em manter vivos estes problemas como formas de punição a nós mesmos e aos outros.

A humanidade sem a consciência dominada pela culpa seria uma nova humanidade. Um mundo sem problemas causados pela culpa seria um novo mundo. Vamos, agora, imaginar um mundo no qual a humanidade fosse completamente livre da culpa. Seria um mundo onde a punição baseada na culpa seria totalmente inexistente e onde a doação baseada no amor prevaleceria em relação à apropriação baseada na culpa. Quando nos tornarmos livre da culpa, a lei da substituição trabalhará para preencher o espaço deixado pelo doloroso sentimento de culpa. A extasiante emoção do amor, que é a busca evolucionária da vida pela unidade, preencherá este espaço. Então, nossa vida se tornará um processo evolucionário iluminado – um processo delicioso de acontecimentos e transformações na e da consciência. Neste processo de evolução e transformação, criaremos intencionalmente e transcenderemos conscientemente os problemas, que são expressões de nossa paixão evolucionária e visão criativa.

Portanto, não devemos nos deixar enganar pelas complexidades notórias e dificuldades dos problemas que parecem confrontar a humanidade. A maioria deles, se não todos, são os meios anti-evolucionários criados por nós mesmos para nos punir e para punir aos outros na perpétua reciclagem da nossa consciência dominada pela culpa. O real problema é nossa escravidão em relação à culpa. Guerra, pobreza e corrupção – podemos solucionar e resolver todas se pararmos de repetir nosso karma cheio de culpa. Precisamos saber que temos o poder de nos liberar dessa escravidão da culpa. Se nossa intenção fundamental passar do cultivo da culpa para a liberação da culpa, poderemos encontrar a verdadeira realidade e os reais problemas do mundo.

Guerra, pobreza e corrupção não são problemas reais. São problemas reativos. São tentativas de solução para o real problema da dor da culpa. A punição nunca pode ser a solução real. A liberdade sim.

A evolução é um processo de aprendizado sem fim. A evolução é o único propósito real e legítimo da vida. Nós, seres humanos, estamos na Terra para evoluirmos. Levar nossas vidas alinhadas com a visão criativa da vida e com a busca evolucionária por otimização é o paraíso na Terra. No paraíso, os problemas que encontramos nos servem como os temas guias de nossas possibilidades evolucionárias e de nossos destinos cósmicos. Esta é a razão pela qual não lido diretamente com problemas visíveis e aparentemente reais da vida e do mundo, mas sim com os problemas invisíveis e verdadeiramente reais. Para sermos realmente eficientes na resolução de problemas,

precisamos lidar não com os efeitos, mas com as causas. Para sermos realmente eficientes precisamos ser causais.

Tanto a filosofia perene quanto a física contemporânea defendem que a realidade é inversamente proporcional à sensibilidade. Quanto mais real for uma experiência, menos sensível ela se torna. A realidade não é sensível, enquanto a aparência ou o fenômeno o são. A realidade é a causa e a aparência é o efeito. Portanto, teremos uma probabilidade muito maior de mudar o mundo das aparências se lidarmos com a realidade que está por trás e além das aparências. E quando lidamos diretamente com a realidade, percebemos que a realidade é tal que o céu e o inferno são apenas aparências. Descobrimos que temos o poder de manifestar a realidade em sua glória e beleza completas no mundo das aparências e assim transformar a terra em paraíso.

Portanto, em resumo, minha visão é manifestar o paraíso na terra vivendo no e a partir do paraíso todos os dias da minha vida – paraíso é a realidade eterna que existe dinamicamente como a origem sempre presente da visão evolucionária e da paixão criativa. Este paraíso é aquele futuro que estou comprometido em criar. E aquele futuro está, na verdade, eternamente presente, aqui e agora. Quando existirem mais indivíduos criativos que possam viver o futuro no presente, então, juntos, poderemos trazer o futuro de volta para o presente.

Visão Estratégica

Visão autêntica não é aquela que temos, mas sim aquela que SOMOS. A visão autêntica define o que somos no mundo e quem somos para o mundo. Portanto, a minha visão de manifestar o paraíso na terra é o destino cósmico que define meu eu e o princípio moral que guia minhas ações. Além disso, é necessário formular uma visão estratégica embasando minhas ações.

Por volta de 1989, algumas ideias e observações de minha juventude me levaram às seguintes conclusões:

1. O pensamento, como uma atividade espiritual autêntica, leva o indivíduo ao reino da consciência além do pensamento, que é o reino ao mesmo tempo da iluminação espiritual e do pensamento criativo.
2. O pensamento autêntico é uma raridade no mundo. Em sua grande parte, a humanidade não pensa realmente e não sabe realmente o que significa pensar. A ausência relativa de pensamento autêntico é uma condição humana que resulta em miséria e sofrimento. Portanto, se pudermos criar uma cultura de pensamento autêntico, seremos capazes de transformar o mundo.
3. Se alguém fosse seguir o caminho da transformação através do pensamento autêntico, este alguém não deveria ser um “guru” que, como uma autoridade externa, passaria sabedoria metafísica aos seus “seguidores”. De preferência, este alguém deveria se comprometer a facilitar transformações na consciência humana através da incitação ao pensamento autêntico – fazendo perguntas que podem causar quebras de paradigmas nos fundamentos do que significa pensar e ser.

4. Se alguém seguir o caminho da transformação através do pensamento autêntico, esse caminho será uma trilha pouco utilizada, pois o pensamento autêntico ou a transformação autêntica é rara, precisamente porque a natureza humana comum, baseada no ego, é tão presente que as pessoas não querem pensar nem querem fazer o que é necessário para causar a transformação.

Começando destas quatro premissas iniciais, desenvolvi uma visão estratégica de quatro pontos para manifestar minha visão eterna.

1. Desenvolver uma cultura global de pensamento autêntico

Pensamento autêntico é a minha tradução para kami-kaeru, a palavra do japonês antigo, assim como kamgaeru na língua moderna, que quer dizer “pensar”. “Kami” tem três significados básicos: (1) a união do masculino com o feminino (simbolizando a criação); (2) o corpo de luz (simbolizando a inteligência divina); (3) o invisível ou não-manifesto (simbolizando a fonte absoluta da existência²). “Kaeru” significa “retornar”. Portanto, kami-kaeru significa “retornar ao kami, à fonte da existência e da inteligência divina, e então retornar de kami, o não-manifesto, para o mundo manifesto através do ato da criação”.

O pensamento autêntico é uma atividade espiritual na qual expressamos nossa inteligência profunda e nosso potencial criativo. O pensamento autêntico consiste em um movimento contínuo complementar entre meditação e criação. Na fase de meditação, retornamos à nossa base espiritual interior, kami, enquanto que na fase de criação, retornamos ao mundo exterior da aparência com novo conhecimento e inspiração. Este movimento de duas vias de meditação e criação é, na essência, a forma como pensam os gênios em seus campos criativos. Virtualmente todos os seres humanos têm a capacidade potencial para pensar desta maneira. Entretanto, infelizmente, o sistema de educação tradicional muitas vezes “des-genializa” as pessoas. Através da promoção do pensamento autêntico, podemos contribuir como o esforço de “re-genializar” as pessoas.

O que as pessoas normalmente pensam que é pensar é o que eu chamo de “acúmulo ordenado de informações³”. É o processo mental de arranjar e rearranjar a informação adquirida de acordo com um princípio organizacional estabelecido. É um processo mecânico que não envolve nenhuma criatividade. Não há nada de errado com o “acúmulo ordenado de informações” em si. Precisamos desta habilidade para agir neste mundo. Mas se esta for a única forma de pensamento, estaremos subutilizando de forma grosseira nossa inteligência e nosso potencial criativo.

² NT: “Ground of being”, ou mahaparinirvana na tradição budista, ou o “Espírito Universal” conforme T. Troward, ou Kami na tradição japonesa.

³ NT: “information shuffling”

Quando nos engajamos no pensamento autêntico, alcançamos e mantemos o todo (kami) em nossa consciência, e aqui o todo inclui as dimensões do desconhecido. No pensamento autêntico, alcançamos e mantemos o desconhecido dentro de nossa consciência para nos tornarmos capazes de pensar o impensável. Alcançar e manter o desconhecido de maneira consciente abre espaço para o surgimento de novas realizações que, por sua vez, abrem novas possibilidades para a transformação. Esse movimento complementar de duas vias entre meditação e criação, que constitui o pensamento autêntico, é o motor evolucionário que dá energia à transformação do ser humano.

2. A transformação da ideosfera – o ambiente metafísico das ideias e da geração de ideias – da configuração concêntrica do passado para a configuração omnicêntrica do futuro

A ideosfera engloba a esfera invisível e metafísica das ideias e da geração de ideias em contraste com a geosfera e a biosfera, que são ambas físicas e visíveis. De acordo com a lei ontológica inversa mostrada anteriormente, que diz que a realidade é proporcionalmente inversa à sensibilidade, a ideosfera é mais real que a geosfera ou a biosfera, que são sensíveis. A ideosfera é claramente o ambiente existente mais próximo, pois ele existe sem uma fronteira entre o interno e o externo. Ela penetra nossa mente e se infiltra em nossa consciência. Portanto, ela tem uma influência poderosa em nosso pensamento e ação.

A maioria das pessoas não exercita sua capacidade de pensar. A maioria das pessoas não pensa de verdade. Na realidade, elas estão sendo pensadas. Elas estão sendo pensadas pelas crenças e pelos padrões de pensamento que condicionaram e aculturaram suas mentes. Elas estão sendo pensadas por seu ambiente ideosférico. E quando as pessoas não pensam, elas tendem a se tornar descuidadas e a se comportar desatenciosamente. A desatenção acaba quebrando a fibra moral da sociedade e da civilização. Portanto, é especialmente importante que transformemos a ideosfera para que as pessoas se tornem pensadores autênticos.

Através da história, a configuração da ideosfera se manteve concêntrica, com autoridades externas no centro, rodeadas de crentes e seguidores, onde a autoridade pensava pelos seguidores. Até hoje em dia, na sociedade ocidental pós-moderna, avançada científica e tecnologicamente, nosso sistema educacional é desenhado para produzir adultos não-pensantes especializados educacionalmente, proficientes intelectualmente e profissionalmente preparados para o mercado, que se contentam em aceitar as crenças existentes e a seguir autoridades externas ao invés de assumir a responsabilidade de verdadeiramente pensar e questionar. Isso ocorre porque o pensamento autêntico requer autoridade sobre si mesmo que, por sua vez, requer autoconhecimento genuíno, sobre o qual nossa educação não fala. Em relação a isso, o filósofo Martin Heidegger diz: “A coisa que mais nos provoca a pensar, nesta época tão provocadora para o pensamento, é que as pessoas ainda não estão pensando”.

No entanto, o impulso evolucionário por otimização empurra, de maneira inexorável, nossa transformação individual e coletiva em direção a um nível de cultura e civilização sem precedentes. A nova configuração da ideosfera consistente com esse impulso evolucionário é

omnicêntrica. A configuração omnicêntrica consiste em indivíduos intelectualmente e espiritualmente independentes que são centros autônomos da ideosfera, ao mesmo tempo em que estão interconectados. Esses indivíduos independentes são autoridades nos assuntos de pensar, conhecer e agir. Eles serão os geradores de seus próprios pensamentos e os originadores de suas próprias ideias, enquanto seus pensamentos, conhecimentos e ações irão se co-desenvolver de maneira sinérgica através da configuração omnicêntrica da ideosfera em desenvolvimento. A atual Revolução da Informação-Comunicação, com a onipresente Internet, é, simultaneamente, a manifestação do aparato e o próprio aparato desta nova configuração omnicêntrica.

Desta forma, a princípio, a transformação da ideosfera não significa a propagação de nenhum grupo de ideias em particular. Ao invés disso, é a transformação da configuração da própria ideosfera em um local onde indivíduos autônomos praticam o pensamento autêntico em sinergia com outros. A esse respeito, vários projetos de diálogo que existem hoje em dia nas frentes da evolução social são de importância vital, porque os processos de diálogo influenciam diretamente o movimento de vórtice da ideosfera. A ideosfera é a matriz global de significado e de valores, que surge através de interações entre as pessoas, criando os seus próprios significados e valores. No diálogo e através dele, interagimos neste campo dinâmico de geração de ideias e dessa forma participamos na geração, no movimento e na transformação da própria ecologia da geração de ideias.

Até hoje, a humanidade, de maneira diretiva, desenvolveu a “mente monológica”, e o que as pessoas pensam se tratar de um diálogo é, na verdade, um monólogo de duas mãos, não um diálogo autêntico. Através do envolvimento no processo dialógico, iremos aprender a desenvolver a “mente dialógica” que vai além da nossa mente monológica. A mente monológica pensa e só pode pensar através do filtro de uma estrutura ou paradigma de interpretação único e monológico. Ela interpreta, ou tenta interpretar, tudo através de um modelo único que foi adotado. Ela não é capaz de entender pontos de vista diferentes. Por outro lado, a marca da mente dialógica é sua capacidade de entender pontos de vista diferentes nos termos que o geraram e manter o desconhecido dentro de seu próprio ponto de vista.

O desenvolvimento da mente dialógica é essencial para o desenvolvimento de uma ideosfera omnicêntrica. Portanto, uma das tarefas mais importantes dos líderes de hoje e de amanhã é envolver as pessoas no processo dialógico. Líderes autênticos de hoje e de amanhã não podem pensar para os outros, mas precisam pensar com os outros para a evolução dialógica da ideosfera.

3. Criação de uma cultura planetária de responsabilidade, autenticidade, integridade e inteireza no contexto do desenvolvimento de um novo princípio organizacional social: Alinhamento Além da Concordância.

Líderes capazes de dialogar com os outros são catalisadores para a geração da cultura de alinhamento. Alinhamento é a congruência entre intenção e comprometimento, enquanto

consentimento é a congruência entre opinião e crença. Alinhamento é o princípio organizacional da ideosfera omnicêntrica, enquanto concordância é aquela da ideosfera concêntrica. A verdadeira democracia só é possível através do alinhamento em um ambiente de ideosfera omnicêntrica.

Em um ambiente omnicêntrico, a unidade é alcançada através do alinhamento de intenções e a diversidade de pensamento individual é apreciada, reconhecida e encorajada. Em um ambiente concêntrico, a unidade é alcançada através da concordância de opiniões e a diversidade de visões individuais é depreciada, reprimida ou desencorajada. Enquanto o alinhamento omnicêntrico de intenções requer a autoridade individual de cada um, a concordância de opiniões concêntrica requer lealdade a uma autoridade externa em particular que é a geradora e promotora de opiniões. Enquanto a unidade através de alinhamento é auto-sustentável, a unidade através de concordância não o é; isso porque unidade através de concordância de opiniões, mais cedo ou mais tarde, se transforma em desunião, conflito e formação de facções opostas. A intenção, quando vem do eu autêntico do indivíduo, origina-se do mais profundo da comunidade humana ou da unidade humana. Por esta razão, a unidade que é alcançada através do alinhamento de intenções é sustentável. Portanto, para que um diálogo seja bem-sucedido, o alinhamento é uma pré-condição essencial.

A cultura do alinhamento além da concordância irá se desenvolver ao mesmo tempo em que a cultura do todo, da integridade, da autenticidade e da responsabilidade irá se desenvolver, porque a consciência que está alinhada é a consciência que conhece, sabe e tem a capacidade de alcançar a inteireza, a integridade, a autenticidade e a responsabilidade. Conforme a cultura do alinhamento se integra com a cultura de pensamento autêntico e com a ideosfera omnicêntrica, o triplo e tri uno desenvolvimento do pensamento autêntico, alinhamento e omnicentrismo irão simultaneamente requerer e engendrar a cultura do todo, da integridade, da autenticidade e da responsabilidade.

4. Evolução contínua da consciência humana

O propósito da vida humana é a auto-realização. A natureza evolucionária do ser humano é tal que a auto-realização, quando autêntica, requer uma auto-transcendência contínua. Portanto, a auto-realização autêntica é a auto-realização através da auto-transcendência, isto é, auto-transformação. O processo de autotransformação é primordial para a evolução da consciência humana. Portanto, as possibilidades evolucionárias da consciência humana são as mesmas que as possibilidades transformacionais de auto-realização. O propósito da vida humana é a auto-realização exatamente porque o vetor intrínseco da consciência humana é em direção à evolução.

A evolução da consciência possui dois aspectos distintos, mas integrais: (1) o desdobramento de modos de consciência cada vez mais holísticos; (2) o desenvolvimento criativo de ordens mais evoluídas de organização e de maiores integrações de complexidade dentro da consciência.

No processo de desdobramento da consciência existem três fases. A primeira fase é o desdobramento do modo objetivo de consciência, no qual a consciência está ciente de um objeto dentro de seu campo de visão, mas não está ciente do eu, o sujeito que está consciente dos objetos dos quais tem consciência. Nesta fase, a consciência está normalmente em um estado de auto-identificação com objetos, o que leva à introjeção no eu ou na superposição do eu com qualidades que pertencem apropriadamente apenas aos objetos da consciência, mas não à consciência em si.

Na primeira fase, a consciência aprende a criar um objeto de si mesma. Portanto, quando nos auto-refletimos, o eu que é refletido não é o eu que está refletindo, mas o eu tornado objeto que está sendo projetado no campo objetivo da consciência com a qualidade de um objeto, que está introjetado nele. O eu tornado objeto, ou o eu-objeto, assume o papel de eu-sujeito e, quando isso ocorre, ele se torna o ego. O ego é o eu-objeto agindo como o eu-sujeito. O ego é o “mim” agindo também como “eu”, o que ocorre em virtude de estar separado e ser diferente de outros egos. Confinado apenas em seu modo objetivo de consciência, sem conhecer os outros dois modos de consciência, a maioria da humanidade existe como um ego separado de outros egos. A história humana até hoje tem sido, em grande parte, resultado de múltiplos “movimentos egóicos”. Se quisermos mudar o rumo da história, precisamos, portanto, parar de repetir este movimento egóico. Precisamos evoluir além do ego, caminhando para os outros dois modos de consciência.

A segunda fase é o desdobramento do modo subjetivo de consciência, no qual a consciência é ciente dela mesma e o eu é percebido como idêntico ao conteúdo da consciência. Neste modo de consciência, o eu-sujeito se torna consciente dele mesmo sem se tornar um objeto. Este conceito é análogo à luz que ilumina a si mesma sem ter nenhum objeto sobre o qual brilhar. O eu-sujeito se conhece sendo ele mesmo. O conteúdo da consciência, nesta fase, é o inverso do conteúdo na primeira fase. Todos os objetos na primeira fase são vistos como vazios em um contínuo supra-sensível. O que parece ser substancial na primeira fase se torna não substancial na segunda fase e vice-versa. Eis a lei ontológica inversa: realidade ou substancialidade são inversamente proporcionais a aparência ou sensibilidade. O budismo usa o termo *sunyata* para descrever esse plano supra-sensível que parece não ter substância no modo de consciência objetivo comum, mas é substancial para o modo de consciência subjetivo que está desperto. Este desdobramento de subjetividade pura é nirvana, no qual é conhecida a realidade além das aparências.

A terceira fase é a fase transcendental, na qual até o estado de nirvana é transcendido. O modo de consciência nesta fase é não-dual e transcende a bi modalidade ou dualidade do objetivo e do subjetivo. A transcendência do nirvana significa o anulamento final de todas as pretensões de existência de um eu. Portanto, nesta fase, a auto-realização envolve uma total auto-transcendência no qual o próprio eu é transcendido. Tanto a consciência objetiva quanto a consciência subjetiva são anuladas e resta a pura consciência-sem-um-objeto-e-sem-um-sujeito, que engloba tanto o modo objetivo quanto o subjetivo como puras potencialidades. Este modo de consciência é conhecido como mahaparinirvana no budismo.

Existem muitas pessoas cultas que negam a existência de um modo de consciência como o nirvana ou o mahaparinirvana, mas um estudo das literaturas filosóficas espirituais do mundo feito com mente aberta iria levar um pesquisador inteligente a confirmar as ocorrências evolucionárias destes dois modos através da história da humanidade. O livro *The Varieties of Religious Experiences* do filósofo-psicólogo William James (que não era um místico) e *Cosmic Consciousness* do psiquiatra Richard Bucke (que era um místico) são dois dos clássicos mais lidos neste campo. Além disso, o filósofo-acadêmico contemporâneo Ken Wilber, em seu trabalho, mostra seguidamente a existência de estados e estágios mais elevados de consciência. Entretanto, de fato, não existe como provar de maneira autêntica e legítima a existência de modos avançados de consciência, a não ser realmente se desdobrando e se desenvolvendo neles. O desdobramento de modos avançados de consciência é a possibilidade evolucionária que convoca a humanidade em sua busca interior. Realizar essa possibilidade abre um caminho para que a humanidade, coletivamente, atinja o estágio de evolução pós-egóico e trans-egóico.

A primeira fase de desdobramento é apenas a condição necessária, mas não a suficiente para ser totalmente humano. Apenas quando entramos na segunda fase de desdobramento que alcançamos a condição necessária e suficiente para sermos totalmente humanos. Pois, apenas quando nos tornamos conscientes de nosso eu-sujeito sem torná-lo um objeto, nós percebemos nosso eu autêntico e realizamos a verdade Socrática: “Conhece-te a ti mesmo”. E, até percebermos nosso eu autêntico, continuaremos presos ao estado de nesciência existencial e identificação com o ego, não importa o quão bem-desenvolvidos ou “brilhantes” formos no modo objetivo de consciência.

A terceira fase transcendental de desdobramento pertence à esfera do trans-humanismo. Aqui nos tornamos conscientes de todo o campo da consciência, incluindo as dimensões objetiva, subjetiva e transcendental. Para esta consciência trans-humanística de integração do todo, evolução é sinônimo de criação. Agora fazemos parte da criação de um processo evolucionário e na evolução do próprio campo evolucionário. Se a evolução consciente, na qual somos conscientes do fenômeno e dos princípios da evolução, é a “evolução ao quadrado”, então a participação na evolução do próprio campo evolucionário é a “evolução ao cubo”, uma possibilidade de proporções realmente cósmicas.

Na evolução ao cubo, a tendência natural de evolução que se desenvolve em direção a ordens cada vez mais altas e a complexidades cada vez maiores, torna-se um processo de desenvolvimento consciente, criativo e participativo. Tornamos-nos engajados criativamente no desenvolvimento de ordens mais altas de organização e de maiores integrações de complexidade dentro do campo objetivo da consciência, que é cognitiva e energeticamente intensificada pelo impacto composto que é gerado na integração dos três modos de consciência.

Portanto, ter nascido como um ser humano é ter nascido com a capacidade de ser totalmente humano e trans-humano – de transcender os limites do modo objetivo e relativo da

consciência humana. Dessa forma, nossa jornada cósmica de evolução continua. Evolucionariamente ainda temos trabalho a fazer. As possibilidades que existem para nossa evolução são infinitas. Nossa jornada evolucionária é uma jornada trans-finita que fazemos do finito rumo ao infinito dentro do infinito.

Uma Visão Realizada

Um novo mundo pede a criação de uma nova realidade, além da mera criação de uma nova visão de mundo. Uma nova realidade é a experiência de um novo amanhã, que emerge da origem sempre presente que faz parte de todo o caminho evolucionário. A origem sempre presente, ou a fonte absoluta e eterna do ser, é também o horizonte sempre presente do amanhã. Apesar de nenhuma nova realidade que criarmos no tempo ser a realidade final, todos os dias temos a oportunidade de experimentar um novo amanhã, uma nova realidade, que irá nos levar à criação de um novo mundo.

Somos moldados não apenas pelo ontem e pelo hoje, mas também pelo amanhã. O tipo de amanhã que carregamos nos molda de maneira ainda mais poderosa e fundamental que o tipo de ontem ou hoje que contemos. Se perdermos a oportunidade de visualizarmos um novo amanhã, estaremos apenas trazendo um velho ontem e, portanto, repetindo a mesma reciclagem eterna do nosso velho karma. De fato, só quando podemos provar o gosto do eterno é que também podemos experimentar um novo amanhã, e a oportunidade de experimentar o eterno está sempre presente, inerente em nós aqui e agora.

Um novo amanhã, uma nova realidade, está gravada na eterna realidade que é a fonte do nosso ser e a origem sempre presente de nossa evolução. Uma nova realidade é a realidade eterna se desdobrando no tempo através do movimento dinâmico de duas vias de ida e volta (kaeru) para a origem (kami) sempre presente. Portanto, é o pensamento autêntico (kamikaeru) através do qual podemos experimentar um novo amanhã e presenciar uma nova realidade.

Como Helen Keller disse, “a vida é uma aventura ousada ou não é nada”. O silencioso chamado do desconhecido que me induz a olhar para dentro e a criar para fora, ou voltar às origens e depois retornar ao mundo, é um convite para a vida que é uma aventura ousada. Este chamado é também uma voz de compaixão, clamando por sabedoria em mim para que eu possa servir aos meus companheiros humanos na jornada sem fim de nossa evolução, suscitando sabedoria em seus corações e almas, ao invés de permitir a continuidade da ignorância e da loucura. Esta é minha visão máxima e a minha promessa sagrada à divindade dentro e fora de mim, o todo integrado que meus ancestrais japoneses chamavam de kami. E em kami minha visão é realizada.

Alinhamento além da Concordância

1. Alinhamento vs. Concordância

Alinhamento é a congruência de intenções, enquanto consentimento é a congruência de opiniões.

Opinião é uma suposição elevada ao nível de uma conclusão considerada correta, mas que não é comprovada por prova positiva – racional ou evidente. Como falta de concordância significa diferença de opinião, a falta de concordância normalmente termina em uma disputa para decidir quem tem a opinião certa. Quando a disputa não é resolvida através da lógica do argumento, a falta de lógica do poder tende a prevalecer sobre o correto, resultando, às vezes em conflitos violentos.

Alinhamento não requer concordância como uma condição necessária. Alinhamento, enquanto congruência de intenções, é a congruência de uma resolução para se atingir um objetivo específico. Como um objetivo é e está no futuro, variáveis desconhecidas e imprevisíveis inevitavelmente entram na equação para seu alcance. Portanto, o espírito da busca faz parte do alinhamento.

O espírito da busca gera um diálogo-em-ação aberto e envolvente. Participantes de uma busca trazem pontos de vista diferentes enquanto continuam unidos na mesma busca. Quando eles escolhem um curso de ação de maneira conjunta, eles sabem que a escolha é uma tentativa de acordo conjunto, que pode ser modificado, alterado ou até mesmo descartado no decorrer do caminho. A questão não é “quem está certo”, mas “o que é o melhor” para realizar a intenção.

Alinhamento gera sinergia. Segundo a definição de R. Buckminster Fuller, sinergia significa comportamentos de sistemas completos que não são previsíveis a partir dos comportamentos de seus subsistemas tomados separadamente e observados separados do todo⁴. Quando indivíduos estão alinhados em uma busca, sua inteligência coletiva normalmente produz resultados que estão além da inteligência de qualquer indivíduo em particular. Apesar do locus do pensamento sempre se manter dentro do indivíduo, o impacto sinérgico do pensamento dos outros leva o indivíduo além do modo normal e das fronteiras de seu próprio pensar.

A inteligência segue a intenção. A intenção alinhada cria um campo sinérgico de coerência espiritual que funciona como um canal para o aumento da inteligência e para o fortalecimento da ação além da limitação usual do indivíduo.

⁴ Esta definição de sinergia é uma combinação modificada da definição original em Fuller, R. Buckminster, Synergetics, 1975, e Synergetics 2, 1979.

Isto explica em parte a ocorrência do rápido aparecimento concentrado de gênios extremamente criativos em certas épocas da história, como a Grécia antiga, a Renascença ou o Iluminismo.

Em uma organização ou movimento baseado no alinhamento de intenções, a falta de concordância entre os participantes não diminui, mas até aumenta o poder de alinhamento e seu impacto sinérgico. Pluralidade e diversidade de ideias e visões, unidas em uma mesma intenção compartilhada, enriquecem mutuamente uma a outra para atingir um fim comum. Em uma organização ou movimento baseado na concordância, por outro lado, o desentendimento entre os participantes leva a batalhas internas, política separatista, divisão de grupos e, eventualmente, à dissolução.

Uma organização baseada na concordância de opiniões pode se transformar em uma organização baseada no alinhamento se passar o foco de seus valores de para alinhamento, de opinião para intenção. Alinhamento não é um estado estático; é um processo dinâmico de alinhamento e realinhamento constante no movimento contínuo do tempo através de um comprometimento atemporal com uma intenção.

As pessoas que possuem opiniões diferentes podem se alinhar em suas intenções. Não precisamos mais da política comum de opinião-dominância, que subverte a própria integridade da unidade humana⁵. Ao invés disso, precisamos de uma nova política de intenção-alinhamento, que é uma arte co-criativa de co-existência e contribuição mútua e pacífica entre as pessoas e as nações através do alinhamento de intenções além da concordância ou da discordância de opiniões.

Um grupo de desafios críticos com os quais a humanidade atualmente se depara inclui o desafio de conseguirmos passar nosso foco de valores da opinião para a intenção, de conseguirmos defender intenções comuns, de conseguirmos transcender as diferenças de opinião e nos unirmos em intenções comuns, de conseguirmos criar um alinhamento planetário para atingir nossas intenções comuns, e de conseguirmos reconciliar intenções aparentemente conflitantes ou desalinhadas.

2. Natureza da Opinião

A opinião é uma substituta do conhecimento autêntico. A natureza epistêmica da consciência humana é de tal forma que obtemos acesso à realidade conceitualmente através de formas simbólicas abstratas no espaço simbólico das imagens e palavras. O conhecimento autêntico ou a verdade é entendido tradicionalmente como um arranjo de representações simbólicas coerentes unificadas em um contexto que é idêntico à (experiência humana da) realidade. Entretanto, exceto na disciplina da ciência física, onde o método científico e o padrão de

⁵ NT: No original “human-unity”, ou humana-unidade, como uma forma de se referir à humanidade ou à unidade humana.

conhecimento foram estabelecidos há muito tempo, a distinção entre opinião e conhecimento em outros campos da busca epistêmica contínua, de certa forma, obscura.

Com o estabelecimento do método científico nos séculos 17 e 18 por pensadores como Galileu, Bacon, Descartes, Newton e Leibniz, a ciência física de natureza exterior, em seus aspectos quantitativos e quantificáveis (qualidades primárias), foi emancipada do campo da pura especulação ou da opinião. O pensamento científico autêntico é o conhecimento alcançado através da aderência rígida ao método científico. O que torna o conhecimento científico objetivo é a objetividade de sua natureza pública, ou o método científico por si mesmo.

Na ciência, alegações de conhecimento são legitimadas não pelas suas origens, porque as origens do conhecimento – experiências e observações individuais humanas – são diversas e sujeitas a falhas, mas pelas normas e regras de pesquisa estabelecidas objetivamente: o método científico. Portanto, na ciência, o método é o árbitro e o juiz final do conhecimento que, por seu desenho, sempre permanece como uma hipótese, verificável ou passível de ser negada e constantemente sob o processo de modificação ou revisão no caminho de seu destino final – hipótese ou teoria final da realidade física⁶.

Entretanto, não existe método objetivo de pesquisa ou padrão de conhecimento em nenhum outro campo de busca epistemológica. Ciência significa a busca sistemática de conhecimento da realidade reduzida à categoria de quantidade. O domínio da pesquisa científica apropriada está fora do campo qualitativo da realidade e da dimensão de valores da vida⁷. A realidade, ou a experiência da realidade, entretanto, não é limitada ao campo quantitativo. Para levarmos uma vida com significado, como um ser humano funcional, precisamos de conhecimento substancial no campo qualitativo, de valores e de significado. Entretanto, quando se trata de conhecimento nesses campos, a humanidade continua essencialmente no nível da opinião.

Enquanto o conhecimento da ciência física quantitativa busca a objetividade através da aderência ao método científico, o conhecimento qualitativo de valor e de significado busca a certeza através da conquista da sabedoria. A sabedoria é o discernimento apreciativo e o rigor crítico que diz respeito à qualidade, valor e significado, que emerge de um conhecimento sistêmico da realidade que é livre da fragmentação egóica⁸. Enquanto não alcançar a

⁶ Uma análise e uma síntese mais completa do método científico podem ser encontradas na obra do filósofo americano Charles Sanders Peirce. *The Essential Peirce Vol 1 e Vol 2*, 1998.

⁷ O trabalho científico contemporâneo de cientistas orientados por sistemas como Ervin Laszlo e Wing Pon expandem a disciplina da ciência além do campo quantitativo. (Veja o livro de críticas de Yasuhiko G. Kimura sobre o trabalho destes cientistas que está disponível no VIA: *The Journal of New Thinking for New Action*, 2004)

⁸ Os termos “discernimento apreciativo” e “rigor crítico” foram tirados do livro *The Creative Vision*, Latsawa, 1987, do acadêmico budista Herbert Guenther e de suas outras obras, incluindo *Thig-je: Ultimate Simplicity as Dynamic Multiplicity – singulare tantum*, um manuscrito ainda não publicado.

sabedoria, o conhecimento qualitativo continuará no nível da opinião, considerado correto, mas sem oferecer certeza. A sabedoria requer uma intensificação sistêmica da capacidade cognitiva intrínseca e, portanto, um autodesenvolvimento e uma auto-intensificação sistemática da capacidade cognitiva interior. Infelizmente, relativamente poucas pessoas se envolvem em um trabalho de autodesenvolvimento em direção à sabedoria genuína deste tipo. Assim, nosso mundo tende a se manter mais opinativo que sábio.

Apesar disso, o conhecimento em relação a valor e significado tem um sentido fundamental para os seres humanos. A certeza epistêmica em relação a questões fundamentais de valor e significado nos incute certeza existencial e segurança psicológica. Tradicionalmente, a religião deveria oferecer respostas a essas questões fundamentais de valor e de significado. Entretanto, a religião muitas vezes oferece respostas na forma de meras crenças, isto é, opiniões e, assim, oferece apenas algo parecido com a certeza. Como as religiões ainda oferecem simples crenças e opiniões, elas podem apenas oferecer aos seus seguidores uma falsa sensação de certeza ou segurança. No fundo de sua psique, os “seguidores” religiosos continuam incertos e inseguros. O extremismo do fanatismo ou do fundamentalismo religioso absoluto é uma expressão psicológica reacionária guiada pelo medo dessa profunda incerteza e insegurança.

De maneira similar, em sua busca por certeza e segurança, as mentes seculares modernas e pós-modernas não estão livres de tendências absolutistas ou extremistas características do modelo mental de crentes religiosos. Tanto a mente moderna quanto a pós-moderna produziram duas escolas extremistas-absolutistas de pensamento, o primeiro sendo o materialismo e cientificismo e o segundo sendo o relativismo e o subjetivismo. A certeza é a necessidade espiritual e existencial da psique humana, que nenhuma opinião ou crença absolutista-extremista pode oferecer.

O que começou no século 17 como um foco primário de investigação científica – o campo material da realidade que leva à mensuração quantitativa – chegou ao século 20 sendo considerada a única realidade existente: materialismo ou monismo materialista. O método científico originalmente desenvolvido no século 17 para investigação objetiva chegou ao século 20 sendo considerado o único método legítimo de se chegar a um conhecimento válido: cientificismo. Mas, ironicamente, o materialismo, o cientificismo e sua combinação, o materialismo científico, permanecem sendo meras opiniões, junto a outros tipos de opinião-qua-conhecimento, porque sofrem de irracionalidade auto-enganatória de se excluírem do modelo de conhecimento que defendem ser o válido. Isto é, o materialismo, em seu cerne, pertence ao domínio da meta-física e do cientificismo não quantitativo, pois sua formulação teórica não é baseada no método científico.

O relativismo, que defende a mente pluralística pós-moderna, é a opinião que absolutamente nega qualquer tipo de absolutismo. O relativismo se propõe a reduzir qualquer tipo de absolutismo a um tipo de relatividade, enquanto, de maneira irracional e absurda, faz de si a única exceção. O relativismo afirma categoricamente que é absolutamente verdadeiro que

não existe nenhuma verdade absoluta, e que é absolutamente verdadeiro que não há verdade absoluta. O subjetivismo, por outro lado, afirma universalmente que o conhecimento humano nunca pode escapar da subjetividade humana e, portanto, nenhum conhecimento objetivo é possível. O subjetivismo, portanto, nega, de maneira irracional, a objetividade em toda afirmação de conhecimento possível, exceto por si próprio e, portanto, nega a sua própria validade.

O discurso público atual é normalmente dominado por fundamentalismo religioso de várias denominações persuasivas (o absurdo do absolutismo ou o absolutismo plural) por um lado e por um extremismo secular de várias frentes filosóficas (o absurdo absoluto do relativismo absoluto e o subjetivismo objetivo absoluto) por outro lado. Até as vozes da sabedoria e da razão absoluta dos sábios e dos gurus atuais vem usualmente misturadas com o barulho da comoção opinativa e desaparecem em um relativismo raso e mono-dimensional de múltiplas opiniões.

As pessoas, normalmente, têm opiniões diferentes, em alguns casos profundamente diferentes, tão profundamente que elas falam literalmente línguas diferentes, mesmo quando compartilham uma herança linguística comum. Nenhuma concordância universal em assunto algum será provavelmente alcançada. Portanto, se pudéssemos apostar nosso futuro na concordância, na congruência de opiniões variadas, estaríamos cometendo um erro grave. O que está acontecendo hoje é que aqueles que compartilham da mesma opinião formam um grupo seu muitas vezes contra outros grupos que possuem opiniões diferentes ou opostas. Esta tendência é mais clara no mundo da política ou em qualquer lugar que envolva política, porque a política, como é praticada hoje, é baseada em e se fortalece na lógica do versus, da oposição e do conflito. O que é considerado um conflito religioso ou étnico é, na realidade, muitas vezes, um conflito político em busca de poder no campo de batalha da opinião-dominância.

3. Transcendendo a Opinião

Os seres humanos são seres de consciência simbólica. Obtemos acesso à realidade através da recriação simbólica da realidade no espaço simbólico das imagens, linguagens e conceitos. Dessa forma, no nosso processo de adaptação ao mundo, nos tornamos culturalmente envolvidos neste espaço simbólico e abstrato. Nossa opinião não é apenas um ponto de vista que eventualmente assumimos para nos relacionar com o mundo. Nossa opinião, na verdade, constitui uma parte significativa da nossa auto-identidade egóica que existe neste espaço simbólico. Isto é, identificamos nosso eu egóico com as opiniões que possuímos. Em um nível significativo nós SOMOS nossas opiniões. Portanto, a disseminação de nossa opinião é equivalente à propagação de nosso eu egóico. A negação de nossa opinião é equivalente à negação de nosso eu egóico. Dependendo do grau em que nossa opinião é validada ou invalidada, nossa existência egóica é validada ou invalidada. Por esta razão, a disputa para decidir quem possui a opinião correta pode se tornar uma batalha de vida e morte.

Para transcender as amarras da opinião, precisamos inicialmente transcender as amarras de nosso eu egóico, porque o poderoso domínio que a opinião possui em nossa existência surge da identificação equivocada de nossa opinião com o nosso eu egóico, que pensamos ser o nosso verdadeiro eu.

O eu é o locus de integridade que mantém a experiência coerente. A integridade é a coerência intencional que mantém o equilíbrio e a harmonia do todo. O eu egóico tem o seu locus de integridade na noção do “eu” dentro do espaço abstrato e simbólico. A noção do “eu” ou do ego existe em contraposição à noção do “não-eu”. Dessa forma, o ego, enquanto locus de integridade que mantém a experiência, mantém a experiência unida em termos da divisão entre o “meu” e o “não-meus”.

Mais precisamente, o eu egóico existe como uma estrutura no espaço simbólico da linguagem. O eu egóico é a frase estrutural: “Eu sou o que Eu sou X” ou “Eu sou o que é X”, no qual o predicado “sou o que Eu sou X” ou “sou o que é X” se torna o auto-identificador do “Eu” e o “que eu sou X” ou “que é X” se torna a auto-identidade do “eu”. Enquanto a estrutura de uma opinião pode ser reduzida a “(o que) é X”, fica fácil reconhecer como o eu egóico se identifica com suas opiniões.

No processo de nossa adaptação ao mundo, nos termos do eu egóico, o número de Xs no “que eu sou X” e “que é X” aumenta, conforme aumenta os números de Ys no “que eu não sou Y” ou no “que não é Y”. Dessa forma, a “individualidade” que se desenvolve com o eu egóico é baseado na divisibilidade do mundo entre o “Eu” e o “não-Eu”. Dentro do espaço simbólico, a divisibilidade serve como um propósito e função importantes para fazer a distinção e a diferenciação e, portanto, para a conceitualização e a comunicação. Mas o eu egóico não é o eu todo, nem a “individualidade” egóica é a verdadeira individualidade.

A totalidade da nossa experiência inclui tanto as experiências simbólicas quanto as não-simbólicas, tanto as experiências internas quanto as externas. Nosso eu verdadeiro ou eu inteiro é o locus de integridade que mantém e apóia de maneira coerente a totalidade de nossa experiência – o simbólico e o não-simbólico, o interior e o exterior. Na presença de nosso eu inteiro como o locus de integridade, tudo aquilo que constitui nossa experiência total é juntada integralmente em um todo indivisível. Este todo indivisível é a nossa verdadeira individualidade (do latim *individuus*: in-, não, +*dividuus*, divisível), que é diferente da nossa “individualidade” divisível do eu egóico.

Segundo Ken Wilber, o termo “Kosmos”, é definido como o universo exterior (o cosmos) entrelaçado com o universo interior (a mente)⁹. Nosso eu verdadeiro e inteiro é o Eu Cósmico, que é o locus de integridade que mantém e apóia de maneira coerente, em sua totalidade, a experiência total do universo exterior mesclado inexoravelmente ao universo interior,

⁹ A definição do termo “Kosmos” é alinhada conceitualmente com a definição original de Ken Wilber em *Sex, Ecology, Spirituality: The Spirit of Evolution*.

incluindo o universo simbólico das imagens, linguagens e conceitos. O Eu Cósmico é o desígnio do eu na presença do qual emerge a verdadeira individualidade. Quando expressado como uma frase, o Eu Cósmico é “Eu sou o que Eu sou” sem nenhum ‘X’ específico.

O eu egóico é um subsistema do Eu Cósmico, da mesma forma que o universo simbólico é um subsistema do Kosmos completo. A formação de opiniões é um sub-processo do processo integral de recriação de nossa experiência de realidade dentro do espaço simbólico. Da perspectiva Cósmica, nós temos o nosso eu egóico, mas não somos o nosso eu egóico; e nós temos nossas opiniões, mas não somos nossas opiniões. Vendo através da realidade do que é o eu egóico e da realidade do que é a opinião, transcendemos e nos libertamos das amarras do ego e da opinião com o qual o ego tende a se identificar.

4. Criando Alinhamento

Tanto a intenção quanto a opinião são funções do pensamento simbólico. Entretanto, enquanto a intenção é criativa e voltada para o futuro, a opinião é reativa e baseada no passado. A intenção usa o pensamento simbólico para criar um futuro como uma ideia ou visão, enquanto a opinião a usa para recriar simbolicamente as observações do passado. Intenção seguida de ação transforma ideia em realidade. A etimologia indica que “ter intenção” significa “estender-se para” (do latim intendere: in-, na direção de, +tendere, tender). Através da ação da intenção, nós estendemos nosso pensamento e imaginação em direção a um futuro e, através da ação, nós o tornamos realidade.

Uma pesquisa pioneira realizada por Cleve Backster mostrou que organismos sencientes que vão desde plantas e bactérias até células humanas respondem aos pensamentos e intenções humanas¹⁰. Uma pesquisa do cientista experimental William Tiller e de seus colegas mostrou que mesmo o que é chamado de matéria não-senciente responde aos pensamentos e intenções humanas¹¹. Várias obras de pensadores iluminados como Thomas Troward, Walter Russell, Ernest Holmes e Harold Percival mostraram que este universo (Kosmos) é um universo criado pelo pensamento¹², cuja visão o pesquisador transdisciplinar Keith Chandler chama de realismo mental em justaposição ao realismo físico¹³.

¹⁰ Backster, Cleve, Primary Perception: Biocommunication with Plants, Living Foods and Human Cells.

¹¹ Tiller, Willian A.; Dibble, Walter E.; Kohane, Michael J., Conscious Acts of Creation: The Emergence of a New Physics. Also, Tiller, William, “Toward Quantitative Science and Technology that Includes Human Consciousness”, VIA, The Journal of New Thinking for New Action, Vol 1, No. 4, Vision-In-Action, 2003.

¹² Grandes trabalhos destes autores são os seguintes: Thomas Troward, The Creative Process in the Individual (1915); Walter Russell, The Universal One (1926); Earnest Holmes, The Science of Mind (1938); Harold Percival, Thinking and Destiny (1946).

¹³ Chandler, Keith, The Mind Paradigm: A Unified Model of Mental and Physical Reality, 2001.

De acordo com uma perspectiva mental realista, em alguns níveis de realidade, o pensado ou o intencionado invariavelmente acontece, apesar de possivelmente não ser visto ou ser invisível. Isto significa que nossa intenção possui uma consequência e que somos responsáveis por nossos pensamentos e intenções e suas consequências. Isto também significa que temos poder de impactar o destino do mundo tanto quanto nosso destino individual.

Dessa forma, o mundo como o vemos hoje pode ser visto como uma manifestação de intenções coletivas de toda a humanidade. De acordo com isso, somos coletivamente responsáveis pelo estado das coisas do mundo. Portanto, podemos assumir responsabilidade individual pelo destino de nosso mundo – se não do mundo todo integralmente. Proclamar o poder de ajudar a moldar o destino de nosso mundo pode ser realmente a posição mais poderosa que podemos assumir em nossas vidas.

Olhando para o mundo como um todo, reconhecemos que o problema fundamental e subjacente do mundo é a quebra sistêmica da integridade, afetando e afligindo todo o meridiano da unidade humana. Por exemplo, a disparidade astronômica de riqueza que existe entre os ricos e os pobres do mundo é um sinal claro da quebra da integridade da unidade humana. Os conflitos sem fim que existem em certas partes do mundo também são sinais definitivos de quebra da integridade da unidade humana. Integridade significa coerência intencional, que mantém o equilíbrio e a harmonia do todo. Portanto, uma quebra de integridade indica uma deficiência de intenções por coerência, bem como a ausência de coerência propriamente dita.

Existe uma ampla gama de intenções que compõem o mundo humano, mas muitas delas estão desalinhadas ou são conflitantes. Intenções baseadas no ego são muitas vezes desalinhadas ou estão em conflito; intenções baseadas no Kosmos são basicamente alinhadas e estão de acordo. Enquanto a intenção básica das intenções baseadas no ego é o avanço do eu egóico e tudo com o que ele se identifica, a intenção básica das intenções baseadas no Kosmos é o avanço do todo, isto é, o avanço do Eu Cósmico em unidade com um mundo de experiências que é coerente dentro de um todo, quando o Eu Cósmico é o locus de integridade.

É desnecessário dizer que as intenções egóicas dominam e sempre dominaram o mundo. Mesmo aqueles que se dizem líderes de causas para o avanço do todo são algumas vezes motivados por orientações egóicas e intenções que servem apenas a eles próprios. Uma orientação egóica é intrinsecamente antiética e não leva a um alinhamento bem sucedido. Mas, para se criar uma mudança significativa e o desenvolvimento no mundo e para se gerar cada vez mais integridade através do sistema integral da unidade humana, é exatamente entre estes que são orientados pelo ego que o alinhamento precisa acontecer.

A criação de um alinhamento bem sucedido requer uma causa, uma causa final, que transcende, mas inclui, as intenções individuais e as preocupações do eu egóico. Aqueles que são cósmicamente orientados já são cósmicamente alinhados. A principal responsabilidade dos cósmicamente alinhados é não apenas trabalhar uns com os outros para aumentar o

alinhamento cósmico entre eles, mas também engajar todos os níveis e tipos de pessoas na criação de um alinhamento desenhado para ser o mais inclusivo possível e o mais sinérgico possível. Eles são unicamente qualificados para a tarefa de criar uma intenção visionária que serve como uma causa final e como um vetor único que gera um campo energético-sinérgico de alinhamento.

Para gerar um alinhamento bem sucedido é necessária uma criatividade enorme; é necessária uma arte de co-criação dinâmica e colaborativa. Um alinhamento co-criado de maneira intencional com um desenho criativo em seu todo é chamado de aliança criativa. Aliança criativa é uma ordem projetada de alinhamento energético-sinérgico desenhado para facilitar o melhor surgimento de uma ordem espontânea para a realização de uma intenção comum e para se alcançar uma visão compartilhada.

5. De Solução para Resolução

A frase bastante citada de Einstein que diz que, de fato, um problema não pode ser efetivamente solucionado no mesmo nível de pensamento que o criou, não traz a questão mais crítica: como transcender o nível de pensamento que criou o problema. Mesmo Einstein, entretanto, em duas obras suas de 1905, não apenas solucionou um conjunto de problemas que afligia o mundo da física na virada do século 20, mas também, dizendo de maneira mais correta, os resolveu através da proposta de uma nova visão do universo onde as leis da física eram invariáveis, a velocidade da luz era constante, o espaço-tempo era relativo e o éter, conforme suposto anteriormente, não era necessário¹⁴. Dessa maneira, Einstein demonstrou, através de seu trabalho, o que significa transcender o nível de pensamento que havia criado o problema, resolvendo-o em um nível de pensamento mais evoluído.

Existem duas abordagens diferentes para a solução de problemas: a abordagem atomística e a abordagem sistêmica. Nossa abordagem mais comum para a solução de problemas é buscar uma maneira de achar uma solução particular para o problema em questão. Essa é a abordagem atomística, na qual os problemas são identificados localmente e são isolados do sistema como um todo, e soluções particulares são formuladas para solucioná-los. Dessa forma, para existir, uma solução formulada precisa da existência daquele mesmo problema para qual é a solução. Isso porque existir significa ter uma identidade. Portanto, para a existência da solução é necessária sua identidade enquanto solução para um problema. Isto é, a existência atomística da solução depende da persistência atomística do problema. Nenhuma mudança de visão de mundo aconteceu; o problema e a solução co-habitam o mesmo mundo onde o problema originalmente surgiu. Além disso, as soluções formuladas de maneira atomística tendem, mais cedo ou mais tarde, a se tornarem novos problemas a serem solucionados.

¹⁴ “On the Electrodynamics of Moving Bodies” e “Does the Inertia of a Body Depend on Its Energy Content?”, estão incluídas em Einstein’s Miraculous Year: Five Papers that Changed the Faces of Physics (John Stachel, Editor), 1998.

Existe uma abordagem diferente para a solução de problemas, a abordagem sistêmica, que envolve um nível superior de pensamento em relação ao nível de pensamento onde o problema em questão foi criado. Essa abordagem requer (1) que tenhamos uma visão de um mundo completamente novo ou um sistema completamente novo onde o problema em questão nem ao menos existe e, (2) que, de maneira sistêmica e sistemática, tomemos as ações necessárias para criar este novo mundo.

Outra das grandes frases de Einstein, “imaginação é mais importante que conhecimento”, refere-se diretamente à diferença entre essas duas abordagens para a solução de problemas. No espaço simbólico de imagens e conceitos, a imaginação criativa constrói um futuro, enquanto o conhecimento de informações reconstrói o passado. Quando confrontados com problemas, habitualmente buscamos soluções dentro daquilo que já conhecemos – o campo de nosso conhecimento. Entretanto, o tipo de conhecimento que temos, o tipo de seres que somos e o tipo de pensamento que usamos, constitui o tipo de mundo que habitamos, que produz os problemas que temos e as soluções que formulamos.

A quebra sistêmica da integridade que subjaz os problemas existentes no mundo é sintomático do tipo de conhecimento que temos, do tipo de seres que somos e do tipo de pensamento que usamos. Para solucionar esta quebra sistêmica de integridade, precisamos criar um novo mundo onde a integridade sistêmica e a coerência esteja presente. Observando uma quebra particular de integridade sistêmica como uma manifestação holográfica de uma quebra sistêmica do todo, podemos abordar sistemicamente um problema em particular. Entretanto, mesmo quando lidamos com um problema em particular, inicialmente precisamos ter uma visão de todo um novo mundo onde quebras de integridade não existam e onde a coerência sistêmica esteja presente.

Na abordagem sistêmica, que Einstein demonstrou em seu trabalho, temos a visão de um novo mundo, um novo universo, livre dos problemas em questão. A diferença entre os mundos da ciência teórica e o da ação humana (praxiologia) é que no último, ter a visão de um mundo onde o problema não existe não é o ponto final como é no primeiro, mas é o começo de uma ação necessária para a criação daquele mundo.

A visão daquele novo mundo faz com que as pessoas se alinhem. A intenção de criar aquele novo mundo gera alinhamento. No ato de visualizar um mundo onde os problemas atuais do mundo não existam, nós teremos resolvido os problemas dentro do espaço simbólico da imaginação e da geração de ideias. Esta resolução simbólica de problemas através da visão evolui para uma resolução alinhada para a criação daquele mundo na realidade.

Como o novo universo visualizado por Einstein requer um novo conjunto de equações matemáticas, o novo mundo visualizado por uma aliança integradora requer um novo conjunto de equações praxiológicas próprias para aquele mundo. Isto é, os princípios da ação humana e o desenho do alinhamento humano para a criação do novo mundo precisam ser aqueles do novo mundo, não os do mundo atual, para que aquele mundo se torne realidade. Pede-se de nós que sejamos e ajamos de acordo com os princípios e o desenho do mundo

visualizado, não do mundo atual. Gandhi disse isso de maneira eloquente. “Seja a mudança que você deseja fazer”. Precisamos ser antes que possamos nos tornar. Isto também corresponde ao profundo, mas aparentemente paradoxal, ensinamento budista que diz que para chegar ao outro lado do rio (nirvana) vindo deste lado (samsara), é preciso partir do outro lado.

Por natureza, a opinião pertence a este lado do rio e, portanto, com a opinião, não há concordância que possa nos levar para o outro lado do rio. Apenas a intenção alinhada, fortalecida e tornada possível pela visão do outro lado, pode nos levar para o outro lado do rio. A ordem projetada de aliança criativa vem do outro lado. A ordem espontânea se desdobra na recriação intencional do outro lado do rio neste lado. O alinhamento se torna uma dança criativa entre as ordens projetadas e as espontâneas. Alinhados, permanecemos neste, mas não somos deste mundo, porque nós somos do outro mundo que nós temos como visão, para a criação do qual estamos juntos engajados em ação transformativa.

Despertando para as Mais Altas Possibilidades da Integridade

Problemas são abundantes no mundo, demandando soluções eficientes. As pessoas muitas vezes propõem soluções satisfatórias, mas que, mesmo assim, não fazem diferença. Não existe nem uma escassez de ideias nem uma falta de inteligência neste planeta. Mas, quando as pessoas começam a agir para solucionar problemas ou para causar mudança, elas sentem dificuldade em sustentar até o final o mesmo comprometimento com o qual começaram. Esta é a principal razão pela qual boas ideias falham quando tentam causar uma diferença significativa¹⁵.

São raros os indivíduos capazes de sustentar seus comprometerimentos até o fim para alcançar os resultados que buscam. Mesmo quando eles não conseguem alcançar seus propósitos por razões além de seu poder individual ou porque o propósito é muito audacioso para ser realizado em apenas uma vida, seu comprometimento continua vivo e consistente. Seu comprometimento perdura muito além de suas vidas, transmitido para e recriado por indivíduos comprometidos de gerações seguintes. O que distingue estas pessoas notáveis do resto da população, que muitas vezes se perde no labirinto da mediocridade? Qual é a marca que tão significativamente os distingue? A resposta se encontra na qualidade de existência chamada integridade.

O que é integridade? O termo “integridade” pode ser definido em três níveis: (1) ser verdadeiro em relação aos seus princípios; (2) ser verdadeiro em relação à sua palavra e seu compromisso e; (3) ser verdadeiro em relação a você mesmo. Integridade significa ser verdadeiro em relação a seus princípios, a sua palavra, e em relação a você mesmo, e a verdadeira integridade envolve haver um acordo completo entre estes três níveis de verdade. As pessoas que conseguem sustentar seus comprometerimentos são aquelas que dizem: “Estou comprometido a fazer X acontecer” e daí segue através dos estágios necessários de ação para garantir que X aconteça. Estas pessoas possuem integridade. Elas sustentam seus comprometerimentos até o final. Afirma-se que Deus disse: “Que se faça a luz”, e imediatamente se fez a luz. No caso dos humanos, leva tempo e é necessário comprometimento para que as coisas aconteçam, mas o princípio é o mesmo. Por exemplo, nós dizemos: “Que se faça a paz na Terra”. Se a maioria de nós tiver verdadeira integridade, com a qual nós estaremos preparados para tomar ação de maneira sustentável, a paz certamente irá prevalecer na Terra.

Integridade e Auto-Conhecimento

Quando observamos indivíduos que sustentam seu comprometimento e alcançam seus objetivos, notamos que seus princípios morais e filosóficos, seu comprometimento, e o que são, estão todos de acordo. Isto implica que podemos sustentar apenas o tipo de

¹⁵ NT: Esta afirmação é especialmente válida para nós brasileiros. Como disse Stephen Kanitz “temos iniciativa, mas falta acabativa”.

comprometimento que está de acordo com quem e com o que somos e com nossos princípios e valores. Portanto, a menos que seja uma expressão autêntica de quem somos e a menos que seja consistente com nossos princípios, nosso comprometimento não é autêntico. Se nosso comprometimento não for autêntico, independente de quanta força de vontade tivermos, será pouco provável que consigamos mantê-lo. Portanto, a essência da integridade é “seja verdadeiro para consigo mesmo”.

Ser “verdadeiro com você mesmo” soa como se houvesse uma dualidade existente entre você, que está sendo verdadeiro para seu eu, e seu eu, para quem você está sendo verdadeiro. Na verdade, eles são um e o mesmo, e é aí que mora o segredo do “seja verdadeiro para consigo mesmo”. Isto é, ser verdadeiro para você mesmo significa ser verdadeiramente você mesmo. E ser verdadeiramente você significa que você conhece seu verdadeiro eu, que você verdadeiramente conhece seu verdadeiro eu... Isto significa que você realiza a injunção Socrática: “Conhece-te a ti mesmo”. Esta injunção não diz “conheça sobre você”, mas “conheça você”. Não é um caso de “saber sobre algo”, mas um saber que é ser, onde o conhecedor é o conhecido que é o conhecer. Isto é o que o filósofo Franklin Merrell-Wolf chama de “Conhecimento através da Identidade”.

O tipo de autoconhecimento que a injunção Socrática demanda pode ser obtido apenas pelo conhecimento através da identidade – um caminho de conhecimento no qual o conhecedor é o conhecido que é o conhecer. Para conhecer-se a si mesmo pelo o conhecimento através da identidade você precisa dissolver a não-identidade existente entre você, o questionador, e a questão que você pergunta. Isto pede que você seja a própria pergunta – que você seja a pergunta: Quem sou eu? Quando identidade plena é consumada entre o questionador e a questão, quando o questionador é a questão e a questão é o questionador, o questionador se torna o conhecedor, a questão o conhecido, e o questionar o conhecer. Esta identidade plena é o significado de satori, a palavra japonesa para o despertar espiritual, onde sa significa não-identidade ou diferença e tori significa dissolução ou vazio.

Satori, autoconhecimento através da identidade, não é o conhecimento sobre você mesmo conseguido através da reflexão e da introspecção na qual você se faz de objeto distinto de você mesmo, o sujeito. Satori é uma forma de conhecimento imediato, não conceitual. Portanto, você pode não ser capaz de articular conceitualmente o que você sabe, mas mesmo assim você sabe, pois o seu autoconhecimento é articulado em sua vida através do pensamento e da ação. Como satori é não conceitual e, portanto, não requer acumulação de informação, ele pode acontecer em qualquer momento, em qualquer idade, e em qualquer estágio de desenvolvimento emocional e intelectual. Na verdade, crianças, se seu gênio inato não é reprimido, experimentam espontaneamente um tipo de satori e intuitivamente percebem seu verdadeiro eu. Quando esse satori inato se dá em paralelo com as linhas de desenvolvimento emocional, cognitiva e intelectual, no processo de amadurecimento, a criança e o jovem desenvolvem naturalmente autoconhecimento e integridade autênticos em sua idade adulta.

Conforme nosso autoconhecimento autêntico se desenvolve, percebemos que o eu é sempre na verdade eu-Eu, como uma complementaridade fundida entre eu individual e do Eu Universal. O eu individual surge no modo de consciência relativo onde existe uma distinção entre o eu e o não-eu, ou o sujeito e o objeto. O Eu Universal é a Fonte do Ser do eu individual e é o modo de Consciência Transcendente que inclui o modelo relativo de consciência. Conforme o nosso autoconhecimento se aprofunda, percebemos que conhecer a si mesmo é conhecer o Eu e conhecer o Eu é conhecer a Deus – a Consciência Primordial que é a Fonte do Ser de todos os seres. Nosso eu é muito mais amplo que o eu-egóico com o qual nossa consciência relativa usualmente atua. Na verdade, somos mantidos e apoiados pelo Infinito como fundação de nosso ser e no, e através, desse Infinito existimos em unidade com o resto do Universo.

Integridade com este Infinito é pedido pelo Primeiro Mandamento passado a Moisés: Não terás outros deuses além de mim. Todos os Dez Mandamentos são ensinamentos implícitos, mas categóricos baseados na lógica do “você não deve porque você não pode”. Eles são avisos rigorosos, mas compassivos, contra a futilidade de se tentar fazer o impossível e contra a tolice de se sofrer a consequência. Não terás outros deuses além de mim. Existe apenas um tipo de Infinito. Portanto, não podemos ter outros infinitos além deste Infinito. Este Infinito é a Consciência Transcendente primordial, a Fonte Eterna do Ser, e o Início da Existência sem início, para o qual muitas definições foram dadas, das quais “Deus” é apenas mais uma. Não sabendo ou tendo nos esquecido desta verdade, nos iludimos ao elevar nosso ego relativo e finito ao status de um deus e a colocá-lo antes de Deus, o Infinito. Isto é não ser autêntico e não ser íntegro. Portanto, temos que aguentar as consequências dessa falta de consciência, de sermos não autênticos e não sermos íntegros, que é o sofrimento humano em todas as suas várias manifestações.

O ego humano é um exemplo do que Alfred North Whitehead chama de “concretismo fora de lugar” e o que Franklin Merrell-Wolff chama de “falso predicado”. O eu egóico é o objeto da consciência que é tratado de maneira errônea como o sujeito da consciência. É o falso “eu” no esquecimento do verdadeiro “Eu”. Como é um objeto da consciência, ele é transitório e impermanente, existindo apenas como o eu tornado objeto e predicado na estrutura da frase “eu sou X (eu sou esperto, eu sou bonito, eu sou rico, etc.)” dentro do espaço simbólico da linguagem. O ego, neste sentido, não possui substância, não é concreto e não possui existência permanente, mas ainda assim é tratado e pensado como se possuísse. Nosso eu-Eu autêntico não é o nosso ego, mas o locus cósmico de evolução e individualização do Infinito. O Primeiro Mandamento nos ensina que não podemos, na verdade, colocar o nosso ego antes de nosso eu-Eu autêntico e que qualquer tentativa egóica para fazer isso é fútil e estúpida. Este esforço fútil e tolo é a causa fundamental do sofrimento humano.

Portanto, para alcançar a verdadeira integridade, é necessário alcançar o verdadeiro autoconhecimento, que é o conhecimento através da identidade do eu-Eu. Uma vez que alcançamos este conhecimento, nosso modelo de consciência relativo, sujeito-objeto, começa a atuar dentro de seu próprio domínio sem a armadilha egóica de auto-enclausuramento,

concretismo fora de lugar e falso predicado. Nosso eu surge como o eu Autêntico e nossa existência se desenvolve dentro da ordem mais avançada da existência que é a integridade. Nosso autêntico autoconhecimento começa a se desenvolver, nossos princípios, pensamentos, comprometermos e ações passam a estar de acordo com quem realmente somos. Tornamo-nos, então, um daqueles raros indivíduos que são capazes de sustentar seu comprometimento até o fim, porque nosso comprometimento é, agora, uma expressão autêntica de nosso Eu Autêntico e é baseado no nosso autoconhecimento autêntico.

Portanto, conheça-te a ti mesmo e seja verdadeiro contigo, com seu verdadeiro eu.

Integridade e o Desafio da Mudança

Uma característica da presença de integridade é a falta de sofrimento. Quando somos íntegros, quando somos verdadeiros com o nosso Eu-eu, o sofrimento essencialmente desaparece. A Primeira Nobre Verdade dos ensinamentos iniciais de Buda é conhecida como “vida é sofrimento”. Isto significa que os seres humanos têm a tendência de não serem íntegros. O termo Pali original, do qual “sofrimento” é a tradução, é dukkha, que veio da raiz de uma palavra que significa “muito apertado para respirar”. Portanto, dukkha é o sofrimento no sentido de sufocamento. É o estado de auto-enclausuramento e de sufocamento existencial. É o estado do aprisionamento ilusório do infinito no finito que se manifesta como sofrimento humano.

Torna-se claro que o dukkha é um estado de existência fora da integridade quando contrastamos o dukkha com outros conceitos chave do budismo em sânscrito – sunya (adjetivo) ou sunyata (substantivo). Sunyata, cuja palavra raiz significa “dilatar”, apesar de ser tradicionalmente traduzida como vazio ou vácuo, fenomenologicamente ou experiencialmente expressa extrema abertura. É a abertura dinâmica que está incessantemente se abrindo. Sunyata é a realidade substancial do Infinito, que parece “vazio” ou “vácuo” da perspectiva do finito. Em si mesma, é Completude. E é Liberdade ou Criatividade na forma de abertura incessante. Esta abertura dinâmica é o Ser ou o Eu que, de maneira transcendente e iminente, subjaz nosso ser ou nosso eu. Portanto, existir na integridade, ser verdadeiro com nosso Eu, significa ser essa abertura que está incessantemente se abrindo. Dessa forma, dukkha é o movimento contrário que reprime a natureza de nosso ser, que é sunya.

Quando somos íntegros, quando estamos sendo verdadeiros com nosso Eu-eu, somos um sistema aberto, sem auto-limitação, sem auto-sufocamento. Isto é nos emancipar do sofrimento. Isto é retornar ao coração da Liberdade que realmente somos. Quando somos íntegros com o nosso Eu-eu desta forma, entramos na corrente evolucionária de nossa própria criação. Experimentamos nosso eu-Eu como a busca evolucionária por auto-otimização – por auto-realização através da auto-transcendência. A evolução é um processo de aprendizado não linear, dinâmico, aberto e sem fim, e satori é visto apenas como um passo em nossa participação consciente no eterno processo evolucionário.

Quando eu estava estudando em um seminário Zen Budista japonês, com vinte e poucos anos, observei muitas pessoas que vinham meditar para fugir do sofrimento e alcançar certo nível de satori. Após alguns anos de observação, entretanto, percebi que o sofrimento é, muitas vezes, a última das coisas da qual as pessoas chegam a desistir. Alguns anos mais tarde, quando estava estudando na Índia, li *In Search of the Miraculous*, de P. D. Ouspenski, no qual seu grande professor George Gurdjieff compartilha exatamente essa mesma observação. Gurdjieff diz: “Um homem irá renunciar a qualquer prazer que você possa imaginar, mas não irá desistir do seu sofrimento. O homem é feito de tal maneira que ele não é tão apegado a nada tanto quanto é apegado ao seu sofrimento”.

O sofrimento persiste no mundo essencialmente porque os seres humanos são viciados nele. Falamos para nós mesmos e uns aos outros que queremos nos tornar livres do sofrimento ou que queremos erradicar o sofrimento do mundo. Isto é uma inverdade patente para a grande maioria da humanidade, já que o eu que as pessoas vivem é o do ego, não consegue existir na ausência de sofrimento. O ego não consegue existir na ausência de sofrimento porque o ego, por natureza, requer sofrimento para a sua existência. O ego requer sofrimento para a sua existência porque sua existência é baseada fundamentalmente em fazer o impossível, contra o que os Dez Mandamentos se posicionam veementemente. Não terás outros deuses além de mim, pois não poderás ter outros deuses antes de mim. Mesmo assim, o ego existe, ou melhor, subsiste, em desafio aberto a este e a outros ensinamentos dos Mandamentos.

Aquilo que é impossível na realidade só pode ser realizado na irrealidade. O ego subsiste tornando possível na irrealidade aquilo que é impossível na realidade. O ego subsiste criando um mundo de irrealidade através de falsos predicados, que então se tornam sua própria “realidade”. Na irrealidade, ele auto-enclausura e auto-delimita o verdadeiro eu – a abertura dinâmica que se abre incessantemente. O ego substancia o que não é substancial, torna absoluto o relativo, torna subjetivo o que é objetivo e torna permanente o que é impermanente. Isto seria chamado “gravar uma imagem”, o que é impossível na realidade, pois o Infinito, que não possui forma, não pode ter uma imagem, exceto pela imagem de um ego gravada no monolito da irrealidade. Isto é o sofrimento: sofrer as consequências de fazer na irrealidade aquilo que é impossível na realidade, impondo a irrealidade sobre a realidade através do fechamento da abertura e da delimitação do ilimitado.

Quando não somos íntegros, o sofrimento é inevitável. Quando existimos no modo egóico de existência, o sofrimento é inevitável. Não há quantidade suficiente de sucesso ou de prazer mundano que vai ser divertido o suficiente para nos fazer esquecer a dor profunda de nosso sofrimento. Precisamos parar de mentir para nós mesmos e para os outros dizendo que queremos ser livres do sofrimento ou que queremos erradicar o sofrimento do mundo, porque a verdade é o contrário: estamos apegados a nossa existência egóica e, dessa forma, desejamos viver com nosso sofrimento. Ao escolher entre o pacote “ego e sofrimento” e o “não ego e felicidade”, a ampla maioria da humanidade optaria pelo primeiro. O mundo que vemos em nossa volta, e a vida que a maioria de nós vive, prova isto de maneira inequívoca.

Apesar disso, se estivermos realmente comprometidos com isto, poderemos de fato nos emancipar do sofrimento, da mesma forma que a tortura de nosso pesadelo desaparece tão logo acordamos de nosso sono noturno. O momento do despertar de nosso sono espiritual é o momento do despertar para a integridade. A questão é: “estamos preparados e desejosos de abrir mão de nosso sofrimento, todo o nosso sofrimento, incluindo o nosso sofrimento favorito e há muito cultivado que nos dá a sensação de sermos ‘nós mesmos’?”. Se quisermos embarcar em uma jornada para transformar o planeta, mas não quisermos abrir mão de nosso sofrimento, então não estaremos preparados para a tarefa. Ainda estamos viciados no sofrimento e, assim, não temos integridade com o nosso Eu original e com o nosso comprometimento declarado.

Por exemplo, pessoas inteligentes e competentes dedicam muitos anos de suas vidas a conquistar diplomas mais avançados. Em contraste, virtualmente qualquer um pode se tornar um ativista da paz sem ir atrás da qualificação necessária. Precisamos perguntar: Você é mesmo uma pessoa pacífica? Você é íntegro com o seu comprometimento declarado com a paz? Você ganhou o direito e o privilégio de se tornar um ativista da paz primeiro obtendo uma grande quantidade de paz interior?

Não existe paz onde há sofrimento. Paz é um valor que vem como consequência quando a integridade está presente e quando o sofrimento está ausente. Para trazer paz ao mundo, precisamos primeiro alcançar a paz interior. Primeiro precisamos sacrificar o sofrimento e encarnar a integridade.

Não pode haver transformação autêntica no mundo sem um esforço de autotransformação por parte daqueles que estão engajados no ato de transformação. Se estivermos comprometidos com a transformação do mundo, precisamos estar abertos e prontos para nos transformar no processo de transformação do mundo. Portanto, o desafio da mudança é, primeiro e mais importante, o desafio de autotransformação, de revolução e evolução internas. As questões que precisamos fazer a nós mesmos são: Queremos abrir mão do sofrimento e caminhar para a integridade? Estamos prontos para nos transformarmos para mudar o mundo?

Não é fácil viver uma vida íntegra, mas uma vida de integridade inclui uma corrente constante de alegria que nos eleva. Não é difícil ter uma vida medíocre, mas uma vida de mediocridade inclui uma corrente constante de sofrimento que nos rebaixa. Viver uma vida de alegria e de integridade requer uma grande quantidade de sabedoria, enquanto viver uma vida medíocre e de sofrimento requer pouca ou nenhuma sabedoria. Por esta razão, o caminho da integridade é a estrada menos frequentada, enquanto o caminho da mediocridade é a estrada mais usada.

Na estrada para a integridade, você estará muitas vezes sozinho, mas nunca solitário. Na estrada para a mediocridade, você nunca estará sozinho, mas será quase sempre solitário. O mundo, mais do que nunca, espera que você escolha viajar pela estrada menos frequentada, preparado para viajar sozinho, mas sempre com os braços abertos de alegria. Na integridade, começa uma nova evolução.

Portanto, conheça-se a si mesmo e seja verdadeiro consigo.

“Projeto Beleza” e a Liberdade do Medo e da Culpa

Prefácio

Medo e culpa são as emoções mais destrutivas que afligem a humanidade. De fato, a maioria dos problemas e muito da disfuncionalidade do mundo – de conflitos políticos, terrorismo global e fundamentalismo religioso às doenças crônicas pandêmicas e inveja galopante – podem ser explicadas através da lógica do medo e da culpa. Como podemos nos libertar do medo e da culpa para que possamos criar e desenvolver um mundo onde a felicidade e a paz são as normas? Vamos examinar e tentar responder a esta importante questão.

A ontologia do medo

O estudo de línguas antigas mostra que, na concepção e na construção das palavras, há profundos conhecimentos espirituais e psicológicos sobre a natureza da realidade e a verdade da vida. O japonês antigo é uma dessas línguas. Ele é repleto de revelações psicológicas e significados espirituais profundos. Por exemplo, a palavra japonesa para o medo, *osore*, significa o desalinhamento do eu do indivíduo com o Eu do universo. O *so* significa o impulso sagrado que conecta a nossa alma com a Grande Alma do universo, quanto *ore* denota um estado de desconexão ou deslocamento e desalinhamento com o impulso sagrado. Portanto, *osore* significa o modo errante de existência onde a nossa alma está à deriva, perdeu a sua conexão e seu alinhamento original com a Grande Alma do Universo.

Baseado nesta definição, o medo é a emoção que aparece do desalinhamento entre o eu-alma do indivíduo e o Eu-Grande Alma do Universo. O medo surge quando o eu do indivíduo se descola do Eu do Universo através do deslocamento e da localização errônea do centro de existência de um indivíduo. O medo surge com o deslocamento ou desconexão do centro de existência de um indivíduo da Fonte do Ser. O medo surge com a fragmentação e a fixação da consciência separada da consciência do Todo. Portanto, o medo é um sinal e um sintoma da perda da unidade de existência, da alienação existencial do Todo.

O Eu do universo é o “EU SOU” do universo que torna toda a existência centrada. O eu do indivíduo tende a existir como o predicado “x” dentro da sentença egóica “eu sou x” (como “eu sou uma mulher” ou “eu sou inteligente”), onde a auto-identidade, que consideramos ser o nosso “eu”, passa de “eu sou” (existência) para “x” (atributo). Dessa forma, nos tornamos um objeto através do predicativo presente na linguística. Tornamos-nos nossos predicados, esquecendo aquele “eu sou” que é a constante universal de existência com a qual nós centramos a nossa existência dentro da Fonte Eterna do Ser e com a qual nos alinhamos com o Eu do Universo.

Os animais parecem sentir algo parecido com o medo, mas não o medo crônico ou ansiedade. O medo crônico surge do desalinhamento permanente do predicado eu-identidade, isto é, o eu egóico, com o Eu do universo. O medo crônico surge quando há o deslocamento e a localização errônea do eu egóico em relação à Fonte Eterna do Ser. O medo crônico surge na

fixação egóica com o predicado eu-identidade, que é uma abstração conceitual, não ligada à consciência do Todo e separada da experiência do Todo. A ansiedade é a apreensão em relação à dor do medo que surge do medo crônico. A ansiedade requer um tipo de inteligência que é antecipatória e um nível de consciência alerta em relação ao seu próprio medo.

A maior parte da humanidade é cronicamente medrosa, apesar de que o medo é muitas vezes reprimido e as pessoas não estão conscientes do quanto são medrosas. Ao invés de sentir o medo diretamente, muitas vezes as pessoas sentem raiva daquilo que eles subconscientemente percebem que iria induzir ou revelar seu medo. Isto está na formação do ego, de que ele precisa estar “certo”, porque é assim que ele sobrevive e sustenta o significado da vida. O eu egóico, que é descentrado do Eu do universo, ainda assim precisa se posicionar no centro e no nexus do sentido do mundo que ele mesmo faz. Qualquer coisa que possa ou que vá revelar o fato de que há um deslocamento existencial do Eu do universo é uma ameaça a essa pseudo-centralização e frágil construção de significado.

Portanto, o ego algumas vezes se move ao ataque com arrogância indignada quando percebe ameaças a sua afirmação de centralidade. Este tipo de raiva indignada surge da afirmação egóica de “estar certo” contra tudo o que ameaça negar a afirmação egóica de centralidade como nexus de significado. Esta não é, de maneira alguma, a única forma, causa ou expressão de raiva, mas é talvez a mais subversiva. O ego como locus de autoconsciência pode se alinhar com o locus central, ou com o Eu do universo. Diz-se que tal ego é inteiro e saudável, sendo dotado de auto-estima genuína, sem a qual não é possível haver uma verdadeira saúde mental. O ego cosmicamente desalinhado que sofre de arrogância indignada em sua afirmação de centralidade não é saudável e, em casos extremos, é patológico. Arrogância patológica é ligada à raiva patológica, que é dominante no mundo de hoje, enquanto raiva patológica é inevitavelmente ligada ao medo patológico – medo mórbido, crônico e profundamente reprimido.

O terrorismo e o fundamentalismo religioso são manifestações dessa raiva e desse medo patológico. O terrorismo é uma manifestação violenta de raiva patológica que surge do medo patológico. Comumente aciona o antiterrorismo terrorista, que por sua vez vem do medo e da raiva. O fundamentalismo religioso é uma manifestação de medo patológico, que algumas vezes acaba em raiva violenta. Comumente aciona sentimentos anti-fundamentalistas intensos, que surgem de tendências fundamentalistas profundas que existem na psique daqueles que se posicionam contra o fundamentalismo. Os fundamentalistas religiosos têm um medo profundo da possível destruição do edifício de significado que o seu sistema de crenças oferece. Os fundamentalistas anti-fundamentalistas reagem negativamente aos religiosos fundamentalistas porque suas próprias crenças fundamentalistas são ameaçadas ou negadas por crenças fundamentalistas opostas. No teatro político de hoje em dia, a batalha entre fundamentalistas “liberais/seculares” e fundamentalistas “conservadores/religiosos” é jogada na mídia para que dezenas de milhões de pessoas não apenas assistam, mas também participem dela.

Pessoas medrosas são fáceis de manipular e de explorar. Por esta razão, através da história, as estruturas de poder do mundo têm usado manipulações psicológicas para fazer com que a população seja medrosa e dependente. Por exemplo, considere a associação entre o sexo e a noção de pecado: quando o desejo natural e o ato do sexo são condenados como pecaminosos desde o começo da vida, as pessoas tendem a se desconectar do impulso natural da vida, que pertence ao Eu do universo. Desconectados do eu do universo, elas se tornam medrosas. Pessoas medrosas tendem a não desenvolver uma autonomia genuína; ao invés disso, elas se tornam dependentes de autoridades externas. Quando as pessoas se tornam medrosas e dependentes, as estruturas de poder, posando como seus protetores e salvadores, podem explorá-las facilmente. Pessoas medrosas não possuem a confiança necessária para pensar ou agir independentemente e, dessa forma, tornam-se seguidoras de autoridades externas. Para elas, como diz Helen Keller, a vida não é uma aventura audaciosa, mas é apenas uma constante busca por segurança e garantias.

Para nos liberarmos do medo, precisamos primeiro reconhecer e enfrentar nosso próprio medo. Quando encaramos nosso medo, entretanto, o medo vem à tona na estrutura cognitiva do observador e do observado no qual somos o observador e o medo o observado. A própria estrutura cognitiva onde há divisão entre o observador e o observado, entre nós e o medo, é precisamente a origem do medo. Esta bifurcação entre o observador e o observado, no qual o medo vira um objeto, fora da Unidade de Existência dentro da Inteiraza da Experiência, é precisamente o que o diz o conceito japonês osore: o deslocamento do eu do indivíduo dentro do campo da inteireza do Eu do universo; a abstração da experiência da inteireza dentro da dicotomia representada pelas “coisas”. Portanto, alcançar a liberdade do medo significa recuperar o Todo da existência perdida, que é passar a Fonte do Nosso Ser do mundo de representação abstrata para o mundo do Todo concreto.

A consciência do medo traz à tona a ruptura que existe em nossa experiência-como-ser. A cura, a volta à inteireza, desta ruptura entre o que experimenta e o que é experimentado, entre nós e o medo, transforma a estrutura do nosso ser e nossa consciência onde antes o medo dominava. Quando acontece esta transformação no nível estrutural de nossa existência, de nossa consciência, nos libertamos do medo e alcançamos o estado do amor. Quando a estrutura de nossa existência e de nossa consciência é assim transformada, o amor autêntico se torna um estado natural de nossa existência. O medo é a inteireza perdida, enquanto o amor é a inteireza reconquistada.

Ai, a palavra japonesa para amor, revela um significado espiritual profundo para o amor, pois ai significa congruência, convergência. Ai é exatamente o oposto de osore: ela significa o alinhamento do eu do indivíduo com o campo da inteireza no Eu do universo. Ai é a centralização consciente do eu do indivíduo no Eu do universo; a centralização consciente de uma existência dentro da Fonte do Ser cósmica; e a centralização consciente de uma consciência na consciência da inteireza. Quando estamos assim centrados na Fonte do Ser e na consciência da inteireza, emergimos em amor com o Todo da existência. Então experimentamos um profundo sentimento de gratidão por todo o universo e por tudo o que

existe nele. Experimentamos um sentimento profundo de êxtase fermentando na profundidade silenciosa de nosso ser. Em gratidão recebemos o amor e em êxtase doamos esse amor de volta. Isto é bênção. Isto é beatificação. Isto é beleza.

A ontologia do mal e do pecado

O conceito de culpa é inseparável dos conceitos do pecado e do mal. Definidos de maneira simples, a culpa é a consciência de ter feito algo de errado, o pecado é esse algo que é errado, e o mal é o próprio ato de se fazer o errado.

O que é o mal? O que é o pecado? No Ocidente não existe literatura que lide com os conceitos de mal e pecado que seja mais conhecido que a Bíblia. Na história da Queda, Eva é seduzida pela serpente e Adão é persuadido por Eva a comer a fruta proibida: a fruta da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal. Como resultado, eles são expulsos por Deus do Jardim do Éden. Este ato de desobediência é conhecido como Pecado Original.

As histórias na Bíblia são alegorias que contêm verdades metafóricas e significados simbólicos profundos. A Bíblia, como os outros grandes escritos espirituais do mundo, é um livro escrito com o propósito de emancipar a humanidade das amarras da ignorância, da limitação, do sofrimento e da doença. Estudos esotéricos da Bíblia revelam que o Jardim do Éden significa o Jardim da Alma criado pelo e para o Espírito, Eva é o sopro ou a alma, Adão é o não-sopro ou o corpo e a serpente é a manifestação mais exteriorizada do princípio da Vida. A Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal representa não a ciência, mas a consciência da diferença fundamental entre o bem e o mal. Bem é a criação primordial e existe na Realidade, enquanto que o mal é a criação secundária e existe como consequência da concepção de alma humana, ou melhor, a concepção errônea da Realidade. Bem e mal não estão juntos na mesma ordem de Existência. Assim, o ato de comer a fruta da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal significa a aceitação passiva da concepção errônea de que o mal tem um status de significado igual ao do bem e que o conhecimento do mal tem um status epistemológico igual ao do bem.

A cosmologia bíblica ensina (assim como a cosmologia budista e outras muitas cosmologias esotéricas) que o cosmos possui uma estrutura de tríade ou tripartite composta de maneira holística por espírito, alma e corpo, ou pensamento, energia e matéria. A criação primordial se refere ao processo criativo gerado por e no Espírito, a Inteligência metacósmica. Ela é o processo de criação que é descrito no primeiro capítulo do Genesis. A segunda criação se refere ao processo co-criativo onde a concepção humana, o pensamento e a ação possuem um papel essencial no processo criativo do universo. A Bíblia mostra que o mal e, portanto, o pecado, é criado pelos seres humanos baseado em uma idéia errônea e em um entendimento errôneo da Realidade, do Espírito, que inclui a criação primordial e seus princípios criativos subjacentes na forma de padrões de pensamento cósmicos.

De acordo com a Bíblia e com outras literaturas esotéricas, filosóficas e espirituais, Deus é o Bem Supremo e nunca cria o mal ou o pecado. O mal e o pecado não existem na Realidade, na criação primordial. Na Realidade, na criação primordial, apenas Deus existe. Na Realidade, o

Bem é sinônimo de Deus. Esta é a razão pela qual nos seis estágios da criação primordial, “Deus viu o que era bom”. No sétimo dia, Deus descansou “de todo o trabalho que havia feito”, o que significa que o sétimo estágio da criação primordial era o da concessão de livre arbítrio ao Homem, que foi feito na imagem de Deus – como a própria criatividade durante a criação cósmica, para servir como co-criador da criação secundária do mundo do fenômeno em contraposição ao mundo “noumenal”¹⁶. A criação criativa da própria criatividade é a criação do Homem sob a imagem de Deus.

Para aqueles de nós que foram batizados na filosofia materialista do mundo moderno e pós-moderno, o que é chamado de criação secundária é a única criação real, e o que é chamado de mundo fenomenológico é o único mundo que é real. Nós, de mentalidade moderna e pós-moderna, presumimos que o que é chamado de criação primordial ou o mundo “noumenal” é imaginário, ilusório até; enquanto que a visão espiritual afirma que o mundo fenomenológico, o mundo da consciência sensorial é imaginário ou ilusório, e que confundir o ilusório com o real é uma forma de ilusão da qual a maioria da humanidade sofre. É necessária, literalmente, uma revolução Copérnico em nossa cosmologia para passarmos de uma visão de mundo materialista para uma visão de mundo espiritual. Independente se adotamos ou não a visão de mundo espiritual, entretanto, os fatos mostram que mesmo os que são materialistas ou ateístas sofrem de sentimento de culpa, ao menos de tempos em tempos, porque possuem consciência, que é uma essência inseparável do que significa ser humano.

A consciência é o nosso saber interior, nossa onisciência que sabe o que é verdadeiro e o que é falso. E a consciência de cada um sabe que nem o mal e nem o pecado vem da realidade primordial e que ser pego no pensamento sobre o mal ou no ato de cometer um pecado é uma maneira não autêntica de ser. A consciência não responde ao mal ou ao pecado propriamente, mas à autenticidade ou à falta dela. A noção de que o mal ou o pecado existem na realidade é falsa e, portanto, o caminho de existência baseado nessa falsidade é um caminho não autêntico de existência. Assim, a consciência é a balança interna entre a autenticidade e a falta dela. A autenticidade é o estado de existência baseado na Verdade e na Realidade, que a consciência conhece. O sentimento de culpa, que mesmo os materialistas e os ateístas sentem é, na realidade, a dor da consciência que vem de saber de sua falta de autenticidade, percebida nas noções de mal, pecado e culpa. Na consciência, somos todos cientistas espirituais e não cientistas materiais. Quando alguém se torna um materialista por muito tempo, esse alguém perde sua consciência e, portanto, o acesso às dimensões espirituais da vida.

Da perspectiva esotérica bíblica, nem o mal nem o pecado existem na Realidade. O mal não é o oposto do bem, mas a queda do bem, a queda do mundo da Realidade para o mundo da ilusão-desilusão. O mal somado ao bem não dá zero (mal + bem ≠ zero) porque o mal não é o

¹⁶ NT: do grego “noumenon”, pensamento-princípio, “coisa em si”, segundo Kant. Está em contraposição ao “phenomenon”, o fenômeno, a manifestação aparente.

oposto do bem como -1 é o oposto de +1. Como o mal não é nada, na verdade, é um zero, o bem sempre se mantém como bem (bem + zero = bem). Isto é, sua obra “má” não subtrai da sua obra benigna. De maneira similar, o pecado também pertence ao mundo de ilusão-desilusão. Na Realidade, o você autêntico, o você verdadeiro, nunca pode cometer um pecado, nem o seu você autêntico pode ser um pecador. Na Realidade, o você autêntico é totalmente intocado e livre de qualquer forma de pecado. Da mesma maneira como os seus sonhos desaparecem assim que você acorda pela manhã, os seus pecados finalmente desaparecem sem deixar rastro quando você desperta para a Realidade.

A palavra japonesa para pecado, tsumi, que vem de tsutsumi, significa encobrir, envelopar, selar, ou vedar. Baseado neste conceito, pecado significa o estado de vedação. Do quê? Da realidade primordial, que é o Todo. Pecado é o ato e o estado de isolar a totalidade pura e cristalina do nosso Ser na Realidade. Pecado é o ato e o estado de encobrir e delimitar a liberdade e o infinito inerentes no nosso Ser na Realidade. Pecado é o ato e o estado de auto-enclausuramento egóico que obscurece a verdade de nosso eu autêntico e a verdade de nossa inteireza pura e cristalina. Portanto, o despertar de nossa alma dos domínios do pecado para o mundo do Espírito é a abertura da Realidade. Esta abertura é o significado real de Verdade.

O filósofo Glenn Olds define três níveis de pecado: desuso, uso impróprio e abuso de nossa liberdade. O desuso da liberdade é a negativa a reconhecer e a assumir responsabilidade por nossa liberdade, o que nos leva a uma insensibilidade moral. O uso impróprio da liberdade é a falência da verdadeira auto-transcendência que a liberdade pede de nós, que leva a auto-contradição em nosso entendimento do eu. O abuso da liberdade é a arrogância, o ego que se eleva ao status de transcendência, que leva à idolatria da vontade própria egóica. Estes três níveis correspondem ao encobrimento e à delimitação da liberdade e do infinito inerente na inteireza do nosso ser. Quando não desusamos, usamos de maneira imprópria ou abusamos da liberdade, e quando assumimos responsabilidade por nossa liberdade, simplesmente retornamos à liberdade. A liberdade inclui liberdade do medo e da culpa, pois ambos são formas de amarras terrestres que não podem existir na luz suprema da liberdade.

A Psicologia da Culpa

A culpa surge de uma tentativa de nos tornarmos corretos diante do reconhecimento de que fizemos algo de errado ou de que cometemos um pecado. A culpa surge quando queremos estar certos diante do reconhecimento de estarmos errados. Quatro elementos psico-epistemológicos compõem a culpa: (1) a crença de que o pecado existe na realidade; (2) o reconhecimento de que cometemos pecado ou de que somos pecaminosos; (3) o desejo de “estar certo” a qualquer custo; (4) o auto-julgamento e a autopunição contra a própria má ação ou contra uma existência pecaminosa. O auto-julgamento e a autopunição servem como uma prova clara de “estarmos certos” e de “sermos bons”.

Quando nos sentenciamos à culpa, nos julgamos e nos punimos de maneira “certa” e rigorosa por nossos pecados. Quando projetamos ou estendemos nossa culpa a outros, então os julgamos e os punimos. Virtualmente todas as nossas tendências ou atividades destrutivas ou

atividades em relação a nós mesmos e aos outros, incluindo o vício crônico, a doença crônica, a guerra crônica e a disfunção social crônica, surgem da nossa natureza subversiva inerente na psicodinâmica da culpa. Muitas vezes silenciosamente, mas às vezes violentamente, e quase sempre de maneira inconsciente, punimos e destruímos nossa saúde e nosso mundo para aliviar e justificar nossa culpa. Enquanto não reconhecermos isso, a história irá se repetir e a humanidade como um todo não será capaz de experimentar a felicidade, a saúde, a prosperidade ou a paz.

O mestre espiritual George Gurdjeff disse: “Um homem irá renunciar a qualquer prazer que você imagine, mas nunca irá desistir de seu sofrimento. O homem é feito de tal maneira que ele não é apegado a nada tanto quanto é apegado ao seu sofrimento”. A humanidade, coletivamente e individualmente, é profundamente e cronicamente viciada em seu sofrimento. Esta é exatamente a razão pela qual o sofrimento persiste no mundo. Hoje possuímos o conhecimento e os recursos necessários para transformar nosso mundo em um paraíso terrestre. De fato, poderíamos dizer que não existe necessidade dos conflitos ou das guerras continuarem a existir no mundo a não ser pela necessidade coletiva de sofrimento vinda do conflito e da guerra; ou que não há necessidade para que a pobreza e a escassez continuem existindo, a não ser pela necessidade coletiva de sofrer de pobreza e de escassez. Apesar das pessoas normalmente acreditarem que elas querem viver sem sofrimento e que querem ser felizes, sua crença é de fato uma forma sutil de auto-engano, um tipo de auto-sabotagem psicológica da qual são tanto vítimas quanto algozes.

Somos viciados no sofrimento porque temos a necessidade de aliviar nossa culpa com sofrimento – com a destruição de nós mesmos e dos outros através de vários meios sutis ou menos sutis. E, atrás de todo o nosso sofrimento, existe essa necessidade insaciável de estar certo, de “ter razão”, porque o eu egóico sobrevive “estando certo e tendo razão” e, desta forma buscando e garantindo sentido à vida. A culpa surge como uma tentativa de retidão diante do reconhecimento de que fizemos algo errado ou de que cometemos pecado. A culpa surge quando tentamos ser corretos ante o reconhecimento de que estamos errados. Não existe nada que nos dê sentimento maior de “auto-afirmação de estarmos certos” do que o sentimento de culpa, porque podemos simultaneamente nos humilhar como pecadores e nos elevar a ponto de nos tornarmos juízes e algozes de nossos pecados – papel normalmente reservado apenas para Deus.

Este é nosso grande auto-engano e nossa presunção oculta fundamental. Esta é nossa queda para a falta de autenticidade. A dor da culpa não é idêntica à dor de consciência. A dor da culpa é auto-infligida para que possamos sentir o secreto prazer da culpa, que é o que sustenta o nosso sofrimento. Em contraste, a dor de consciência é o chamado da autenticidade que mostra e direciona a nossa consciência em direção à Realidade e à Verdade, através da inteireza de nossa existência centrada no Todo do cosmos. A culpa não é autêntica. Através da culpa, deixamos de ser íntegros com nosso ser autêntico e nosso eu autêntico. Portanto, a liberdade da culpa significa uma restauração da integridade e um retorno à autenticidade. Quando nos tornamos livres da culpa, nossa violência interior desaparece,

alcançamos a felicidade genuína. Alcançamos um estado de paz interior que manifestamos no mundo. Não haverá guerra, porque não haverá necessidade de guerra. Não haverá sofrimento, porque não haverá necessidade de sofrimento¹⁷.

“Projeto Beleza”

A beleza é a integridade estrutural do todo, que existe eternamente na criação primordial do universo e na qual podemos recriar uma variedade infinita de formas, dentro e através da criação secundária, integrando verdade, vida e amor dentro do todo. A experiência de beleza cura a fragmentação e restaura a inteireza por dentro e por fora. O velho lema, de que a beleza está nos olhos de quem vê, é verdadeiro. Entretanto, a beleza está nos olhos de quem vê não por ser meramente subjetiva ou relativa, mas porque quanto mais aberta a visão do observador está em relação à beleza, mais beleza ele pode ver. E o contrário também é verdadeiro: quanto mais alguém está exposto à beleza, mais aberta sua visão fica à beleza. Em seu livro “The Nature of Order”, o arquiteto Christopher Alexander demonstra com inúmeros exemplos que a beleza, ou a inteireza, não é simplesmente uma preferência subjetiva ou relativa, mas um valor universal objetivo e comunicável. O que é beleza para você é beleza para mim se estamos ambos sintonizados com o nosso sentimento interior de inteireza. Pois a experiência de beleza é a ressonância harmônica da inteireza interior do observador com a inteireza interior do objeto de beleza.

A beleza não está limitada às artes e à música. O cientista J. W. N. Sullivan diz o seguinte:

Já que o objetivo principal da teoria científica é expressar a harmonia que é encontrada na natureza, vemos logo que essas teorias devem ter um valor estético. A medida do sucesso de uma teoria científica é, na verdade, uma medida de seu valor estético, já que é uma medida da extensão na qual ela trouxe harmonia onde antes havia caos.

É no seu valor estético que a justificativa para a teoria científica deve ser buscada, e com ela a justificativa para o método científico. Como fatos sem leis não teriam nenhum interesse e leis sem teorias teriam, no máximo, apenas utilidade prática, vemos que os motivos que guiam os cientistas são, desde o início, manifestações do impulso estético... A medida na qual a ciência está abaixo da arte é a medida na qual ela é incompleta enquanto ciência.

¹⁷ Nota do Autor: Existem pessoas no mundo, sociopatas e psicopatas em nosso meio, que nunca experimentaram culpa ou, mais precisamente, em quem a consciência é ausente. Líderes e patrocinadores, nos bastidores, de grupos terroristas são exemplos típicos. Estas pessoas normalmente não são fanáticos religiosos como comumente pensamos, mas são pessoas que exploram os medos, a culpa e a raiva de seus seguidores de maneira calculista, para incitar o fervor fundamentalista e instigar o fanatismo religioso deles, apenas para satisfazer a seus próprios desejos patológicos. Esses instigadores de violência de sangue frio não sofrem dor de consciência e estão convencidos de que estão servindo ao mundo matando os “infiéis”. Eles não sentem qualquer remorso, mas se congratulam em sua “grandeza”. Meu argumento em relação à culpa não se aplica a tal corrente patológica de criminosos anti-sociais – aqueles que estão por trás dos criminosos e dos terroristas atuais.

A evolução da consciência envolve o processo de experimentar uma beleza e uma inteireza cada vez maiores. E na experiência cada vez maior de beleza e de inteireza, conseguimos perceber a verdade mais profunda. A beleza é o esplendor interior da verdade. A verdade é a concordância interior da beleza. Dessa forma, o poeta inglês Keats escreve:

Beleza é verdade
Beleza de verdade – isto é tudo
Que sabemos na terra
E tudo que precisamos saber.

A frase seguinte do grande físico matemático Hermann Weyl expressa a importância fundamental da beleza como um princípio-guia na pesquisa científica:

Meu trabalho sempre buscou unir o verdadeiro ao belo; mas, quando tive que escolher entre um ou outro, quase sempre escolhi o belo.

Certa vez, Hermann Weyl formulou uma teoria de gravitação, mas ficou sabendo que sua teoria não era verdadeira como teoria de gravitação naquela época. Ainda assim, a teoria era tão bela que ele não quis abandoná-la. Então, ele a manteve viva apenas por ser bela. Certo dia, quando houve um novo desenvolvimento no campo da física conhecido como eletrodinâmica quântica, provou-se que sua sensibilidade estética estava correta. Weyl também desenvolveu uma equação matemática no campo da mecânica quântica. Outros físicos ignoraram sua equação por quase trinta anos, porque ela violava a visão aceita, enquanto Weyl a manteve por seu valor estético. E mais uma vez, sua sensibilidade estética estava correta.

A beleza é um princípio-guia supremo no desenvolvimento do conhecimento e na evolução do pensamento. A beleza também é um princípio-guia supremo no desenvolvimento da ética e de uma comunidade ética. Pois a ética, como ciência do correto comportamento humano, possui seu espaço no conhecimento da realidade e porque, para se viver uma vida ética e se criar uma comunidade ética, é necessário ter pensamentos belos e ações belas uns em relação aos outros dentro da comunidade. Uma vida ética é uma bela obra de arte e uma comunidade ética é uma bela arquitetura de organização humana onde arte, ciência e cultura prosperam.

A beleza é o brilho do Todo. Quanto mais se vive o Todo, mais beleza se vive. Quando mais beleza se vive, mas beleza se tem ao redor. Quando mais beleza se tem ao redor, mais felicidade se vive. Portanto, a beleza suprema traz felicidade suprema – beatitude. Como a ética é a ciência de se definir um conjunto de princípios universais que fazem a felicidade ser possível, é evidente que a experiência da beleza suprema, que leva à experiência de beatitude, é um princípio supremo da ética.

Medo e culpa, mal e pecado, doença e sofrimento crônicos, todos são emoções, conceitos e condições antiéticas porque causam infelicidade, enquanto a ética consiste em um conjunto de princípios e condutas que pretendem produzir felicidade. Eles não são somente análogos,

mas de fato homólogos à escuridão. Escuridão é a ausência de luz. Ausência, por definição, é não existente. Não podemos lidar diretamente com aquilo que está ausente, aquilo que é não-existente. Portanto, dissipar a escuridão não significa reduzir a escuridão que é ausente, mas aumentar a luz, que é presente. A liberdade do medo e da culpa, do mal e do pecado ou do sofrimento e da doença crônica significa que percebemos sua ausência, sua não existência essencial e que aumentamos a luz de nossa consciência dentro da totalidade de nosso ser. Isto é viver nossa vida guiada pela inteireza e, portanto, pela beleza. Tal vida, guiada pela inteireza e pela beleza, é, de fato, uma vida ética, no mais verdadeiro sentido da palavra.

Uma vida ética guiada pela inteireza e pela beleza é marcada pela integridade de pensamento e de ação. É uma vida como “Projeto Beleza”, que é caracterizada pela presença cada vez maior de beleza, inteireza e integridade de pensamento e ação. Da mesma maneira, uma comunidade ética guiada pela inteireza e pela beleza é caracterizada por uma presença cada vez maior de integridade de pensamento e ação. Portanto, criar e desenvolver uma comunidade ética significa conceber o desenvolvimento de nossa comunidade como “Projeto Beleza”. O “Projeto Beleza” significa viver uma vida individual e coletiva como um projeto evolucionário, com a beleza como o princípio-guia.

A beleza atrai e a feiúra repele. Quanto mais beleza mais inteireza e integridade desenvolvemos por dentro e por fora, mais atraímos pessoas com mentalidades semelhantes que vivem suas vidas como nós – como expressão única do “Projeto Beleza”. Como a evolução é um processo de aprendizado sem fim que traz cada vez mais inteireza e beleza ao próprio processo evolucionário e seu ambiente, tomar o “Projeto Beleza” como nosso projeto de vida significa viver de acordo com o impulso evolucionário da própria vida. Vivendo assim, alcançamos a liberdade do medo e da culpa, do mal e do pecado, do sofrimento e da doença, porque alcançamos a liberdade propriamente dita.

O “Projeto Beleza” é uma nova abordagem para a libertação da humanidade das garras do medo, da culpa e do sofrimento e, assim, para a transformação ética do mundo. Não é uma abordagem moribunda do tipo problema-solução-problema-solução. Não é uma velha tentativa paradigmática para solucionar problemas psicológicos. E não é um projeto externo para criar um mundo “melhor”, que é uma forma de reação ao passado, cujos termos são sempre ditados pelo passado. Com o “Projeto Beleza”, queremos criar não um mundo melhor, mas um Novo Mundo enfeitado por beleza e animado pela inteireza. O Novo Mundo que criamos é uma expressão livre e criativa de nossa visão alinhada, uma expressão livre e criativa dos destinos cósmicos únicos que somos todos nós. Dessa forma, nossa ação individual e coletiva será uma expressão de nossa visão compartilhada. Nossos pensamentos e ações serão a inteireza se expressando através de nós na criação de cada vez mais beleza. Nossos pensamentos e ações serão uma manifestação da própria criação primordial desdobrando-se através de nós na busca de cada vez mais perfeição.

No “Projeto Beleza”, o que nos inspira é nossa mais elevada visão e a nossa mais profunda paixão. Portanto, podemos sustentar nossa ação diante de todos os obstáculos que

certamente irão aparecer em nosso caminho. Incessantemente, a beleza irá nos inspirar em direção a escopos e níveis de beleza cada vez maiores. Incessantemente, iremos buscar uma criação e uma expressão cada vez maior de beleza. Medo e culpa não existirão mais, porque eles, na verdade, não são nada. Seremos livres, porque a liberdade é o verdadeiro espírito da beleza. Veremos a beleza em todas as coisas. Nossa visão será imune a tudo o que não for amoroso.

Ética, Política e Plenitude

Tudo que é próprio à natureza divina é também próprio ao homem justo e divino; portanto tal homem faz tudo o que Deus faz, e junto com Deus ele criou o céu e a terra, e ele é o mensageiro da Palavra eterna, e sem tal homem, Deus não conseguiria fazer nada.

- Meister Eckhart (Eckhart Von Hochneim, 1260-1328, teólogo, filósofo e místico alemão)

Ética Evolucionária

A ética consiste na disciplina de identificar, definir e praticar um código universal de princípios que tornam a felicidade individual humana possível. Política consiste na disciplina de identificar, definir e praticar um código universal de princípios que tornam a felicidade coletiva humana possível. Felicidade consiste em alcançar a integridade no sentido de um todo coerente com a existência, na realização do que significa ser humano, na natureza e na virtude da consciência humana, que compreende conhecimento, pensamento e amor. A condição necessária para a felicidade individual é atingir a integridade através do conhecimento, do pensamento e do amor coerentes – através do comprometimento com a verdade, da responsabilidade de pensamento e do ato de doação¹⁸, enquanto que a condição suficiente para a felicidade individual é alcançar, de acordo com um código universal de princípios, os valores individuais através de ações virtuosas – das quais alcançar a paixão individual única é a mais essencial (paixão é o despertar da visão criativa da alma, o locus da consciência eternamente em desenvolvimento¹⁹). O propósito da vida humana é a auto-realização e a conquista da felicidade é fundamental para a auto-realização. Portanto, a ética, como uma disciplina para se alcançar a felicidade, deveria ser uma disciplina para a auto-realização ou a auto-transformação. Dessa forma, alcançar o conhecimento, o pensamento e o amor coerentes não significa o fim da busca por felicidade, mas o começo de uma vida dotada de felicidade que irá crescer conforme o conhecimento, o pensamento e o amor se aprofundam e acham novas maneiras para se expressarem no impulso criativo em direção à auto-otimização.

Nós, seres humanos, somos cósmicamente dotados da possibilidade existencial de sermos felizes e dotados da força evolucionária para auto-otimização – para auto-realização e auto-transformação. Entretanto, tendemos a nos desviar desta possibilidade de felicidade e de

¹⁸ Sendo a consciência humana dependente da vontade, pensamento, conhecimento e amor não acontecem espontaneamente como desejam, mas apenas através da vontade, da intenção e da escolha. O pensamento, o conhecimento e o amor genuinamente coerentes são de fato raros neste estágio geral de desenvolvimento humano. Aqueles que não estão cientes do quão pouco pensam, sabem ou amam são provavelmente incapazes de conhecer o pensamento, o conhecimento e o amor autênticos que sejam dignos de serem designados por suas denominações.

¹⁹ NT: Esta é a definição do autor para a palavra “paixão” em todos os textos do livro.

força para auto-otimização. Sentimos este “desvio” como uma falta de felicidade ou como uma alienação em relação à totalidade antro-po-cósmica ou à integridade da vida expressada como nosso “ser totalmente deste mundo” enquanto seres humanos. Quando nos perdemos, a vida, um processo espiral evolucionário, criativo e dinâmico, eventualmente se torna uma estrutura circular não evolucionária, não criativa e estática. A vida, o rio que corre para cima a partir do oceano de possibilidades em direção à montanha de realizações, torna-se uma poça estagnada. A falta de felicidade é um indicador de que não estamos em sintonia com este impulso evolucionário da vida; é um sintoma de estagnação involucionária, onde falta o fulgor da paixão e da alegria – a evidência resplandecente de uma vida aproveitada ao máximo em completa ressonância com o impulso criativo para a auto-otimização. Ser ético significa viver em sintonia com este impulso criativo e, assim, ter uma vida criativa, na qual a criatividade se estende à criação de uma comunidade que é ética e justa.

A Ética Evolucionária é destinada a oferecer um contexto filosófico para se viver de acordo com o impulso criativo por auto-otimização evolucionária. A felicidade, tanto a alegria (felicidade ‘terrena’) quanto à beatitude (felicidade ‘do céu’), é a evidência de uma vida com integridade em relação a esse impulso. A felicidade é o nome dado ao propósito universal da vida humana. Um propósito é um impulso direcional. O impulso criativo por otimização, que é subjacente à vida humana, proporciona a ela uma direção que é evolucionária e auto-transformadora. Isto quer dizer que o impulso direcional ao propósito da vida humana é a auto-otimização, auto-transformação e auto-realização através da auto-transcendência. Portanto, na Ética Evolucionária, o padrão de bem e mal, ou de virtude e vício, é uma medida de quanto o pensamento e a ação do indivíduo estão de acordo ou em desacordo com o impulso criativo de auto-otimização. Por esta razão, os princípios triunos do conhecimento, pensamento e amor, e do comprometimento com a verdade, da responsabilidade de pensamento e do ato de doação, são os escolhidos para serem os princípios contextuais da Ética Evolucionária. Para que a consciência humana esteja em sintonia com o impulso por auto-otimização, estes princípios universais precisam estar ativamente presentes na organização espiritual e intelectual de um ser humano.

Se você deseja adotar ou não o código de Ética Evolucionária assim definido, no todo ou em parte, depende de sua própria escolha. Nenhum conceito ou princípio da Ética Evolucionária deve ser aceito sem um conhecimento e um pensamento cuidadoso. A adoção da Ética Evolucionária pede necessariamente que você a integre para que ela também seja sua ou que você desenvolva seu próprio código de ética através de seu próprio conhecimento e pensamento, assumindo a responsabilidade de pensar e de comprometer-se com a verdade. Neste sentido, a Ética Evolucionária é um sistema de meta-ética, servindo como um meta-conjunto para vários conjuntos de princípios éticos que constituem vários sistemas de ética que são baseados em pensamentos e conhecimentos racionais e deliberados. De acordo com a Ética Evolucionária, aceitar ou adotar um código de ética – qualquer código de ética incluindo o da Ética Evolucionária – sem pensamento e conhecimento deliberado, é ipso facto antiético. Ser ético, antes de qualquer coisa, é pensar e conhecer ou escolher pensar e

conhecer a partir de seu comprometimento com a verdade e de sua responsabilidade de pensar.

Todo ser humano saudável e funcional é dotado evolucionariamente com o potencial para pensar, conhecer e amar. Exceto em alguns casos de defeitos mentais congênitos ou adquiridos, retardamento mental, ou doenças mentais assim definidas, todo ser humano saudável e funcional é capaz de pensar, conhecer e amar – de assumir a responsabilidade por pensar, comprometer-se com a verdade e fazer um ato de doação de acordo com a lei do equilíbrio. Todo ser humano saudável e funcional é capaz de sintonizar-se com o impulso evolucionário por otimização, de criar visões de possibilidades mais elevadas para ele e para sua comunidade, e de realizar suas visões através de uma vida criativa e auto-transformadora. Isto significa que todo ser humano saudável e funcional é inerentemente capaz de levar uma vida ética e, portanto, experimentar a felicidade incondicional.

O Princípio da Justiça

“Não julgueis e não sereis julgados. Pois com o mesmo julgamento com que julgardes os outros sereis julgados; e a mesma medida que usardes para os outros servirá para vós. Por que observas o cisco no olho do teu irmão e não reparas na trave que está no teu próprio olho? Ou, como podes dizer ao teu irmão: ‘Deixa-me tirar o cisco do teu olho’, quando tu mesmo tens uma trave no teu? Hipócrita! Tira primeiro a trave do teu olho, e então enxergarás bem para tirar o cisco do olho do teu irmão.”

- Mateus VII

O princípio ético que une ética e política, isto é, o domínio da felicidade humana individual e o domínio da felicidade humana coletiva, é o princípio de Justiça. Em nenhum lugar, em toda a literatura filosófica na história humana, o princípio da justiça está tão claramente afirmado quanto no Sermão da Montanha, de Mateus VII. Apesar de estes versos imortais estarem na Bíblia Cristã e terem sido ditos por Jesus Cristo, o conhecimento universal expresso nele não é limitado ao Cristianismo²⁰. Infelizmente, como acontece com o conhecimento esotérico, o real significado e significância destes versos foram perdidos nas interpretações exotéricas populares propagadas através dos tempos. Especificamente, ao contrário do senso comum, estes versos não pregam os preceitos do não julgamento (“Não julgue”), que significaria uma desistência da responsabilidade de pensamento e do comprometimento com a verdade. O renomado professor-acadêmico do Cristianismo, Emmet Fox, em seu Sermão da Montanha²¹, elucida de maneira sucinta e clara:

“O simples fato é que (o que é dito nestes versos) é a Lei da Vida: conforme pensamos, falamos e agimos em relação aos outros, os outros irão pensar, falar e agir em relação a nós

²⁰ No contexto hindu ou budista, o Princípio de Justiça está alinhado com a Lei do Karma.

²¹ Dr. Emmet Fox, *The Sermon on the Mount*, p.117, Harper & Brothers Publishers, 1938.

mesmos. Qualquer tipo de conduta que tenhamos, iremos inevitavelmente receber de volta. Qualquer coisa e tudo que fazemos aos outros irá, mais cedo ou mais tarde, ser feito a nós por alguém em algum lugar. O bem que fazemos aos outros, iremos receber de volta na mesma medida; e o mal que fazemos aos outros, da mesma forma, também iremos receber de volta. Isto, de nenhuma forma, quer dizer que as mesmas pessoas que tratamos bem ou mal serão aquelas que irão devolver nossas ações. Isto quase nunca acontece; mas o que acontece é que em algum outro lugar ou época, um outro alguém que não sabe nada da ação anterior irá, mesmo assim, pagá-la de volta a nós, grão por grão.

O que Emmet Fox chama de Lei da Vida, eu chamo de Princípio da Justiça: Da mesma forma que pensamos, falamos e agimos em relação aos outros, os outros irão pensar, falar e agir em relação a nós mesmos. O princípio de justiça é o que Walter Russell chama de Lei do Equilíbrio, expressado na esfera do pensamento da fala e da ação do ser humano. A lei do equilíbrio declara: Toda ação é simultaneamente equilibrada por uma reação igual em direção oposta, e repetida sequencialmente em polaridade reversa²². O princípio da justiça demonstra que existe uma consequência para todos os nossos pensamentos, falas e ações, que está de acordo com a lei imutável do equilíbrio – que a justiça sempre é feita no contexto geral da vida humana, sem exceção, já que toda ação é equilibrada de maneira inexorável por sua reação simultânea e sequencial.

A lei do equilíbrio diz que você receberá não apenas a reação igual e sequencial de outro ser humano a seu pensamento, fala e ação, mas também a auto-reação igual e simultânea a seu pensamento, fala e ação. Portanto, quando você ama um ser humano, simultaneamente você derrama amor em si mesmo e, na sequência, outros seres humanos certamente irão retornar a você seu amor em relação a eles; já quando você odeia um ser humano, simultaneamente você derrama ódio em si mesmo e, na sequência, outros seres humanos certamente irão retornar a você seu ódio em relação a eles. Quando você ama outro ser humano, você ama a humanidade, incluindo você mesmo; quando você odeia outro ser humano, você odeia a humanidade, incluindo você mesmo. Assim, quando e se você entender este princípio de justiça, você irá naturalmente começar a praticar o preceito da justiça, que declara: Pense sobre os outros da maneira como você gostaria que os outros pensassem sobre você. Fale sobre os outros da maneira como você gostaria que os outros falassem de você. Aja em relação aos outros da maneira como você gostaria que os outros agissem em relação a você.

Não julgueis e não sereis julgados. Pois com o mesmo julgamento com que julgardes os outros sereis julgados; e a mesma medida que usardes para os outros servirás para vós. Por que observas o cisco no olho do teu irmão e não reparas na trave que está no teu próprio olho? Ou, como podes dizer ao teu irmão: ‘Deixa-me tirar o cisco do teu olho’, quando tu mesmo tens uma trave no teu? Hipócrita! Tira primeiro a trave do teu olho, e então enxergarás bem para tirar o cisco do olho do teu irmão.

²² Walter Russell, A New Concept of the Universe, p.39, The University of Science & Philosophy, 1989.

Através desta declaração imortal, Jesus elucidou o princípio da justiça àqueles que não o conheciam, mostrando que o julgamento (que é feito em relação aos outros) não está de acordo com ele. Jesus não nega categoricamente o julgamento (dos outros), nega apenas o tipo de julgamento feito na ignorância do princípio de justiça e na falta de responsabilidade própria de pensamento, comprometimento próprio com a verdade e auto-conhecimento que co-existe com tal responsabilidade e comprometimento próprios. Dentro de um ambiente geral ideoférico de tal ignorância e ausência, se você julga outra pessoa, não apenas essa pessoa irá julgá-lo, mas também o seu julgamento será baseado nas mesmas medidas que você usou para julgá-la, em desacordo com o princípio da justiça. Como ela não chega a seu nível, você também não chega ao nível dela. Você aponta um cisco nos olhos dela, mas se esquece que possui uma trave no seu, pensando que não há nada. Da mesma forma, ela aponta um cisco nos seus olhos, esquecendo que também possui uma trave em seus olhos, pensando que não há nada.

O princípio da justiça implica que não podemos falsificar o caráter de um ser humano e de suas ações, da mesma maneira que não podemos falsificar a natureza do universo e de seus fenômenos. Devemos julgar o caráter de um ser humano e de suas ações de acordo com a lei da justiça, assim como julgamos a natureza do Universo e seus fenômenos de acordo com a lei do equilíbrio e outras leis da natureza – com a responsabilidade de pensamento e o comprometimento com a verdade que são essenciais para nossa busca por conhecimento. A consciência humana depende da vontade. A ação humana depende da vontade. A cada momento de nossa vida, enquanto acordados, somos desafiados com a responsabilidade de tomarmos decisões. Enquanto seres com vontade própria, precisamos julgar as pessoas e as situações para fazer escolhas na vida. A questão não é “julgar ou não julgar?”, que não é nem ao menos uma questão válida, mas “no que é baseado o nosso julgamento?”. O princípio da justiça declara que o nosso julgamento das pessoas e situações precisa ser baseado no conhecimento da lei imutável do equilíbrio e das leis contidas nela, o próprio princípio da justiça – e, portanto, nos princípios éticos do pensamento e conhecimento, da responsabilidade de pensamento e do comprometimento com a verdade – e do amor que é a lei do equilíbrio manifestada no ato de dar e doar.

Nenhum ser humano é infalível. Todos nós, de tempos em tempos, erramos em nosso julgamento. Entretanto, isso não deve ser motivo para abandonarmos nossa responsabilidade, como seres conscientes, de pensar e conhecer ou de julgar e avaliar. Pelo simples fato de sermos conscientes, não apenas somos qualificados, mas também se torna necessário que julguemos e avaliemos os caracteres de outras pessoas e de suas ações da mesma forma que julgamos, mais importante, nosso próprio caráter e ações. Portanto, o preceito do não julgamento é fundamentalmente contrário à natureza humana e, assim, antiético. Um preceito que precisamos, ao invés disso, é o preceito da justiça mencionada anteriormente, que é baseada em um bom julgamento de nós mesmos e dos outros de acordo com o princípio da justiça: Pense sobre os outros da maneira como você gostaria que os outros pensassem sobre você. Fale sobre os outros da maneira como você gostaria que os outros falassem de

você. Aja em relação aos outros da maneira como você gostaria que os outros agissem em relação a você.

Pode surgir a questão: E quanto às pessoas maliciosas? Como devemos pensar, falar e agir em relação a elas? A resposta: exatamente da maneira como deveria se pensar, falar e agir em relação a elas, de acordo com o princípio da justiça, mas com compaixão. O pensamento malicioso deve ser julgado como malicioso; o discurso malicioso deve ser julgado como malicioso; a ação maliciosa deve ser julgada como maliciosa – mas com compaixão. Pessoas que perpetuam pensamento, fala e ação maliciosa estão ipso facto se responsabilizando e sendo tratadas de acordo com a lei do equilíbrio – pelo princípio da justiça. Nosso julgamento consciente e nossa ação voluntária em relação a eles precisam ser compatíveis com o princípio da justiça, mas com compaixão. Existe um sofrimento intrínseco em um pensamento, discurso ou ação maliciosa, que é sofrido por quem os perpetua. Compaixão significa sofrer junto (com, junto + paixão, sofrer) com amor. Julgando a pessoa que perpetua a maldade de acordo com o princípio da justiça, de forma a mantê-la responsável e a tratando de acordo, mas com compaixão, damos a essa pessoa uma chance de terminar uma repetição kármica de um círculo vicioso (nem malicioso) que caracteriza um mundo que se perdeu. Dar essa chance para que uma repetição kármica termine é parte do que significa o perdão.

Fundamentalmente, tratamos as outras pessoas da mesma maneira que tratamos a nós mesmos, com as justas conseqüências, de acordo com o princípio da justiça. Um entendimento autêntico deste princípio trará uma transformação profunda em nossas vidas e na vida dos outros com quem nos relacionamos. Se as pessoas em uma comunidade realmente entenderem este princípio da mesma maneira que entendem as operações básicas de aritmética (e o princípio da justiça e da lei do equilíbrio são um tipo de equação), eles serão capazes de criar uma comunidade justa e ética, onde a felicidade é a norma e onde não existe nenhum conflito fundamental entre a felicidade individual e a coletiva.

A construção de uma comunidade ética começa com cada indivíduo que faz parte da comunidade. O locus do pensamento e do conhecimento autocriador e, assim, o locus da criatividade e do entendimento, não está no coletivo, mas no individual. Portanto, não somos apenas os criadores de nossas próprias vidas, mas também os criadores das comunidades das quais fazemos parte, incluindo as comunidades profissionais e “virtuais”. A construção de uma comunidade ética, por sua vez, contribui para a criação de um ambiente de ideosfera ética que é favorável ao desenvolvimento ético individual, especialmente nas crianças. Conforme a máxima imortal de Edwin Markham: É inútil construirmos a cidade, se antes não construirmos o homem.

Ética e Política

Política é a disciplina de identificar, definir e praticar um código universal de princípios que tornam a felicidade humana coletiva possível. Agora, o que é a felicidade humana coletiva? A rigor, não existe algo como felicidade coletiva. Felicidade é uma experiência e uma responsabilidade individual. Apesar de podermos contribuir para a felicidade dos outros

através de várias formas de expressão de nosso amor, nunca poderemos fazer deles seres humanos felizes sem que eles sejam responsáveis por sua própria felicidade. Podemos trazer momentos de felicidade aos outros, mas apenas eles podem se tornar seres humanos felizes. Portanto, a felicidade humana coletiva é a felicidade humana individual coletiva, a responsabilidade que existe em todo e qualquer ser humano individualmente, que forma o coletivo ou a comunidade no geral.

Podemos contribuir para a felicidade humana coletiva em nossas comunidades praticando nosso próprio código de ética na e para a realização de nossa própria felicidade, e o preceito de justiça no qual pensamos sobre os outros como gostaríamos que eles pensassem sobre nós mesmos, falamos sobre os outros como gostaríamos que eles falassem de nós e agimos em relação aos outros como gostaríamos que eles agissem conosco. O que não podemos fazer é interferir na busca individual por felicidade de forma a interferir na busca por felicidade de outras pessoas. O que podemos fazer pertence ao domínio da ética, enquanto aquilo o que não devemos fazer pertence ao domínio da jurisprudência. Quanto mais avançados nos tornarmos no domínio da ética, menos precisaremos lidar com o domínio da jurisprudência. Ao contrário, quanto menos avançados formos no domínio da ética, mais teremos que lidar com o domínio da jurisprudência. Isto é, quanto mais fizermos o que pudermos fazer, menos faremos do que não devemos fazer, sem ter que usar da jurisprudência. Assim, a preponderância da ética é inversamente proporcional à preponderância da jurisprudência.

Portanto, a política é a disciplina designada para a criação de uma ordem social que permita a felicidade humana coletiva, combinando as disciplinas da ética e da jurisprudência. Podemos apenas mostrar a diferença entre ética e jurisprudência identificando a diferença entre os conceitos de vício e crime. Vícios são atos onde alguém prejudica a si mesmo ou sua propriedade, enquanto crimes são atos onde alguém prejudica outra pessoa ou a propriedade alheia. Vícios são simplesmente os erros que alguém incorre na sua própria busca por felicidade, não havendo malícia em relação aos outros nem interferência com outras pessoas e suas propriedades. Portanto, nos vícios, a própria essência do crime – a intenção e o desejo de machucar outra pessoa ou a sua propriedade – está ausente. A máxima básica da lei de jurisprudência declara que não pode haver crime sem uma intenção criminosa, isto é, sem a intenção de machucar a outra pessoa ou invadir a sua propriedade. Ninguém pratica um vício com essa intenção. O indivíduo pratica o vício somente na busca de sua felicidade, mesmo que desviada, mas nunca com alguma intenção maliciosa em relação a outras pessoas. Assim, vício é um conceito ético; é uma questão que diz respeito ao indivíduo, enquanto o crime é um conceito de jurisprudência; é uma questão que diz respeito ao coletivo. Portanto, apenas os crimes, e não os vícios, podem ser punidos pelas leis de jurisprudência, o código de princípios universais projetado para defender coletivamente a busca da felicidade humana. Por outro lado, os vícios são suas próprias “punições”, infligidas pela lei inexorável do equilíbrio e pela experiência de infelicidade resultante.

Quais são os requisitos que precisam estar presentes para que os indivíduos formem uma comunidade com a finalidade de buscar a felicidade? A primeira condição é o reconhecimento

coletivo de que cada indivíduo tem o direito individual de buscar sua própria felicidade da maneira que desejar. A segunda condição é o reconhecimento coletivo de que cada indivíduo tem a responsabilidade civil de proteger os direitos individuais dos outros. A terceira condição é a proteção coletiva da liberdade civil necessária para que cada indivíduo busque sua felicidade baseado no seu próprio código de ética para a formulação e a prática deste código de ética próprio, é necessária a liberdade individual de pensar e saber. A quarta condição é o estabelecimento coletivo de um sistema de justiça que deve proteger os cidadãos do crime e punir o ato criminoso, equipado com um sistema de polícia e um código de jurisprudência. A quinta é o estabelecimento coletivo de um sistema de defesa projetado para proteger o estado de uma ofensa criminosa iniciada por outros estados.

Em um mundo “ideal”, onde todos os cidadãos reconhecessem seus direitos individuais e praticassem sua responsabilidade civil, e onde a liberdade civil fosse protegida e a liberdade individual fosse mantida, a sociedade teria muito pouca necessidade de um código de jurisprudência ou de um sistema de justiça, polícia ou defesa, exceto por alguns acordos contratuais universais estabelecidos voluntariamente para transações civis e de negócios. O funcionamento correto da jurisprudência requer a presença correta da ética e, portanto, não há quantidade de trabalho suficiente na jurisprudência que possa criar uma sociedade funcional sem que se dê uma atenção especial à ética. A ética é mais fundamental que a jurisprudência para o funcionamento correto da política. Como dito anteriormente, a preponderância da ética é inversamente proporcional à preponderância da jurisprudência. Portanto, a preponderância da ética sobre a jurisprudência é um indicador claro de uma comunidade funcionando corretamente. Em uma comunidade onde não existe uma base ética forte, trabalhar na jurisprudência leva apenas a um círculo vicioso sem nenhuma solução verdadeira. A solução fundamental para os problemas políticos e sociais está na ética, incluindo os problemas econômicos. Pois um mundo “ideal” não é possível sem a criação de uma base econômica saudável. Isto é, a ética é a base tanto da política coerente quanto da economia sólida. A ética é essencial para a saúde (política) e para a riqueza (economia) de uma comunidade.

Ética e Plenitude

Riqueza é a amplitude total do Kosmos – a integridade das dimensões espiritual, mental e física do universo acessíveis à humanidade – que alguém tenha alcançado de forma plena, através de seus próprios esforços. Esta riqueza, que pode ser verdadeiramente dada aos outros que mereceram o direito de recebê-la. Riqueza, na dimensão espiritual, é a consciência espiritual, o conhecimento e o amor individual; riqueza, na dimensão mental é o conhecimento intelectual individual mais a inteligência ou a habilidade para pensar; riqueza, na dimensão física, é a propriedade material individual.

A aquisição de riqueza material é função e resultado de uma canalização criativa de riqueza intelectual de acordo com um conjunto de princípios que pertencem à dimensão da riqueza espiritual, chamados de princípios ou valores éticos, principalmente os valores de integridade

e produtividade. A riqueza nas três dimensões – espiritual, mental e material – é potencialmente infinita e, na verdade, sem limites para todos. Isto é, não apenas a riqueza espiritual e mental (riqueza metafísica), mas também a riqueza material (riqueza física) é potencialmente infinita e, na verdade, sem limites para todos. Da mesma forma que, na física, o “quantum, vacuum” é, na verdade, o “quantum plenum” em termos de energia disponível, a plenitude é no desenho do universo fenomenológico (físico) e do universo “noumenal” (metafísico). Como não existe escassez na geração de ideias, não existe escassez na geração de energia – energia de suporte e sustentação à vida. A riqueza material, neste sentido, é a energia física plena, manifestada através da plenitude do conhecimento ou de ideias metafísicas que protegem, alimentam, dão suporte, sustentam e dão espaço para todas as necessidades crescentes da vida.

Por exemplo, o visionário matemático-inventor Buckminster Fuller argumentou, através de sua vida, com seus vários livros, entre eles *Synergetics*²³, que a plenitude é uma propriedade inerente ao “projeto do Universo” e que o paradigma da escassez, que até hoje tem dominado o pensamento e a prática da humanidade, é totalmente inviável e moribundo. Hoje, noções como as de “recursos escassos” podem apenas significar a escassez de criatividade e a pobreza da imaginação. Não apenas Buckminster Fuller, mas também muitos outros visionários como John Keely²⁴, Nikola Tesla²⁵ ou Walter Russell no passado, e Eric Dexler²⁶ no presente, mostraram o caminho para a materialização da plenitude no planeta. Portanto, precisamos recontextualizar ou transcontextualizar nosso pensamento do paradigma da escassez para o paradigma da plenitude. O comprometimento com a verdade e a responsabilidade de pensamento, duas das virtudes fundamentais da Ética Evolucionária, deixa claro que tal recontextualização ou transcontextualização está alinhada com a luz da evidência científica que existe hoje. No mínimo, a plenitude é uma possibilidade excitante na qual podemos desenvolver nossas vidas individuais, pois o paradigma da plenitude é uma premissa poderosa sobre a qual podemos construir nosso mundo.

Através da história humana se acreditou que a riqueza material era a antítese da riqueza espiritual e que a espiritualidade era incompatível com o materialismo. Esta crença profundamente arraigada não observa o fato de que a criação de riqueza material, como uma categoria de criação, segue estritamente as leis cósmicas de criação e de equilíbrio, que a criação de riqueza é o resultado de um uso eficaz da inteligência humana de acordo com um conjunto de princípios éticos (filosófico-espirituais) universais, tais como integridade e produtividade, e que existe uma diferença categórica entre riqueza merecida (riqueza ganha

²³ R. Buckminster Fuller, *Synergetics*, Macmillan Publishing Co, Inc., 1975.

²⁴ Theo Pajimans, *Free Energy Pioneer: John Worrell Keely*, IllumiNet Press, 1998.

²⁵ John J. O’Neill, *Prodigal Genius, The Life of Nikola Tesla*, Angriff Press, 1997.

²⁶ K. Eric Dexler, *Engines of Creation*, Anchor Press/Doubleday, 1986

através de esforço honesto e com produção de valor) e riqueza não merecida (riqueza ganha através de meios desonestos como o uso da força, coerção, ou fraude e sem nenhuma produção de valor). A riqueza material, tal qual a riqueza mental, conforme discutida neste livro, é riqueza merecida – a única riqueza que merece ser discutida. Riqueza material merecida não só não é antiética ou incompatível com a riqueza espiritual, mas também é dependente dela para sua criação bem sucedida. Esta crença de longa data, da incompatibilidade ou antítese entre a riqueza material e a riqueza espiritual, é um sintoma da obsolescência e da crença errada na dicotomia entre o espírito e a matéria. Quando nos tornamos conscientes da não-dualidade entre matéria e espírito e da plenitude do infinito potencial e da isenção de limites do universo metafísico, iremos perceber também a plenitude do universo físico.

A criação de riqueza, seja ela material, mental ou espiritual, requer uma prática consistente de certo conjunto de princípios éticos (filosófico-espirituais) em nossa vida, em particular os princípios de integridade e de produtividade.

Por exemplo, no sistema econômico atual, a riqueza é representada e trocada através do dinheiro. O dinheiro é um símbolo e um substituto universal para o valor, um meio de troca, e uma maneira de poupança ou investimento em transações econômicas ou trocas sociais mensuráveis. Portanto, a criação de riqueza material pode ser igualada à geração de dinheiro. O dinheiro é gerado através do envolvimento em trocas sociais mensuráveis. Tecnicamente, a categoria básica da ação humana em trocas sociais mensuráveis é chamada de oferta. Uma oferta é uma ação comunicativa, na qual alguém declara: “Eu irei entregar X a você, se você entregar Y a mim”. Ou, mais precisamente, “Eu prometo entregar X a você. Portanto, eu solicito que você entregue Y a mim”. O que é oferecido nesta ação comunicativa é uma condição de satisfação. Não é um produto ou serviço, mas uma condição de satisfação que se torna possível pelo produto ou serviço que é oferecido nesta troca social. Esta condição de satisfação é chamada de valor, do qual o dinheiro é um símbolo e um substituto universal.

Quando uma oferta é aceita, promessas mútuas são trocadas: a pessoa A promete oferecer a condição de satisfação X para a pessoa B; a pessoa B promete oferecer a condição de satisfação Y para a pessoa A. A promessa é a ação comunicativa que traz um futuro como a expressão de um comprometimento. Para receber uma promessa de outra pessoa é necessário que se faça um pedido a ela. Portanto, um pedido está implícito em uma promessa. Trocas sociais com valor são expressões da lei do equilíbrio, subjacente ao movimento universal não dependente de nossa vontade, na esfera da ação humana teleológica e volitiva, de forma normativa expressada como o princípio do dar e receber igualmente. O que é dado ou trocado em uma troca social mensurável é uma condição de satisfação dada ou trocada através de uma oferta na forma de uma promessa.

A integridade, neste contexto, é o poder de manter sua promessa e de manter o equilíbrio entre dar e receber condições de satisfação. A integridade constrói sua reputação como alguém em cuja palavra e honestidade pode se confiar. Esta reputação baseada na integridade

é o que constrói seu poder financeiro. O poder financeiro não é a quantidade de dinheiro que você possui, apesar de ser uma consequência dele, mas a capacidade de receber promessas dos outros de que vão entregar a você suas condições de satisfação na troca social. Seu poder financeiro, sua capacidade de receber promessas dos outros é, assim, idêntico a sua capacidade de fazer pedidos aos outros. Sua capacidade de fazer pedidos aos outros é diretamente proporcional à sua capacidade de cumprir suas próprias promessas e de manter a justiça na troca social, que é a integridade. Portanto, uma pessoa rica é alguém que estabeleceu uma evidência de integridade e, portanto, de credibilidade, em trocas sociais com valor. Uma pessoa rica é alguém que cumpriu suas promessas consistentemente, mantendo a justiça, em trocas sociais com valor. Uma pessoa rica é alguém que, pela sua integridade, é vista por outras pessoas como alguém competente e qualificada para se envolver em trocas sociais mensuráveis de grandes magnitudes, em muitos domínios diferentes.

Esta integridade envolve produtividade. A produtividade é a criatividade exercitada no contexto da troca social. A produtividade é a integridade com o impulso criativo por otimização, que surge do reconhecimento de que o trabalho produtivo é o processo onde uma pessoa pode criar a mais completa expressão do desejo por criatividade e compartilhamento. Para o indivíduo produtivo, seu trabalho produtivo é uma forma de oração para manifestar aquilo que ele visualiza em seu pensamento e é a realização de seu impulso criativo interior por auto-otimização – por auto-realização. Através do trabalho produtivo, você cria condições de satisfação para oferecer a outros e trocá-las com as condições de satisfação que você deseja na vida, onde todo esse processo é a espiral evolucionária da geração de riqueza.

Da mesma forma que Francis Bacon disse, “Conhecimento é poder”, podemos dizer, “Integridade é poder”. Integridade é o poder de mover o mundo para se moldar à sua palavra, oferecida na forma de uma promessa, um comprometimento ou uma intenção. Integridade é a criatividade, da qual a produtividade é uma expressão especializada. Integridade é o poder de manifestar seu pensamento na realidade de acordo com a lei da criação, onde o pensamento gera a ação e a ação se transforma em entidades que aparecem para compor nossa realidade física. Que se faça a luz, e a luz se faz. Que se faça a felicidade, e a felicidade se faz. Que se faça a riqueza, e a riqueza se faz. Isto é integridade. Isto é criatividade. O poder financeiro é uma manifestação deste poder que é a integridade, que é a criatividade, subjacente ao processo criativo do Kosmos, expressando-se como integridade e produtividade humanas. Através do trabalho produtivo, podemos ganhar ou recuperar nossa “condição total de sermos do mundo”²⁷ como seres humanos, expressando todo o contexto antropocósmico da existência humana do qual muitos de nós nos perdemos, o que resultou em infelicidade.

Aumentar o nosso poder financeiro significa aumentar nossa capacidade de criar condições de satisfação para outros e receber promessas de outros para que consigamos nossas condições de satisfação em trocas sociais de valor. Aumentar nossa capacidade para criar condições de

²⁷ NT: “total enworldedness”

satisfação para outros significa nos sintonizar cada vez mais ao impulso criativo por otimização evolucionária de dentro e de fora. Aumentar nossa capacidade para receber promessas de outros significa aumentar nossa capacidade para fazer pedidos a outros, o que significa aumentar nossa capacidade para cumprir nossas promessas, portanto aumentar o grau de nossa integridade em trocas sociais de valor. Quando pudermos alcançar coletivamente um alto grau de poder financeiro através da prática da integridade na produção econômica e na troca social, seremos capazes de criar um mundo de abundância no universo de plenitude. Em tal mundo, não haverá mais o absurdo da riqueza não merecida que, na verdade, é um “dreno de riqueza” que afligiu e subverteu o mundo através da história.

Em um mundo “ideal” onde os princípios da integridade e da produtividade são praticados juntamente a outros princípios éticos, haverá uma abundância de criatividade e de compartilhamento – de produção e troca de condições de satisfação entre as pessoas em um planeta que existe em um universo de plenitude e é habitado por uma raça cuja inteligência não tem limites em sua capacidade de conhecimento e de criatividade. Dessa forma, a ética, como disciplina da felicidade humana, é essencial para a criação de um mundo “ideal” onde não há escassez, nem na mente das pessoas e nem na realidade do planeta. A economia é apenas uma parte da ecologia. A ética é um caminho necessário para a criação da ecologia da plenitude, tanto na ideosfera quanto na fisiosfera. A plenitude não é suficiência, a condição do suficiente, mas a condição do mais que suficiente. A plenitude potencial do universo exterior foi provada pela ciência. Quando nós, seres humanos, percebermos a plenitude potencial do universo interior, teremos um universo de plenitude interior e exterior. Um mundo “ideal” de felicidade e plenitude é bem possível para nós, se começarmos a praticar o conjunto de princípios éticos evolucionários que são a fundação para se alcançar a felicidade individual e coletiva na terra.

Sabemos que não vivemos em um mundo ideal, longe disso. Entretanto, a arte de viver consiste em viver em um mundo não-tão-ideal sem ser deste mundo, vivendo a partir de um mundo ideal. Viver em um mundo não-tão-ideal sem ser deste mundo significa que você não aceita o moribundo paradigma dominante de vida, mas segue o novo modelo de vida que você cria para você mesmo que pode, no futuro, se tornar o novo paradigma de vida para a humanidade. Viver a partir de um mundo ideal significa que você começa a viver de acordo com o paradigma possível de um mundo ideal que você visualiza. A fonte do poder é o pensamento. É o seu pensamento que move e transforma a sua vida. É o nosso pensamento que move e transforma nosso mundo. A arte de viver é, de fato, a arte de pensar. O que você pensa irá determinar o seu futuro. O que nós pensamos irá determinar o nosso futuro coletivo. Portanto, um novo mundo virá apenas se pensarmos um novo pensamento.

Despertando o Gênio Interior

Sobram livros, fitas e seminários sobre criatividade. Entretanto, a maioria faz a pergunta “como ser criativo?” e tenta oferecer uma resposta a ela sem perceber que estão fazendo a pergunta errada. Não há resposta que eles possam oferecer que vá produzir o resultado que desejam, isto é, criatividade e genialidade. Por exemplo, se você deseja se tornar um pianista de concertos, você precisa aprender a tocar piano. A arte de tocar piano pode ser reduzida a passos incrementais, dos quais o aprendizado e o domínio podem torná-lo um pianista de concertos competente. Ainda assim, você não irá se tornar um Wilhelm Kempff ou um Vladimir Ashkenazy simplesmente por saber tocar piano, ou por dominar as habilidades necessárias para tocar piano.

Tanto conhecimento quanto habilidade são necessários, mas nenhum deles é suficiente para fazer de você um gênio do piano. É por isso que existem centenas de pianistas de concerto, mas gênios do nível de Kempff, Ashkenazy ou Horowitz são extremamente raros. O mesmo pode ser dito sobre qualquer outro campo criativo: de artes e literatura a matemática, ciências, filosofia e negócios.

A criatividade não pode ser reduzida a algum “manual”. Todos os “manuais” vem do passado, e são úteis e até necessários para o aprendizado, em termos de memorização e repetição do que já foi tentado e estabelecido como os procedimentos básicos de como tocar piano ou de como pilotar um avião. A criatividade, por outro lado, não pode ser desenvolvida pelo método de memorização e de repetição do passado. Por definição, criatividade é a habilidade de fazer surgir o que é original. Assim, o processo de desenvolvimento da criatividade é diametralmente oposto ao do aprendizado por memorização e repetição. Além disso, a própria natureza da criatividade é tal que é impossível de ser reduzida a um “manual”, porque se trata de uma expressão da totalidade dinâmica que é a inteligência que permeia o universo como seu princípio organizador – como sua própria criatividade. Assim, o segredo da criatividade e da genialidade desafia qualquer reducionismo ou abordagem reducionista que são prevalentes nos discursos acadêmicos, especialmente nas ciências humanas, onde o reducionismo é, de fato, menos apropriado.

A criação é um processo holístico, um holomovimento, para usar o termo criado por David Bohm. Em *Wholeness and the Implicate Order*, Bohm diz o seguinte sobre os conceitos da ordem implícita, da ordem explícita, e do holomovimento: “A ordem (implícita) não deve ser entendida apenas em termos de um arranjo comum de objetos (em filas, por exemplos) ou como um arranjo comum de eventos (em uma série, por exemplo). Ao invés disso, uma ordem total está contida, de alguma maneira implícita, em cada região do espaço e do tempo” (p.149). “Portanto, em uma transmissão televisiva, a imagem visual é traduzida em uma ordem de tempo, que é ‘levada’ pelas ondas de rádio... Então, a função do aparelho receptor é explicitar essa ordem, isto é, ‘desdobrá-la’ em forma de uma nova imagem visual” (p. 149). “Generalizando, para enfatizar o todo indivisível... o que ‘carrega’ uma ordem implícita é o holomovimento, que é um todo indivisível e impossível de ser quebrado” (p. 151). O que

Bohm chama de ordem implícita, de ordem explícita e de holomovimento são três facetas de um único processo, um processo inteiro não dividido e indivisível, descrito separadamente apenas por razões discursivas para se fazer compreensível dentro de nossa linguagem linear e baseada na distinção.

O processo criativo, cósmico e humano, é um holomovimento. Um indivíduo é um explicitador singular da ordem implícita no holomovimento do todo. A criação surge como um processo explicitador no holomovimento. A inspiração surge quando se entra em sintonia como a ordem implícita. A criatividade requer que o indivíduo esteja sintonizado com a criatividade do universo – a energia primordial do universo que dá a vida ao holomovimento, que é o processo sem fim de autodesenvolvimento do universo. Portanto, a questão não é “como posso ser criativo?”, mas “quem sou eu como ordem implícita do universo?” ou “o que sou eu, como um holomovimento único, que carrega a ordem implícita que pode ser explicitada através do desdobramento da minha vida?”.

Quem eu sou? O quê eu sou? Estas são questões fundamentais da vida que todo ser humano precisa responder para ter uma vida digna de um ser consciente. Não conseguimos ter as respostas àquelas questões de uma maneira racional, analítica ou reducionista, mas apenas de uma maneira holística, universal e cósmica, através de um conhecimento existencial profundo ou ‘intratendimento’ de quem e do que nós somos. Um gênio sabe as resposta mesmo que não possa articulá-la em palavras. As respostas são dadas na língua da luz, na forma de inspiração, que é traduzida no trabalho criativo dos gênios. Para Beethoven era a composição e para Kempff era tocar as músicas de Beethoven, que expressam de maneira brilhante e magnífica seu autoconhecimento e, portanto, quem e o que eles são como destinos cósmicos únicos. A chave para libertar nossa criatividade ou genialidade é saber, com certeza, quem e o que somos na linguagem da luz, através de uma compreensão existencial inspirada ou de ‘intratendimento’, como entendimento mais profundo.

Você é um destino cósmico único através do qual o todo se desdobra e se realiza. Você é um centro único através do qual a criatividade do todo se expressa. Portanto, conhecer e manifestar a singularidade cósmica que é você, é sua responsabilidade cósmica. Enquanto você não conhecer quem você é, enquanto você continuar como um desconhecido para você mesmo, você continuará sendo uma imitação de ser humano. Sua genialidade é sua habilidade mais singular para ser quem você é, como um destino cósmico único. Sem sua genialidade, sem sua habilidade mais singular para ser você mesmo, não importa o quão inteligente ou habilidoso você se torne em seu campo, você será apenas mais um dos muitos profissionais competentes, mas nunca um gênio. Você só pode, autenticamente, se tornar quem ou aquilo que você já é. Portanto, você só pode ser o seu tipo de gênio, inteiramente sui generis. Para autolibertar a genialidade é necessário libertar o autoconhecimento e, para acordar o gênio interior, é necessário sintonizar-se com o destino cósmico único que é você e realizar sua habilidade mais singular para ser você mesmo.

O Caminho sem Caminho

Agora, você pode se perguntar, “Como posso me conhecer?”. Mas como uma singularidade pode ser conhecida por um método de questionamento projetado para abordar questões que já possuem respostas definidas? A singularidade desafia a padronização, e questões “padrões” têm como objetivo levar apenas a respostas que são padronizadas ou padronizáveis. Uma singularidade apenas pode ser conhecida sendo aquela singularidade que a torna singular. Portanto, o caminho do autoconhecimento é um caminho sem caminho. O caminho da criatividade e da genialidade é um caminho sem caminho. O caminho, seu caminho, só é criado quando você está no caminho. O Tao, o Caminho, está no caminhar. É apenas quando você percebe esta verdade simples, mas solene, que você começa a andar no caminho do autoconhecimento, da auto-realização, da criatividade e da genialidade. Você é um destino cósmico único, e perceber e manifestar seu destino cósmico único é perceber e manifestar sua genialidade. Nesta percepção se encontra “entrar no mundo mais elevado da consciência, que compreende a humanidade, mas que a humanidade não consegue compreender”. Pois, por mais paradoxal que isso pareça, a singularidade é o portal dourado para a universalidade porque, conhecendo quem e o quê você é, você também irá conhecer aquela totalidade antropocósmica que é o universo-como-é-experimentado.

Paixão: Nossa Visão Criativa

Se você não colocar amor vindo da sua Alma em seu produto ou criação, você não consegue dar vida a ele. Sem receber vida ou amor, ele não poderá re-dar vida ou amor para inspirar os outros. Uma obra prima de um produto qualquer é aquela que recebeu vida e amor da Alma do Criador para ser refletida de Alma para Alma...

Quando o gênio da sua Alma envia uma mensagem visual ou sonora, que acorda o gênio em outra Alma e a re-inspira com sua inspiração, você deu sua imortalidade ao outro, e ele reconhece seu próprio gênio na medida do despertar do conhecimento de sua imortalidade nele próprio.

- Walter Russell

“Quem e o que eu sou enquanto um destino cósmico único?”. Esta é a questão mais importante que precisamos responder em nossas vidas. Uma chave poderosa para responder a essa questão é conhecendo nossa paixão. A paixão surge do entendimento profundo de nossa visão criativa. Nossa visão criativa é o chamado do Eu universal que se nos impele a ser. Nossa visão criativa é o chamado da ordem implícita do todo que nos chama para explicitá-la através de um holomovimento consciente e criativo. A paixão é sentida como uma gratidão intensa pela oportunidade de realizar nossa visão criativa, na qual a gratidão confere sentido à nossa existência, e na qual o sentido, por sua vez, responde às questões não só do “quem e o que eu sou?”, mas também do “por que estou aqui e para onde vou?”.

A paixão é a energia espiritual do Eu universal que inunda nossas criações com amor, luz e vida. A paixão é a intensidade extasiante da inteligência cósmica que infunde nossa Alma em

nossas criações. A paixão é o êxtase do amor e o brilho da luz que imbuem nossas criações com uma marca de genialidade.

Em meu seminário interativo de dois dias, “The Passion Workshop”, que é seguido pelo seminário “Awakening the Genius Within”, pelo seminário “The Art of Thinking”, e por outros, eu pergunto aos participantes uma série de mais de trinta questões feitas para revelar suas mais profundas paixões em suas vidas, das quais as dez perguntas seguintes são amostras de questões simples de responder. Respondendo a estas questões você irá conhecer sua paixão e sua visão criativa com clareza cada vez maior. Não existem respostas “certas”, somente respostas honestas:

Exemplos de Perguntas do “The Passion Workshop”:

- 1) Relembre épocas em que havia paixão²⁸ em sua vida.
- 2) Você vive a sua vida de maneira apaixonada?
 - a. Se não, o que impede que você viva de maneira apaixonada? (O que você inicialmente acredita que o impede, como o medo, por exemplo, não é o que o impede na realidade. Conhecer o que o impede irá liberá-lo disso. É assim que você descobre se realmente sabe a resposta a esta questão, que, na verdade, tem uma resposta correta).
- 3) Você está disposto a deixar sua paixão tomar conta da sua vida?
 - a. Você irá se dar permissão total e completa para transcender suas limitações auto-impostas para viver uma vida apaixonada?
- 4) O que é que você sempre teve vontade de fazer, mas nunca fez?
- 5) Se você tivesse todo o dinheiro que precisasse para viver o resto de sua vida exatamente da maneira como desejasse, sem nunca precisar “ganhar a vida”, o que você faria?
- 6) Se esse fosse o seu último dia de vida e você tivesse tudo a seu dispor,
 - a. Que presente você daria para a humanidade?
 - b. Que mensagem você deixaria para a humanidade?
 - c. O que você gostaria de receber de presente da humanidade?

²⁸ NT: A definição dos termos “paixão” e “apaixonado” neste contexto é o sentido existencial de “paixão pela vida”, bem mais amplo do que o uso comum do termo na relação homem-mulher.

- 7) Suponha que você, você mesmo, tenha escolhido sua vida da maneira como ela é hoje – seus parentes, seu sexo, sua família, sua etnia, seu país, seu ambiente, suas propensões intelectuais/ emocionais/ físicas e seus talentos, você acha que seria por qual razão?
- a. Qual seria a razão para você escolher este você específico e esta vida específica?
- 8) Se você pudesse viver o tanto quanto gostaria de viver – centenas ou milhares de anos, ou mesmo para sempre – qual(is) seria(m) o(s) trabalho(s) de sua vida?
- 9) Qual é a cor primordial de sua alma?
- 10) Qual é o som primordial de sua alma?

A Matriz de Aprendizado Triformacional

A meditação é a mais importante de todas as funções da vida humana que promovem a vida humana. – Walter Russell

O silêncio é um fluxo perene de linguagem, interrompido pelas palavras. É exatamente como a eletricidade. Onde há resistência para sua passagem, ela brilha como uma lâmpada ou gira como um ventilador. Mas, na fiação, ela permanece na forma de energia pura. Da mesma forma, o silêncio é o fluxo eterno de linguagem. – Ramana Maharshi

A evolução é um processo de aprendizado sem fim e sempre em expansão. Quanto mais evoluídos estivermos, mais abertos e capazes de aprender nos tornaremos. O grau de inteligência é proporcional ao grau de abertura e de capacidade de aprendizado. A criatividade se desenvolve com a inteligência, porque a abertura e a capacidade de aprendizado são desenvolvidas juntamente com a própria fonte da criatividade – a habilidade de sintonia cósmica com o todo.

A Matriz de Aprendizado Triformacional é uma matriz de aprendizado desenhada para o desenvolvimento integral da inteligência e da consciência para que a criatividade e a espiritualidade das pessoas também possam se desenvolver naturalmente. É um modo de aprendizado integral na linguagem do silêncio-qua-luz e na linguagem do som-qua-palavra, baseado no conhecimento científico do que precisa existir para que a evolução aconteça como um processo de aprendizado sem fim e sempre em expansão.

O termo “tri-formação” significa uma tríade de formações: in-formação, meta-formação e trans-formação. O aprendizado informacional é o modo de aprendizado no qual adquirimos conhecimento externo através de meios como a leitura de um livro ou a presença em aulas. É o modo de aprendizado mais alinhado como o método memorizar-e-repetir praticado da escola primária à faculdade na maioria das instituições educacionais regulares. É o processo de converter aquilo que sabemos que não sabemos em aquilo que sabemos que sabemos. É o modo de aprendizado no qual aprendemos as habilidades e técnicas para tocar instrumentos musicais, pintar gravuras, compor poemas, operar computadores, solucionar equações

matemáticas, ou vender produtos. O aprendizado informacional é indispensável para o aprendizado integral e para o crescimento, mas por si só, é fundamentalmente insuficiente para nos fazer evoluir em inteligência, consciência, criatividade e espiritualidade.

O aprendizado metaformacional é o modo de aprendizado no qual você ganha conhecimento através do processo que Walter Russell chama de “relembrar”, ou que Platão chama de anamnesis, onde relembramos uma faceta do conhecimento universal que não sabíamos que já sabíamos por que é o código cósmico e a matriz de significado na qual nossa existência e nossa cognição foram feitas.

O aprendizado metaformacional é um aprendizado meditativo e inclui um processo de voltar à sua fonte do ser, que é chamado no Gnosticismo de anachoresis ou no japonês antigo de kamikaeru (a palavra-raiz de “pensar”). Padmasambhava, um dos pensadores budistas mais criativos e originais, usa a palavra rang-sa, insinuando um retorno “à moradia legítima (chos-dbyings)” que significa (na interpretação criativa de Herbert Guenther) “a dimensão onde os significados estão guardados em seus status nascendi”.

A metaformação é o processo de conversão daquilo que não sabemos que sabemos em aquilo que sabemos que sabemos. O conhecimento relembrado através da metaformação é de natureza cósmica e universal, ainda que totalmente original, porque vem da origem do nosso ser. É uma ordem implícita que contém o todo que se torna explícito na forma de holomovimento cognitivo. A metaformação é relembrar e, portanto, re-criar e, assim, é criativa. É o conhecer que cria. É o conhecimento que é criação. A metaformação é o conhecimento extasiante que é intrinsecamente holístico. É o despertar para aquele conhecimento universal que inclui a integridade cósmica que dá vazão ao próprio despertar.

A metaformação inicia o processo contínuo de reconfiguração e de recontextualização de toda a nossa base de conhecimento, incluindo nossas premissas, hipóteses e estruturas de interpretações. Por outro lado, a informação apenas soma e constrói sobre nossas premissas, hipóteses e estruturas de interpretações. Portanto, o aprendizado metaformacional leva a uma ascensão vertical em espiral e a uma evolução crescente de conhecimento, enquanto que o aprendizado informacional leva apenas a um acúmulo concêntrico crescente de conhecimento. O que Beethoven chama de “o mundo mais avançado de conhecimento que compreende a humanidade, mas que a humanidade não consegue compreender” é impossível de ser percebido sem uma ascensão metaformacional. Ainda assim, a metaformação sozinha, sem integrar o aprendizado informacional, não pode gerar transformação ou desenvolvimento integral, que é essencial para tornar a genialidade uma presença permanente na nossa existência.

A transformação é o processo de formação de conhecimento através da integração da metaformação com a informação, envolvendo a co-evolução da existência, da consciência, da inteligência e do caráter. A transformação é o processo de reconfiguração e recontextualização do conhecimento informacional dentro da lógica do conhecimento metaformacional. Para que o conhecimento metaformacional seja completo e comunicável,

ele precisa ser interpretado e traduzido com base no conhecimento informacional. Para que o conhecimento informacional sirva de estrutura de interpretação para interpretar novo conhecimento metaformacional, ele precisa ser continuamente recontextualizado sob a luz do conhecimento metaformacional. A transformação diz respeito ao nosso ser como um todo, pois o conhecimento evolui junto com a consciência, com a inteligência e com o caráter. Sem que haja evolução em consciência, inteligência e caráter não será possível alcançar o conhecimento mais evoluído, e o contrário também é verdadeiro. Portanto, a transformação é o desenvolvimento integral de nosso ser – de nosso conhecimento, consciência, inteligência e caráter.

A transformação envolve quatro modos diferentes de pensamento: (1) pensamento representativo; (2) pensamento intuitivo; (3) pensamento interpretativo ou hermenêutico; (4) pensamento meditativo. O pensamento representativo é o modo dominante do aprendizado informacional com sua tendência à tematização, ao reducionismo e à dicotomia entre análise e síntese. Quando a experiência é de importância fundamental, e quando o aprendizado metaformacional entra na equação completa do aprendizado, o pensamento intuitivo e o pensamento interpretativo começam a ter mais importância que o pensamento representativo. A ciência moderna permite apenas o pensamento representativo, com seu forte reducionismo, mas depende do pensamento intuitivo para novas ideias e inspirações. Dessa forma ocorreu a contribuição singular à ciência do poeta-cientista alemão Johann Wolfgang Von Goethe, que baseou seu trabalho científico primariamente no pensamento hermenêutico ou fenomenológico.

Meu trabalho educacional no Instituto “Vision in Action” (“Visão em Ação”) inclui os quatro modos de pensamento, porque a nova revolução necessária no aprendizado e no conhecimento só pode vir do exercício de todos os quatro modos de pensamento em harmonia e equilíbrio. O currículo de aprendizado integral e de estudos transformacionais, desenvolvidos por meus colegas e por mim no Instituto “Vision in Action” (“Visão em Ação”), é baseado na Matriz de Aprendizado Triformacional, na qual o aprendizado informacional em uma grande variedade de campos é completamente integrado com o aprendizado metaformacional dentro da estrutura do aprendizado transformacional. Com a estrutura aberta da Matriz de Aprendizado Triformacional, a criatividade se desenvolve naturalmente como uma fonte de conhecimento, inteligência, caráter e espiritualidade crescente das pessoas, enquanto suas habilidades para manifestar suas genialidades criativas também se desenvolvem através da aquisição de habilidades e técnicas vindas do aprendizado informacional.

Êxtase da Criação

No modo de criatividade autêntica nos sintonizamos com a inteligência extasiante do universo. O êxtase é a emoção (e-moção) cósmica e humana mais primordial. O êxtase é a radiação, a ressonância e a reverberação cósmica que surge do estado de ek-stasis, o estado de existência fora-do-estático que Martin Heidegger descreve como “estar-fora-de-si que vai-

de-encontro-ao-eu, de-volta-ao-eu...”. O êxtase é a radiação e a reverberação surgindo no movimento de evolução, que é o movimento de auto-realização através da autotranscendência.

Na escala humana, o êxtase é a emoção que surge do estado de existência fora-do-estático (ek-stasis) ou de estar continuamente não-emperrado em um estado particular de existência – um estado de existência que é diametralmente oposto ao modo de existência rígido comum, que caracteriza a maioria dos seres humanos que se perderam em modos de existência egóicos. O propósito da vida humana é a auto-realização e, por mais paradoxal que pareça, a natureza da existência é tal que a auto-realização completa requer uma contínua autotranscendência, e esta contínua autotranscendência é um sine-qua-non para a auto-realização autêntica. O êxtase é a reverberação sentida no movimento eternamente ascendente da auto-realização através da autotranscendência. E, neste movimento, se encontra nossa habilidade mais singular de sermos nós mesmos.

Nesta experiência de êxtase de auto-realização através da autotranscendência, de criatividade e de evolução, você irá perceber que o universo fenomenológico é a inteligência de Deus, ou da inteligência metacósmica e supraconsciente, brincando em sua brincadeira pura e cristalina no parque de diversões de sua própria criação. Criação é êxtase sublime. Criatividade é uma delícia energética e sinérgica. Deus cria o universo para colocar êxtase na criação. Deus cria o universo para infundir intensidade extasiante de energia espiritual na criação. Este êxtase, esta energia, é outro nome para o amor.

De fato, não há outro propósito à criação que não seja para Deus iluminar e trazer luz para toda a criação com o amor. O universo é a intensidade extasiante supraconsciente que se auto-ilumina com intensidade extasiante. Assim, quando despertarmos o nosso gênio criativo interior, iremos começar a criar apenas para compartilhar o nosso êxtase com nossos colegas de existência. Criaremos apenas para inundar nosso mundo com nossa energia, nossa intensidade, nossa paixão e nosso amor. A criação é um abandono alegre e uma abundância divertida. Não existe outro propósito para nossa criatividade, para nossa genialidade. E não existe nenhuma outra razão para nossa existência, para nossa vida.

Deixe-me fechar este breve ensaio sobre criatividade e genialidade com uma citação do grande filósofo americano contemporâneo David Michael Levin:

“Ver o mundo com alegria traz alegria para o mundo. Mas no mundo, esta alegria é refletida. Ver esta alegria refletida no mundo – refletida não apenas por coisas, mas principalmente através das outras pessoas – é, em si, uma grande alegria. Alegria sempre é devolvida, refletida na visão do belo, do bom e do verdadeiro. Como não se trata de uma relação causal, mas de uma correspondência, isto é, uma co-resposta co-emergente, uma reciprocidade, a luz e o brilho das coisas que são visíveis apresentam uma visão da beleza que, quase que naturalmente, alcança a experiência visionária da alegria. O brilho das coisas reflete e é simultaneamente refletido pelo brilho ‘equivalente’ do olhar. Conforme acende e ilumina as

coisas, o olhar, por si só, se acende em sua luz. Dessa forma, os dois, o que vê e o que é visto, são colocados juntos em um êxtase de luz”.

A Estrada para a Liberdade

O dia de ontem não tem poder sobre o dia de hoje ou sobre o dia de amanhã. O passado não tem poder sobre a maneira como vivemos no presente ou no futuro. O passado parece ter poder apenas porque damos poder a ele. O poder não vem do passado, porque o passado não existe na realidade. O passado existe apenas como uma memória e a memória existe apenas como uma referência. A memória tem utilidades intrínsecas, mas não possui poderes inerentes. Sem memória, perdemos o sentido de continuidade temporal e de auto-identidade temporal. Também usamos nossa memória para guiar nossa ação presente. Ainda assim, a memória por si só não tem poder para ditar ou para determinar nossa ação presente. Somos, na verdade, livres para começar nossas vidas de novo agora mesmo. E saber disso é o começo da liberdade.

A liberdade autêntica não é uma condição estática que, uma vez alcançada, pode ser mantida. É um estado dinâmico que precisa ser alcançado de novo sempre. O locus no qual alcançamos a liberdade é tão somente no agora, que não faz parte do tempo. O agora no qual alcançamos a liberdade não é um momento no tempo, mas o momentum, que surge no eterno, que produz reação passada e resulta no futuro, dentro do fluxo aparente do tempo. Assim, ser livre é estar no agora – o agora atemporal e eterno.

Então surge a pergunta: Como podemos estar no agora e sermos livres? A resposta é simples: Podemos estar no agora e sermos livres se nos mantivermos como agentes de responsabilidade. Responsabilidade é a habilidade de “re-prometer” ou de se “re-comprometer”. A responsabilidade, portanto, implica na aptidão de criar um novo futuro, fazendo e agindo a partir de um novo comprometimento. Um novo comprometimento é um comprometimento que é feito novamente a cada momento sucessivo no tempo, até o momento em que se chega a uma situação onde um comprometimento completamente novo se torna necessário. A responsabilidade surge como uma intenção, não no tempo, mas no agora como um momento do eterno. A responsabilidade é a intencionalidade sentida que transforma ser em existência e potencialidade em realidade atual. Na responsabilidade, estamos sós no ponto culminante da criação e do surgimento do novo, como participantes na criação e catalisadores no surgimento do novo.

Quando não somos responsáveis, reagimos. Quando reagimos, nossa vida se torna uma extensão repetitiva ou um reençamento kármico do nosso passado. A reatividade faz parte do tempo, a responsabilidade não. A reatividade surge como um momento no tempo, enquanto a responsabilidade surge como um momento atemporal. O modo reativo de existência é o modo básico da vitimização, na qual nos vemos carregados impotentemente pelas forças externas da natureza, da sociedade ou da história. Uma vítima é quem, tendo desistido de sua personalidade inata, se vê como não responsável por sua parte na vida. Uma vítima é primeiro uma vítima de seu passado que, ela pensa, inevitavelmente a levou até onde ela está e que, quanto a isso, declara não ter responsabilidade. Um sentimento de ser vítima, ou uma consciência de vítima, está enraizado nas profundezas de nossa psique porque presumimos que o passado determina o nosso futuro, e porque sabemos que não podemos alterar o passado. Sim, é verdade que não podemos alterar o passado, mas não é verdade que o passado determina o futuro.

Podemos chamar o estado de ser um agente de responsabilidade de “agência²⁹”. “Agência” é o oposto de vitimização. O caminho não pavimentado da liberdade é o caminho ascendente de transformação da vitimização para a “agência”. Se você se sentir sem poder ou preso em algumas áreas de sua vida, isso é um sinal de que você está dominado por uma consciência de vítima. Não importa a situação, enquanto nos sentirmos como vítimas, estaremos abrindo mão de nosso poder para mudar a situação e para caminhar em frente com nossas vidas. Quando alcançamos o estado de “agência”, nos tornamos agentes de mudança. Se nada externo pode ser mudado em determinada situação, ainda assim podemos ser livres, porque quando somos responsáveis, podemos alinhar nossa intenção com a situação para que ela seja exatamente da maneira que ela é. Então nos tornamos os mestres, não mais os escravos, da situação. Quando temos a intenção para que uma situação ou nossa vida seja exatamente da maneira como ela é, nos enchemos de gratidão por tudo o que nos é dado e por tudo o que acontece conosco. Então, nos reconciliamos e ficamos completamente em paz com o todo da existência.

A expressão espiritual mais poderosa de responsabilidade é o ato do perdão. Perdoar é dar luz por escuridão, dar amor por ódio, e dar consciência por ignorância. Perdoar significa dar verdade por falsidade, dar bondade pelo mal, e dar beleza pela feiúra. Significa dar boa vontade por má vontade, dar generosidade por miséria, e dar alegria por tristeza. Através do perdão, de maneira responsável, quebramos a cadeia de reações de escuridão e de ódio e, intencionalmente, as transformamos em círculos cada vez maiores de amor e de luz. Como o perdão é um ato de responsabilidade, no momento em que você perdoa, você se torna livre. Você recebe a liberdade como ela é, como um presente por tudo que você doa no seu perdão. Isto é liberdade como uma graça.

O caminho para a liberdade é o caminho da liberdade. Ela não é pavimentada porque é um caminho sem caminho criado apenas através da e na sua jornada. Dada a natureza da liberdade, onde a criatividade é essencialmente inerente, a estrada para a liberdade é a estrada que você constrói durante sua jornada. Você é totalmente responsável pela criação da sua estrada para a liberdade. A liberdade é, assim, condicional e precisa ser merecida, mesmo como graça, através de sua responsabilidade. Se você assume a responsabilidade total por toda sua vida, agora mesmo você será livre para começar sua vida de novo. E se cada um de nós assume a responsabilidade total por toda a vida humana neste planeta, agora mesmo nós seremos livres para começar uma nova história humana.

²⁹ NT: “agency”.

Uma Carta Àqueles que Fazem a História

Os elementos de cada conceito entram no pensamento lógico através do portal da percepção e saem através do portal da ação com propósito; qualquer coisa que não possa mostrar seu passaporte em algum destes dois portais deve ser retida e sua entrada não autorizada pela razão.

- Charles Sanders Peirce

Meu Comprometimento

O comprometimento moral que forma a base de meu trabalho possui duas frentes: 1) buscar a verdade eterna e universal acima de tudo; 2) desenvolver uma sabedoria que consiste na habilidade em manter um diálogo com pessoas que possuem pontos de vista diferentes dos meus.

Existe um grande número de pessoas educadas que acreditam que a verdade eterna e universal não existe ou que é inalcançável. Entretanto, ao menos que alguém assuma a posição de que a única verdade eterna e universal é que a verdade eterna e universal não existe, o que não tem lógica e é contraditório, essa pessoa não pode afirmar que sua posição é válida. Além disso, ao menos que esse alguém conheça e, portanto já tenha alcançado, a verdade eterna e universal, ele não pode declarar que ela é inalcançável, o que, novamente, não tem lógica e é contraditório.

Portanto, defendo que a existência da verdade eterna e universal é uma possibilidade, e que a busca por ela é completamente racional e possui uma lógica consistente. Eu também defendo que a busca pela verdade eterna e universal traz à pessoa um sentimento de realização intelectual e espiritual profundos. Apesar de ser possível nunca se alcançar a verdade eterna e universal, no sentido da verdade absoluta, encontra-se, na própria busca pela verdade, uma gama variada de manifestações do verdadeiro e do belo que, de outra forma, poderiam passar despercebidas.

O bem alcança seu maior potencial quando vem unido ao verdadeiro e ao belo. Portanto, a busca pela verdade eterna e universal oferece a possibilidade de se ter uma vida genuinamente moral, na qual o bem é o desabrochar natural da verdade em ação e a reflexão espontânea da beleza de fato. Apesar de a moral ser tradicionalmente entendida como uma disciplina que não pertence às disciplinas da ciência e da estética, é possível se integrar estes três domínios como os três aspectos do estado de consciência que está consciente da totalidade da vida – consciente da trindade holística do verdadeiro, do belo e do bom.

À medida que uma pessoa se relaciona com outras na sociedade, ela encontra pessoas que possuem visões de mundo diferentes – algumas vezes radicalmente diferentes – das dela. Se seu principal comprometimento na vida for com a verdade eterna e universal, essa pessoa terá duas formas possíveis de se relacionar com aqueles que possuem pontos de vista diferentes: se a pessoa está consciente de que ainda não alcançou a verdade eterna e universal, então ela irá ouvir humildemente e verdadeiramente àqueles que possuem pontos de vista diferentes para, assim, aprender e desenvolver ainda mais o seu próprio pensamento e conhecimento. Se a pessoa está consciente de que alcançou alguma medida da verdade eterna e universal, então irá ouvir outros

pontos de vista como aspectos da ou passos em direção à verdade eterna e universal. Uma pessoa terá desenvolvido sabedoria suficiente para ser capaz de manter, de maneira pacífica e produtiva, diálogos com aqueles com quem não concorda.

Assim, na busca da verdade eterna e universal, é possível aceitar e ser completamente tolerante a diferentes visões, ideias e culturas. A busca pela verdade eterna e universal cria integridade no sentido de coerência, equilíbrio e totalidade por dentro e para fora. A busca pela verdade eterna e universal é um processo chave na vida e através da vida, que gera integridade por dentro e para fora. Como a paz é um valor que surge quando se alcança tal integridade, a busca pela verdade eterna e universal também cria ou restaura a paz interior e exterior.

As pessoas tendem a não serem tolerantes com aqueles que possuem pontos de vista diferentes das delas porque elas querem “acreditar” que elas “sabem”, o que significa que, no fundo, elas não têm certeza da verdade ou da validade de suas próprias crenças e, portanto, não querem encarar a possibilidade ou a realidade de que elas podem não saber mesmo a verdade. Elas não estão dispostas a encarar a possibilidade ou a realidade de que o edifício de crenças que elas construíram para oferecer sentido a suas vidas pode estar meramente apoiado sobre areia movediça, e não sobre a rocha da verdade.

Uma crença funciona como uma substituta do conhecimento autêntico. Uma crença, neste sentido, é uma hipótese vaga que é elevada à categoria de verdade sem um processo profundo de exame racional e verificação conduzida por uma comunidade de pessoas qualificadas para examinar essa hipótese. Existem apenas duas possibilidades epistemológicas: isto é, ou você sabe ou você não sabe. Uma crença é uma violação da integridade epistemológica, na qual algo que uma pessoa não sabe é transformada em algo que a pessoa sabe. Portanto, o ato de crer é uma forma de auto-engano intelectual, que leva à repressão da dúvida. Isto, por sua vez, leva ao fenômeno dos “crentes verdadeiros” ou “fundamentalistas” – fanatismo e arrogância causados por medo mórbido de sua própria dúvida reprimida – através de insegurança profunda e da falta de confiança.

Entretanto, se o principal comprometimento da pessoa, em sua vida, for com a busca da verdade eterna e universal, ela irá desenvolver naturalmente um sentimento profundo de humildade, sem nenhuma pretensão de saber algo que não sabe. A busca pela verdade eterna e universal requer uma paciência eterna e uma humildade universal, pois na busca pela verdade eterna e universal, no vasto horizonte da verdade eterna e universal, é muito natural que alguém não conheça a verdade absoluta. O que quer que seja que alguém saiba é apenas um passo em direção à verdade eterna e universal.

É uma premissa de meu trabalho que as duas frentes de meu comprometimento possuam uma grande importância para o desenvolvimento contínuo do caráter e do conhecimento e, desta forma, para o alcance da integridade espiritual e intelectual, um sine qua non da paz interior e da paz no mundo. “Visão em Ação” é, essencialmente, um convite às pessoas se juntarem a nós neste comprometimento com a busca pela verdade eterna e universal e com a ação inspirada que surge desta busca.

Como a nossa busca pela verdade eterna e universal é um comprometimento, ela não tem um final pré-determinado, não possui dogma, nem crença e nem credo. A verdade eterna e universal é ampla o suficiente para incluir o caminho, a visão e a expressão única de todos. Na prática, isto significa que não existe necessidade de concordância ou consenso, mas, simplesmente, de alinhamento e de sabedoria, consistindo na capacidade de se manter diálogos pacíficos com os outros, independente de consenso ou não. Unidos neste comprometimento, iremos nos tornar co-exploradores da verdade eterna e universal e co-criadores de uma nova civilização. Iremos nos tornar aqueles que fazem a história.

Vocês, Aqueles que Fazem a História

O processo evolucionário do universo é caracterizado pelo que é chamado de sinergia: o princípio de que as características comportamentais do sistema em evolução como um todo não podem ser previstas através do mais completo conhecimento de seus componentes em separado ou em combinações parciais³⁰. Muitos analistas argumentam que o mundo Ocidental entrou em uma fase revolucionária na história comparável apenas à Revolução Industrial, e o vetor primordial desta fase de transição radical e transformativa é a tecnologia da informação computadorizada, e que a velocidade da transformação na qual a revolução acontece será incomparavelmente maior que aquela da Revolução Industrial. Além disso, de acordo com o princípio da sinergia, mesmo com mais conhecimento e mais habilidades de prognóstico do que qualquer outra que estivesse disponível no passado, nenhum especialista pode prever, com exatidão, como o mundo todo será no futuro. De fato, muitas pessoas estão sentindo que o mundo está se tornando cada vez mais incerto e cada vez mais ameaçado por possíveis perigos.

Felizmente, entretanto, os seres humanos não são meros observadores do mundo, mas também participantes e co-criadores conscientes. O que chamamos de mundo é formado por uma rede sinérgica de conversações entre pessoas que a estão constantemente formando, reformando e transformando. A substância do mundo é a ideia, que se forma, se reforma e se transforma através das conversações da humanidade, organizando-se de maneira sinérgica como uma rede evolucionária e multidimensional. O ambiente mais próximo, essencial e importante para nós não é a biosfera ou a fisiosfera, mas a ideosfera, a esfera metafísica das ideias, que é a própria substância das conversações da humanidade, da rede evolucionária das conversações.

O que move o mundo não é a tecnologia, mas a ideia. A ciência é a expressão e a tecnologia é o artefato de uma ideia, que é o que move o mundo, mas nunca o move sozinha. Foi a transformação ideosférica que se manifestou com a Renascença e o Iluminismo que trouxe a ciência e a tecnologia, gerando a Revolução Industrial, que deu as condições para o surgimento da revolução da informação que está acontecendo agora e que vai culminar com a revolução da singularidade³¹, que chegará em breve. Em contraste, a civilização chinesa, mesmo tendo

³⁰ R. Buckminster Fuller, *Synergetics*, 1975.

³¹ A revolução da singularidade é o nome dado à aceleração exponencial nas mudanças sociais no futuro próximo, prevista para ser causada pela convergência poderosa e em tempo real de muitas revoluções

desenvolvido aeronaves rudimentares e tecnologias submarinas quando a Europa ainda se encontrava na Idade das Trevas, essencialmente por não ter a ideia fundamental para o desenvolvimento e para a evolução da ciência moderna, não foi capaz de desenvolver o tipo de ciência que a Europa desenvolveu logo depois.

A ideia, e apenas a ideia, move o mundo. Isto significa que podemos mover o mundo com nosso próprio pensamento através da geração de ideias. Entretanto, o problema é que a maioria da humanidade continua e está contente em continuar como o consumidor e não como o produtor de ideias. As pessoas participam na conversação da humanidade, predominantemente, como consumidores de ideias que são propagadas através da rede de conversações. Portanto, as pessoas se tornam presas fáceis de profissionais de marketing e de distribuidores de ideias, como a mídia ou as instituições educacionais, cujas ideias podem ser poluidoras do ambiente ideosférico e, portanto, insalubres aos indivíduos que estão respirando mentalmente neste ambiente.

Hoje, vemos uma proliferação de movimentos ecológicos e de ativistas ambientais, mas muito poucos estão conscientes e discutem o ambiente mais importante de todos: a ideosfera. De fato, o movimento ambiental é um movimento ideológico que é lutado na ideosfera. Portanto, sem uma transformação ideosférica em respeito aos ambientes da fisiosfera e da biosfera, não haverá transformação na fisiosfera ou na biosfera. O que precisamos, acima de tudo, é um movimento ambiental ideosférico. O movimento ambiental que mais precisamos é um movimento ambiental da própria ideosfera para lidar com a ecologia das ideias.

Para que este movimento possa ser bem sucedido algum dia, ele deveria ser conduzido, inicialmente, dentro de cada indivíduo que escolhe participar dele. Isso porque o locus da ideosfera é individual; ou seja, fundamentalmente não é o coletivo, mas o indivíduo que constitui o coletivo, quem pensa e gera ideias. A transformação ideosférica é um fenômeno emergente, resultante de indivíduos, em número suficiente, sendo pensadores autênticos e criativos, isto é, geradores de ideias originais, produtores de novos diálogos e contribuintes das conversações da humanidade.

Nenhuma autoridade central deveria ditar o curso do desenvolvimento ideosférico, pois a dependência em relação a uma autoridade externa, quando o assunto são as ideias, é fundamentalmente antiético em relação à natureza singular do próprio desenvolvimento ideosférico. A dependência intelectual e espiritual de uma autoridade externa é a própria antítese do pensamento verdadeiro e independente, que é o motor da transformação ideosférica. A dependência em relação a uma autoridade externa resulta em desaceleração, truncamento, reversão, atrofia ou dissolução da evolução ideosférica.

Grande parte da história humana pode ser vista como a história da luta dos seres humanos contra todos os tipos de autoridades externas e sua emancipação em relação a elas, com diferentes graus

tecnológicas, incluindo as revoluções da tecnologia da informação, da biotecnologia, da nanotecnologia e das novas energias.

de sucesso e insucesso. Dos deuses míticos surgidos da mente bicameral, descritos por Julian James³², passando por todas as variações de deuses defendidos por seus representantes e suas organizações terrenas, até os intelectuais ou a “intelligentsia” de uma origem mais secular, a ideosfera tem sido, em um grau significativo, dominado e ditado por várias autoridades externas. A transformação ideosférica que o século XXI pede será de uma natureza qualitativamente diferente.

As mudanças ideosféricas do passado tendiam a ser concêntricas, com centros trabalhando como autoridades externas, refletindo a natureza concêntrica desta configuração ideosférica de eras anteriores. O século XXI pede uma estrutura ideosférica omnicêntrica, formada a partir de centros independentes e interconectados surgidos da independência espiritual de indivíduos trabalhando, como suas próprias autoridades interiores, no pensamento e na geração de ideias originais, que irão co-evoluir juntamente com a nova configuração omnicêntrica da ideosfera em evolução. A Revolução da Informação, que já está acontecendo, é a manifestação e a ferramenta desta configuração omnicêntrica da nova ideosfera do futuro.

Desta forma, para ser um daqueles que fazem a história – um gerador de ideias e alguém que contribui produtivamente para a conversação da humanidade – é necessário ser um centro soberano desta configuração omnicêntrica. Para ser um daqueles que fazem a história é necessário ser um pensador comprometido e um ator poderoso, pois o pensamento é o início da ação autêntica, que, sozinha, tem o poder para transformar o mundo. Portanto, sendo um dos que fazem a história, você não irá apenas criar o seu próprio destino, mas será também um co-criador do destino do mundo. Sendo um dos que fazem a história, você irá dar poder a você mesmo para criar o futuro como se fosse uma tapeçaria multicolorida entrelaçada pelos fios do seu pensamento e da sua ação, combinada sinergicamente com aquelas de outros tecelões do mundo e criadores da história.

Nós, seres humanos, alcançamos todo nosso potencial não quando estamos envolvidos em reflexões abstratas solitárias ou envolvidos em nossa transformação individual por si só, mas quando estamos envolvidos no ato de transformar o mundo, no ato de fazer história. A busca pela verdade eterna e universal, o ato de gerar ideias através do pensamento criativo, e o envolvimento consistente e produtivo na conversação da humanidade, levam a uma ação moral poderosa, à ação que cria um Novo Mundo. Para se envolver com esta ação e se tornar um co-criador de um Novo Mundo é preciso ser um tecelão do mundo no próprio ato de tecer o mundo e, também, ser um dos que fazem história no próprio ato de fazer um Novo Mundo.

Na verdade, não existe transformação individual verdadeira sem uma transformação do mundo; o que existe é apenas a co-transformação do indivíduo e do mundo. Pois o indivíduo é o mundo. O indivíduo é toda a humanidade. Portanto, você é o mundo e você é a humanidade. Conforme suas ideias e seus pensamentos são entrelaçados no tecido do mundo, o mundo é entrelaçado no tecido do seu próprio ser, de maneira holográfica. Saber que você é o mundo, que você é a

³² Julian James, *The Origin of Consciousness in the Breakdown of the Bicameral Mind*, 1976.

humanidade, é ter a verdadeira compaixão. Agir a partir do conhecimento da identidade entre o eu e o mundo, entre o eu e a humanidade, é ser moral no sentido mais profundo da palavra.

Dentro desta consciência profundamente moral, a individualidade é integrada à universalidade e a universalidade é cristalizada na individualidade. Gerar uma ideosfera onde tal consciência moral, tal unidade dinâmica complementar entre individualidade e universalidade, se torne uma realidade global é o maior desafio moral que confronta os que fazem história hoje. O sucesso completo da humanidade depende da maneira como enfrentamos este desafio individualmente, como a fonte primária de pensamento e ação e como o que move a transformação do homem e do mundo.

O desafio dos que fazem história está essencialmente em você – na escolha entre você ousar enfrentar este desafio ou sucumbir à conspiração da mediocridade e se resignar. Agir com comprometimento com a criação da história, com a transformação do mundo e com o surgimento de um Novo Mundo é a demonstração de integridade de um ser humano, possível apenas para um intelecto com maturidade verdadeira e para um espírito com sabedoria real. A resignação, por outro lado, é uma serva da conspiração da mediocridade; a resignação não pede por nenhuma grande força ou integridade intelectual e espiritual, pois ela é a aceitação tácita da derrota diante de um desafio.

O grande mestre e artista espiritual Walter Russell disse: “Não conhecerei a derrota. Ela não me tocará. Irei enfrentá-la com meu pensamento verdadeiro. Resistir a ela me fará mais forte. Mas se, eventualmente, o dia me der um copo amargo, ele se adocicará enquanto eu o beber”. Para um espírito e um intelecto como o de Walter Russell, a resignação e, conseqüentemente, a derrota, é fundamentalmente impossível. Aquele que pode adocicar o copo amargo da derrota enquanto o bebe é invencível. A vida bem sucedida consiste tanto no copo quanto no ato de beber; tanto na circunstância quanto na escolha de encarar os desafios da vida com coragem, força e magnanimidade.

A conspiração da mediocridade não pode tocá-lo se você escolher não conspirar em favor da mediocridade e, ao invés disso, escolher aspirar à verdadeira grandeza e inspirar-se com ela. A escolha é entre ser história, conspirando a favor da mediocridade, ou fazer história, aspirando e inspirando a grandeza. Escolhendo participar da “Visão em Ação”, você escolheu a segunda opção – o caminho da grandeza, o caminho do tecelão do mundo, o caminho dos que fazem história. Seja bem vindo.

Os Quatro Pilares do Trabalho da “Visão em Ação”³³

“O que mais provoca o pensamento nesta época tão provocadora ao pensamento é que ainda não estamos pensando”. – Martin Heidegger, *What is Called Thinking?*

“O homem tem o direito de escolher se tornar sábio, mas a consequência obrigatória disto é o direito de escolher o caminho da tolice, mas sem esperança de escapar do preço da tolice. Agora, não é sábio tentar salvar um homem do preço da tolice, pois é um ensinamento necessário. Entretanto, será sempre compaixão verdadeira criar no homem o desejo pela sabedoria”- Franklin Merrell-Wolff, *Pathways Through To Space*.

“... o desejo por (cada vez mais) iluminação é a última enfermidade de uma mente nobre... Não devemos buscar a imortalidade ou a atemporalidade; não devemos buscar. O infinito e a eternidade chegam por suas próprias vontades, ou não chegam de forma alguma” – Reginald Horace Blyth, *History of Haiku*.

Em 2004, meus colegas e eu começamos uma série de palestras que incluíam “Criando uma Cultura de Responsabilidade” e “Alinhamento além do Consentimento”, entre outros assuntos vitais, além de uma série de experimentos em diálogo evolucionário. Agradeço àqueles que participaram destes eventos.

No texto a seguir, apresento uma breve descrição dos Quatro Pilares do Trabalho da Visão em Ação, que explicam o trabalho da Visão em Ação com o qual eu e meus colegas estamos profundamente comprometidos. Convidamos vocês, sinceramente, a participarem de nosso trabalho da maneira que for melhor para vocês.

Algumas pessoas parecem pensar que quero salvar o mundo. Não. Não quero salvar o mundo. Se quero algo, é salvar a humanidade do mundo – do mundo dominante de ilusão e desilusão que os budistas chamam de samsara, o mundo das repetições circulares sem fim geradas pelos modos errantes de pensamento e de existência da humanidade. Meu interesse e comprometimento é em criar um êxodo maciço da humanidade para fora deste mundo “samsárico” e em direção a um Novo Mundo de evolução humana criativa, onde a humanidade esteja envolvida profundamente na própria criação deste Novo Mundo.

Quando comecei meu trabalho de transformação da humanidade há quinze anos, e escolhi não me afiliar a nenhuma organização estabelecida – religiosa, educacional, política ou de qualquer outro tipo – visualizei meu trabalho como um tipo de Campanha do Pensamento, focado principalmente na comunidade dos negócios, que eu considerava ser o principal ator da transformação planetária. Isto foi antes mesmo de eu ter qualquer contato com a campanha THINK da IBM, ou com a série de aulas de Walter Russell, cujo assunto era “pensamento de duas

³³ NT: “Vision in Action” é a empresa de consultoria de Y. G. Kimura em Nova Iorque, EUA, e representa um movimento de trabalho mais amplo para a evolução de consciência da humanidade.

vias”, sobre a IBM ou com o trabalho filosófico “pensar como uma atividade espiritual” de Rudolf Steiner.

Por volta de 1989, ideias e observações no decorrer da minha juventude me levaram às seguintes conclusões:

1. O pensamento, como uma atividade espiritual autêntica, leva o indivíduo ao reino da consciência além do pensamento, que é o reino, ao mesmo tempo, da iluminação espiritual e do pensamento criativo.
2. O pensamento autêntico é uma raridade no mundo. A ausência relativa de pensamento autêntico é uma condição humana que resulta em miséria e sofrimento. Portanto, se pudermos criar uma ecologia cultural de pensamento autêntico, seremos capazes de efetuar transformações duradouras nos estados da humanidade e do mundo.
3. Se alguém for seguir o caminho da “transformação através do pensamento autêntico”, esse alguém não deve ser um “guru” que, como uma autoridade externa, passaria sabedoria metafísica aos seus “seguidores”. De preferência, esse alguém deve se comprometer a facilitar transformações na consciência humana através da incitação ao pensamento autêntico, fazendo com que as pessoas pensem além do que presumem ser pensar, fazendo as perguntas que podem causar descobertas no próprio sentido do que significa pensar.
4. O caminho da “transformação através do pensamento autêntico”, é um caminho pouco utilizado, pois o pensamento autêntico e a transformação autêntica são raros, precisamente porque a maioria da humanidade não quer pensar e não quer fazer o que é necessário para causar uma transformação autêntica.

Começando com essas premissas, meu trabalho evoluiu gradualmente através dos anos, chegando até a formação da Visão em Ação e a publicação do VIA Journal e agora os Quatro Pilares do Trabalho da Visão em Ação, que serão descritos a seguir. Consegui seguir com o meu trabalho até hoje graças, quase que inteiramente, ao apoio de um número cada vez maior de amigos, associados, colegas e contribuidores que reconheceram um valor único no meu trabalho e que compartilham da mesma visão comum para o futuro da humanidade.

Com o seu apoio, eu e meus colegas continuamos com nosso trabalho pela transformação da humanidade através do pensamento autêntico, incluindo a publicação do VIA Journal. Gostaríamos de externar nosso convite sincero para que você participe continuamente do trabalho da Visão em Ação.

Os Quatro Pilares do Trabalho da Visão em Ação

1. Contribuir para a transformação da ideosfera – a esfera das ideias e da geração de ideias – da configuração concêntrica do passado para a configuração omnicêntrica do futuro através da promoção do pensamento autêntico e independente e, assim, erradicar a

cultura da dependência baseada na crença em autoridades externas para o pensamento, o conhecimento e a ação.

Através da história, a configuração da ideosfera se manteve concêntrica, com autoridades externas no centro, cercadas por círculos de crentes e seguidores, onde a autoridade pensava pelos seguidores. Até hoje em dia, na sociedade ocidental pós-moderna, avançada cientificamente e tecnologicamente, nosso sistema educacional é, em sua grande parte, desenhado para produzir adultos não-pensantes bem informados, proficientes racionalmente e profissionalmente preparados para o mercado, que se contentam em aceitar as crenças existentes e a seguir autoridades externas ao invés de assumir a responsabilidade por pensar e agir de maneira independente. Em relação a isso, o filósofo Martin Heidegger declara: “O que mais provoca o pensamento, nesta época tão provocadora ao pensamento, é que as pessoas ainda não estão pensando”. O pensamento autêntico requer auto-criação, no sentido de assumir a autoridade de si mesmo, o que, por sua vez, requer auto-conhecimento genuíno, sobre o qual nosso sistema educacional não fala.

Através do impulso evolucionário por otimização que está guiando nossa transformação individual e coletiva em direção a níveis cada vez mais elevados de cultura e civilização, a configuração necessária para a ideosfera no século XXI é omnicêntrica, com centros independentes, mas interconectados, em indivíduos soberanos intelectual e espiritualmente, vivendo como suas próprias autoridades nas matérias do pensar, conhecer e agir. Então, o pensamento, o conhecimento e a ação destes indivíduos autênticos irão co-desenvolver, de maneira sinérgica, a configuração omnicêntrica da ideosfera em evolução. A revolução da informação e da comunicação que está acontecendo, com a internet onipresente, é, simultaneamente, a manifestação e o aparato desta nova configuração omnicêntrica da ideosfera.

Desta forma, a transformação da ideosfera não significa a disseminação de um conjunto particular de ideias. Ao invés disso, significa a transformação da configuração da própria ideosfera de um formato concêntrico para um formato omnicêntrico, aonde os indivíduos irão se engajar em pensamento autêntico e independente, em sinergia com outros.

Os projetos de diálogo da “Visão em Ação”, e de muitas outras organizações, são de extrema importância, porque os processos de diálogo impactam diretamente a ideosfera – a configuração dinâmica e o movimento do próprio campo global de geração de ideias. A ideosfera é a matriz de significado de onde pessoas as criam seus próprios significados e valores. Através do diálogo, interagimos neste campo dinâmico e no processo de geração de ideias e, portanto, participamos diretamente na geração, no movimento e na transformação da ecologia da própria geração de ideias.

Até hoje, a humanidade desenvolveu apenas a “mente monológica”, e o que as pessoas pensam se tratar de um diálogo é, muitas vezes, um monólogo de duas mãos, não um diálogo autêntico. Através do envolvimento no processo de diálogo, iremos aprender a desenvolver a

“mente dialógica” que vai além da nossa mente monológica. E o desenvolvimento da mente dialógica é essencial para a evolução da configuração omnicêntrica da ideosfera.

2. Contribuir para o desenvolvimento de uma cultura do Todo, de autenticidade, responsabilidade e integridade no contexto do desenvolvimento e da propagação de um novo princípio de organização social, que chamamos de princípio de “Alinhamento além da Concordância”.

Alinhamento é a congruência de intenções, enquanto concordância é a congruência de crenças. Alinhamento de intenções é o princípio organizacional da configuração omnicêntrica da ideosfera, enquanto a concordância de opiniões é o princípio organizacional da configuração concêntrica.

Na configuração omnicêntrica, a unidade é alcançada e mantida através do alinhamento de intenções e a diversidade de pensamentos individuais é apreciada, reconhecida e encorajada. Na configuração concêntrica, a unidade é alcançada e mantida através da concordância de opiniões e em crenças, e a diversidade de visões individuais é depreciada, reprimida ou desencorajada. O alinhamento requer lealdade à autoridade individual de cada um. A concordância requer a aceitação de crenças geradas a partir de uma autoridade exterior.

Com a transformação da ideosfera e a propagação do pensamento autêntico, o trabalho da “Visão em Ação” está focado no desenvolvimento de uma cultura de “Alinhamento além da Concordância”, que inclui a cultura do Todo, da integridade, da autenticidade e da responsabilidade. Para este fim, criamos programas de desenvolvimento corporativos para a criação da cultura e do sistema organizacional do “Alinhamento além da Concordância”. Também desenvolvemos programas corporativos e individuais para o treinamento e o desenvolvimento de “Facilitadores de Alinhamento”.

3. Contribuir para o desenvolvimento de conhecimento em relação à consciência humana e à evolução da própria consciência.

A evolução da consciência humana tem dois aspectos diferentes, mas complementares: 1) o desdobramento de modos de consciência mais profundos e holísticos; 2) a criação de níveis mais elevados e integrais de consciência.

A consciência humana possui duas funções cognitivas fundamentais que interagem entre si: a percepção e a concepção. Existem duas funções cognitivas adicionais, que relativamente poucas pessoas desenvolveram através da história da humanidade. Uma das funções pouco desenvolvidas é a que o matemático-filósofo Franklin Merrell Wolff chamou de “introcepção” e a outra é a que eu chamo de “transcepção”.

Introcepção é a função cognitiva da consciência através da qual o sujeito da consciência joga a luz da consciência sobre si mesmo em direção à sua fonte e, assim, o sujeito se torna consciente de si próprio sem se tornar um objeto de sua consciência. No modo de consciência comum, que é guiado apenas pelas funções conceituais e de percepção, tudo o que existe no

universo e formando o universo, existe como um objeto da consciência. Mesmo quando alguém se envolve em auto-reflexão, esse alguém se transforma em objeto para se tornar consciente de si mesmo, enquanto o sujeito real da consciência permanece escondido da consciência. Na introcepção, o sujeito se torna consciente de si mesmo sem ser um objeto. Este estado de introcepção é o estado da iluminação espiritual – do nirvana. Este, também, é o estado de “meditação”, no sentido mais correto da palavra.

A transcepção é a manifestação cognitiva da consciência não-dual que transcende, mas inclui, tanto o modo de consciência objetivo ou percepção-concepção quanto o modo de consciência subjetivo ou introcepção-concepção – tanto o mundo do fenômeno de samsara quanto o mundo “como ele é em si”³⁴ do nirvana. Este é o Conhecimento Onipresente da Consciência Não-Dual Primordial e Transcendental, que é a Fonte Eterna do Ser³⁵ de todas as existências. O estado de transcepção é o estado de iluminação além da iluminação – do parinirvana ou mahaparinirvana, que o Mestre Eckhardt chamou de “Essência de Deus” (“Godhead”).

Existem muitas pessoas eruditas que negam a existência de um modo de consciência como o nirvana ou o parinirvana, mas um estudo das literaturas filosóficas religiosas e espirituais do Oriente e do Ocidente, feito de mente aberta, iria levar um pesquisador inteligente a confirmar as ocorrências destas duas funções através da história da humanidade. O livro *The Varieties of Religious Experiences* do filósofo-psicólogo William James (que não era um místico) e *Cosmic Consciousness* do psiquiatra Richard Bucke (que era um místico) são dois dos livros mais bem pesquisados e mais lidos neste campo. Entretanto, de fato, não existe como provar de maneira autêntica e legítima a existência destas duas funções cognitivas da consciência humana, a não ser com sua vivência real, através da experiência individual.

A simples combinação das faculdades perceptuais e conceituais é apenas a condição necessária, mas não é o suficiente para sermos um ser humano completo. Somente quando despertamos a faculdade e desenvolvemos a função de introcepção é que alcançamos a condição necessária e suficiente para nos tornarmos seres humanos completos. Pois apenas neste ponto percebemos nosso “Eu Autêntico” e realizamos a ordem socrática e budista, “Conhece-te a ti mesmo”. Até que percebamos nosso “Eu Autêntico”, estaremos presos a um estado de ignorância fundamental, independente do quanto formos bem-desenvolvidos e “brilhantes” em nossas faculdades conceituais e nossas funções intelectuais.

Uma vez que esta faculdade introceptual é despertada e desenvolvida, iremos encontrar resoluções completamente novas para problemas filosóficos, científicos, sociais e políticos não resolvidos. Só é possível transcendermos e nos libertarmos de nossas preocupações egóicas sem fim, que é a raiz fundamental de todos os problemas humanos, quando desenvolvermos

³⁴ NT: no original do inglês, “noumenal”, conforme a filosofia de Kant, que usa a palavra para definir um objeto como ele é em si, independente da mente, oposto ao fenômeno aparente.

³⁵ NT: “groundless Ground of Being”

suficientemente esta dimensão cognitiva e a integrarmos à nossas dimensões conceituais e de percepção, e também à nossas dimensões emocionais e comportamentais.

Portanto, nascer como ser humano é nascer com a possibilidade de se tornar completamente humano e trans-humano – de transcender o limite do modelo relativo sujeito-objeto de consciência humana. Desta forma, nossa jornada evolutiva continua. Ainda não estamos prontos. As possibilidades inerentes a nossa evolução são, literalmente, infinitas, pois a jornada de nossa evolução é uma jornada transfinita, que iniciamos no finito em direção ao infinito dentro do infinito.

4. Apresentar uma Nova Realidade através da apresentação de um modelo integral de cosmologia que unifique conceitualmente as três realidades emergentes através da percepção, da introcepção e da transcepção, unificando, teoricamente, a cosmologia esotérica espiritual e a cosmologia científica moderna do mundo e oferecendo, de forma sistêmica, uma Experiência de Realidade como um Todo.

Um Novo Mundo pede a criação de uma Nova Realidade, que vai além da simples criação de uma nova visão de mundo ou de uma nova concepção de mundo. Uma Nova Realidade é o chamado do amanhã que jorra da fonte na origem sempre presente que subjaz todo o curso de evolução humana, incitando a humanidade para a criação de um Novo Mundo. Somos moldados não apenas por ontem e por hoje, mas também pelo amanhã. O tipo de amanhã que temos, de fato, nos molda de maneira ainda mais poderosa e fundamental do que o tipo de ontem e de hoje que temos.

A origem sempre-presente é também o horizonte sempre presente do amanhã e, portanto, do Além. Nenhuma nova realidade será a realidade final que a humanidade será capaz de criar e, mesmo assim, a cada “hoje” a humanidade se coloca no limiar da criação de uma nova realidade e de um novo mundo. A nova cosmologia que apresentamos tem por finalidade trazer uma Nova Realidade onde o mundo interior subjetivo e o mundo exterior objetivo estão completamente fundidos, de forma a solucionar o que o filósofo Alfred North Whitehead chamou de “Bifurcação da Natureza”. É uma Nova Realidade do Todo que cura a bifurcação da natureza e a fragmentação da consciência. Esta Nova Realidade irá levar à criação de um Novo Mundo onde a Integridade e, portanto, a Paz irá prevalecer na Terra.

Estes são os Quatro Pilares do Trabalho da Visão em Ação. Helen Keller disse: “A vida é uma aventura audaciosa ou não é nada”. O reconhecimento silencioso do desconhecido e do que não é possível de ser conhecido, que nos chama a olhar para dentro e agir de maneira poderosa para fora, é um convite a uma vida que é uma aventura audaciosa. É também a voz da compaixão que traz em nós a sabedoria, para que possamos ser de real serventia no surgimento da sabedoria nos corações de nossos companheiros humanos nesta jornada sem fim da evolução.

Agradeço por sua participação na transformação deste planeta. Eu aprecio e honro profundamente sua participação. Vamos continuar a responder ao chamado do Além e alegrar-nos em nossa jornada para o Além.

Auto-responsabilidade, Auto-Integridade e Liberdade em Relação ao Guru

É difícil encontrar um item perdido na mais completa escuridão tateando com as mãos, mas não há dúvidas de que, com a ajuda de uma lâmpada clara e brilhante, iremos encontrá-lo. Da mesma forma, é difícil achar a joia mais preciosa, que é a criatividade do todo (e, por consequência, a nossa), perdida na mais completa escuridão do estado não-excitado de alguém, mas esse alguém irá encontrá-la através da preciosa comunicação que torna conhecido o aspecto gracioso do infalível bla-ma (lama)³⁶.

- Padmasambhava

A verdade está em nós mesmos; ela não se importa
Com as coisas de fora, seja qual for a sua crença
Existe um centro interior em todos nós
Onde a verdade se mantém em plenitude; e em volta,
Parede sobre parede, a carne grosseira a confina,
Esta percepção perfeita e clara – que é a verdade.
Um tecido carnal perverso e frustrante
Amarra-a e torna tudo errado; e conhecer
Consiste, então, em abrir um caminho
Por onde o esplendor aprisionado possa escapar,
Mais do que deixar uma entrada para a luz
Que supostamente está do lado de fora.

- Robert Browning, The Imprisoned Splendour

Relacionamento Mestre – Discípulo: o Autêntico e o Comercial

O relacionamento mestre-discípulo é uma tradição especial que ainda sobrevive nos círculos esotéricos das religiões do mundo. No hemisfério Ocidental, George Gurdjieff e seus alunos, por exemplo, incorporaram esta tradição extremamente rara de uma maneira extremamente original³⁷. O que chama a atenção é que Gurdjieff e muitos mestres antes dele, no Oriente e no Ocidente, tornaram extremamente difícil, quase impossível, que os aspirantes espirituais e seguidores se tornassem seus estudantes. Ao contrário dos autoproclamados gurus Ocidentais de hoje em dia que, muitas vezes, contratam publicitários para promover suas armadilhas “iluminadoras”, os mestres autênticos do passado testavam profundamente e constantemente as pessoas que queriam se tornar seus estudantes ou discípulos para, desta forma, garantir que seu comprometimento com a iluminação espiritual fosse verdadeiro. Muitas pessoas querem alcançar a iluminação espiritual, hoje em dia, independente do que esse termo signifique para elas, mas muito poucas estão dispostas a fazer o que for necessário

³⁶ Guenther, Herbert. The Lama: From Authenticity to Theatrics.

³⁷ Ouspensky, P. D., In Search of The Miraculous.

para se tornarem espiritualmente despertadas e iluminadas. E ainda poucas são realmente capazes de manter o comprometimento com sua jornada evolucionária em direção ao despertar e ao iluminar espiritual.

Portanto, por um lado, temos pessoas que querem iluminação sem o desejo de fazer o que for necessário para se tornarem espiritualmente iluminadas, como, por exemplo, sacrificar seu tão amado sofrimento uma vez por todas; e, do outro lado, temos falsos gurus que estão dispostos a oferecer qualquer coisa que o “mercado da iluminação” demande. Esses falsos gurus oferecem a seus seguidores e adutores, na forma de livros, fitas e seminários, uma água rasa e artificial na qual eles podem se debater como um peixe em uma piscina que está secando, enquanto proclamam que suas piscinas de concreto são o vasto oceano da iluminação espiritual. Aqueles que nunca tiveram uma experiência de despertar espiritual não sabem o que ela é nem o que ela não é, a não ser por ideias vagas e erradas do que ela pode ser e, portanto, podem ser facilmente enganadas tanto por figuras de autoridade quanto por elas mesmas. Como o adolescente esperto que conta suas experiências sexuais para seus colegas baseado não em sua própria experiência, mas nos livros que ele leu, os falsos gurus contam suas pseudo-experiências de iluminação com ar de autoridade e com a fleuma de um sofista. Como o adolescente médio, que não quer ficar para trás de seus colegas, as pessoas seguem ‘passeios virtuais de iluminação’ através de livros, fitas e seminários escritos e entregues por seus (normalmente mais que um) autores, palestrantes e professores favoritos, alguns dos quais não sabem nem descrever de maneira coerente seus devaneios espirituais ou não possuem nenhum conhecimento, por exemplo, do sânscrito, cujas misteriosas e pouco familiares palavras usam, sem saber o verdadeiro significado delas e contando com a ignorância do seu leitor e da sua audiência.

De acordo com o grande estudioso da cultura tibetana e do Sânscrito, Herbert Guenther³⁸: a palavra guru é tanto um adjetivo quanto um substantivo. Como um adjetivo ele tem os seguintes significados:

1) Pesado, de porte (também figurativamente); 2) grande, longo, extenso; 3) importante, grande; 4) árduo, difícil (de suportar); 5) excessivo, violento, intenso; 6) venerável, respeitável; 7) pesado, de difícil digestão; 8) o melhor, excelente; 9) querido, amado; 10) esnobe, orgulhoso (enquanto discurso); 11) (na métrica) longa como uma sílaba, tanto em si mesma (a), ou sendo curta, seguida pela conjunção consoante (a-ksara); 12) de valor, muito valorizado; 13) triste.

E como um substantivo, significa:

1) Um pai; 2) ancestral, uma figura paterna; 3) qualquer pessoa venerável ou respeitável; pessoa mais velha ou parente; 4) um professor, instrutor; 5) um lorde, um superintendente, um administrador; 6) o Espírito Supremo.

³⁸ Carta pessoal do Dr. Herbert Guenther em resposta à pergunta do autor

A linguagem é dinamicamente fluida, e os sentidos das palavras surgem somente dentro de contextos específicos. Portanto, o que o termo guru significa depende somente do contexto onde ele aparece. O termo guru usado no contexto da disciplina espiritual, como a encarnação da consciência universal ou cósmica do Ser-que-é-Luz (o Espírito Supremo), não tem e não precisa ter a forma humana. De fato, o termo guru em sânscrito, como bla-ma (lama), seu equivalente no budismo tibetano, não representa um ser humano concreto, mas se refere à consciência interior da pessoa em relação às forças da inteligência trabalhando dentro dela e do universo como um princípio evolucionário sintrópico³⁹ que cria ordem e traz significado. A disciplina espiritual é o processo de se criar uma ordem cada vez mais elevada do lado de dentro e para fora. Ser um discípulo é ser capaz de reconhecer e cultivar as forças da inteligência, este princípio evolucionário que cria ordem e traz significado, dentro de si e no universo. Portanto, um discípulo é um indivíduo que é capaz de reconhecer e cultivar uma manifestação mais elevada do guru ou do bla-ma em outra pessoa, que pode então escolher agir como seu guru humano. Desta forma, um discípulo e um guru se reconhecem e co-emergem na complementaridade do relacionamento guru-discípulo.

A complementaridade do relacionamento guru-discípulo é uma manifestação da complementaridade yin-yang que, por sua vez, emerge na trindade cósmica yin-yang-li. Na linguagem da ciência, yin é o aspecto não local (onda), yang é o aspecto local (partícula) e li é o aspecto da inteligência lógica cósmica (que mantém a complementaridade da realidade local e não-local como e dentro da ordem cósmica) do Kosmos. O guru é, simultaneamente, tanto o aspecto não local quanto o aspecto da inteligência lógica cósmica, enquanto o discípulo é o aspecto local da trindade. O guru, como um professor, é a encarnação da consciência não-local; o guru, como o Espírito Supremo, é a inteligência lógica cósmica, que mantém a omnicomplementaridade do Kosmos, apoiando o princípio evolucionário sintrópico que cria ordem e traz significado. O discípulo, que ainda está centrado no ego, mas que já está inspirado e vivificado pela inteligência lógica cósmica, é a encarnação da consciência local prestes a ser iluminada pela consciência não local e pela absoluta abertura da existência, encarnada e exemplificada pelo guru. Portanto, o guru e o discípulo são parceiros que emergem e evoluem conjuntamente, mutuamente interdependentes, mas nunca psicologicamente dependentes um do outro.

Na relação comercial “guru-discípulo” que prevalece hoje em dia, entretanto, não existe trindade sagrada entre guru, discípulo e a inteligência lógica cósmica. Enquanto os estudantes são dependentes psicologicamente e intelectualmente de seus gurus, os gurus são dependentes psicologicamente e financeiramente de seus estudantes. Não existe inteligência cósmica nesta trindade que é somente aparente, apenas uma declamação de meias-verdades plagiadas, destituídas de autenticidade e beirando a bobagem. Por exemplo, um famoso guru indiano, já

³⁹ NT: Sintropia (em inglês, “syntropy”) é a medida de organização das partículas de um sistema (o oposto de entropia, que é o grau de desorganização do sistema). Este conceito foi amplamente utilizado por Ilya Prigogine, Nobel de Química em 1997.

falecido, conta a história de sua experiência de “despertar kundalini”⁴⁰, no qual ele considera, com toda a seriedade, a ereção de sua masculinidade como um sinal definitivo do despertar kundalini. Se este fosse o caso, o mundo já estaria cheio de homens iluminados, que, além de manterem a si mesmos e às mulheres felizes e satisfeitas, já deveriam ter tornado obsoletas todas as guerras e a violência. Este exemplo só é engraçado até que você perceba que havia milhares de pessoas que o seguiam, e que ainda existem milhares que seguem o seu sucessor. Um homem cego liderando uma multidão cega. E ainda mais perigosas são as figuras que se passam por gurus e que são estudadas, possuem intelecto superior e são ‘virtualmente iluminadas’, sem estarem autenticamente despertadas e acesas. A indústria da iluminação espiritual é bastante lucrativa hoje em dia – uma excelente maneira de se ganhar a vida e de se alcançar poder e fama para alguém com um bom aprendizado e conhecimento da literatura e do vocabulário espiritual. Neste meio tempo, o público não-pensante é constantemente levado a acreditar que os passos enlameados da verdade são a própria verdade e passam a ter a fantasia de que a ‘iluminação virtual’ é o despertar espiritual autêntico.

A Causa da Mediocridade

Quais são as razões para essa situação lamentável? Existem várias maneiras diferentes para responder a essa questão. Primeiro, iremos abordar esta questão do ponto de vista da conspiração pela mediocridade, já que esta situação lamentável é um caso exemplar de uma conspiração da mediocridade espalhada pelo mundo.

O que é mediocridade? Mediocridade é o estado de existência no qual os desejos, as aspirações, e a busca interior pelos valores mais elevados e pelo sentido da vida estão reprimidos ou dormentes. Mediocridade não é a média, mas a conformidade com a média através da falta de desejos, de aspirações e de busca interior pelos valores mais elevados e pelo sentido da vida. Como nenhum ser humano nasce com o desejo intrínseco de ser medíocre, mas, ao contrário, com o desejo e a aspiração pela grandeza, uma pessoa medíocre precisa justificar ou ignorar sua mediocridade para viver e estar bem consigo mesma. Isto é, ela tem que viver uma vida que não é verdadeira e que não possui integridade com seus mais profundos desejos e aspirações. As famosas linhas de Shakespeare em Hamlet, “... sê verdadeiro contigo mesmo. E irá seguir, como a noite o dia. Tu não poderás ser falso com nenhum homem”, nos lembram que não ser verdadeiro a si mesmo é também ser falso com outras pessoas. Portanto, uma pessoa medíocre não é verdadeira e não possui integridade não só consigo mesma, mas também com outros seres humanos. Aqui reside a ligação fundamental entre a cultura da mediocridade e a cultura da inautenticidade.

Qual é a causa da mediocridade? Estatisticamente, em qualquer campo de esforço humano, existem mais pessoas com um talento mediano do que pessoas com talento mais elevado e

⁴⁰ Este guru indiano continuará sem ser identificado, Para um relato autêntico de uma experiência de despertar kundalini, veja LIVING WITH KUNDALINI, THE AUTOBIOGRAPHY OF GOPI KRISHNA, de Gopi Krishna, Shambala, 1993, disponível na University of Science and Philosophy.

excepcional. Se medirmos a genialidade ou a grandeza através do que uma aptidão ou talento nos traz de benefícios, então a maioria de nós estará condenada a ficar na média, ou um pouco acima ou abaixo. Esta é a situação na qual a maioria das pessoas se encontra no curso de suas vidas – isto é, enquanto elas definirem genialidade ou grandeza de acordo com padrões comparativos externos – enquanto elas não conseguirem perceber as singularidades incomparáveis de suas existências, os destinos cósmicos singulares que elas são. A existência de um indivíduo é um todo. Não é uma quantidade, mas uma qualidade, não medida quantitativamente, mas conhecida qualitativamente. Dois indivíduos são diferentes apenas qualitativamente; as diferenças quantitativas entre eles, tais como altura ou QI, servem apenas para alguns aspectos da existência, abstraídas da totalidade do que elas são, medidas por padrões externos comparativos, colocadas em prática pela sociedade da qual fazem parte. Qualidade pertence ao indivíduo, quantidade pertence ao aspecto comum. Portanto, a causa da mediocridade é a identificação errônea de nosso valor e de nossa grandeza com uma medida externa e com uma média comparável, e é a nossa falha em reconhecer nosso valor e nossa grandeza sob a luz da singularidade cósmica que é nossa existência, como sua-habilidade-mais-singular-de-existir.

Quando Walter Russell declara que a genialidade é autoconferida, o termo ‘gênio’ significa a qualidade mais refinada da individualidade que qualquer ser humano pode alcançar através de seu próprio esforço de autodesenvolvimento. No cerne da individualidade, há criatividade e uma visão criativa. Portanto, a qualidade mais refinada da individualidade é a qualidade mais refinada da criatividade individual em ação, para a realização de uma visão criativa, que convoca um indivíduo ao caminho ainda não percorrido de seu destino cósmico único. A habilidade de responder a esse chamado interior é o que significa auto-responsabilidade. A habilidade de viver de maneira consistente com a sua visão criativa é o que significa auto-integridade. Portanto, auto-responsabilidade e auto-integridade são a marca da genialidade autêntica. Quando Russell declara que a mediocridade é auto-infligida, ele quer dizer que, se uma pessoa falha em cultivar auto-responsabilidade e auto-integridade e, assim, falha em despertar e em viver a partir de seu gênio interior, ela provavelmente sucumbirá às ordens do mundo externo e seus padrões-medianos e, desta forma, será afligida pela conspiração da mediocridade dominante, e seu sofrimento será equivalente ao da mediocridade auto-infligida. Portanto, a diferença entre genialidade autoconferida e mediocridade auto-infligida é a diferença entre olhar para dentro e olhar para fora, entre adotar um padrão interno ou um padrão externo.

As pessoas são criadas livres e iguais, mas não nascem livres e iguais. Existem diferenças significativas nas condições e nos talentos com os quais as pessoas nascem, e a razão disto pode ser explicada pela lei da reencarnação. Tornamos-nos aquilo que pensamos. Nossa condição presente, nossos talentos e outros dotes internos e externos são resultado de nossos pensamentos individuais, pensados através de muitas vidas. A questão da reencarnação está além do escopo deste texto, mas existe uma lição importante a ser aprendida com ela. Seus dotes espirituais, mentais e físicos são produto do que foi pensado em seu pensamento através de suas vidas passadas e, portanto, seu pensamento hoje irá impactar inexoravelmente seus dotes espirituais, mentais e físicos futuros, tanto quanto as condições externas de vida na qual você irá

nascer e irá viver. Além disso, ainda mais importante, independente de seu passado, você tem dentro de você o poder do pensamento, que pode alterar de maneira significativa sua condição individual e a sua vida no decorrer desta existência. A reencarnação mal interpretada leva ao fatalismo; a reencarnação compreendida leva à liberdade.

Desta forma, sua genialidade e sua grandeza não dependem de seus dotes; não é uma questão de capacidade, mas de “reconhecimento”. Por exemplo, Antonio Salieri poderia ser menos talentoso musicalmente que Mozart, de acordo com os padrões aceitos, mas suas qualidades individuais eram distintas das e incomparáveis com as de Mozart. Assumindo que o filme Amadeus seja historicamente correto (o que é de se duvidar), se Salieri tivesse reconhecido seu próprio gênio na qualidade de sua criatividade individual, a maior expressão deste gênio, de sua própria maneira, teria sido tão esplêndida quanto a de Mozart. Assim, ele não teria sucumbido à inveja e ao ciúme como ele sucumbiu e, ao invés disso, teria celebrado os incomparáveis gênios dele próprio e de Mozart. Ao comparar-se diretamente com Mozart, um dos compositores/músicos mais talentosos de todos os tempos, Salieri caiu na armadilha da conspiração da mediocridade e terminou se auto-infligindo mediocridade, ao invés de se autoconferir genialidade. É bom salientar que você pode nunca ser o gênio que Leonardo da Vinci foi, mas nem Leonardo da Vinci poderia ser o gênio que você é. Você, como da Vinci ou Mozart, são destinos cósmicos singulares, completamente incomparáveis, unicamente significativos e sui generis.

A Causa da Espiritualidade Inautêntica

O processo de despertar espiritual é o mesmo processo de se autoconferir genialidade. Na linguagem metafórica do mestre rDzogs-chen Padmasambhava, é o processo de buscar “a joia mais preciosa que é toda (e, conseqüentemente, a sua) criatividade”. A diferença está apenas na ênfase: no caso de se autoconferir genialidade, a ênfase está na criatividade individual; no caso do despertar espiritual, a ênfase está na criatividade do todo. A criatividade do todo, ou a joia mais preciosa, ou a Fonte Eterna do Ser cósmico, já está e sempre esteve dentro de nós. Neste sentido todos somos i-luminados. Mesmo assim, poucos de nós somos realmente i-luminados e, portanto, acesos e despertados. Pois apenas alguns poucos estão em ressonância cognitiva e espiritual com a intensidade extasiante da supraconsciência do Ser-que-é-Luz. Apenas alguns desejam passar, e são capazes de manter seus comprometimentos para passar, pelo processo de despertar espiritual para alcançar uma intensidade supraconsciente cognitivo-energética extasiante do Ser-que-é-Luz. Por quê?

Por que as pessoas escolhem a dor e o sofrimento da mediocridade ao invés da glória e do êxtase da genialidade? Por que elas se acomodam com deuses de segunda mão vendidos por vendedores eloquentes, mas rasos, ao invés de buscar a experiência autêntica do Ser-que-é-Luz? Por que elas buscam padrões e autoridades externas do lado de fora, ao invés de olharem para dentro por padrões e autoridades internas? Por que elas abrem mão de sua responsabilidade e de sua integridade às portas da autotransformação? Por que existem apenas poucos buscadores autênticos e comprometidos que seguem o caminho do despertar espiritual até o fim de forma a alcançar a intensidade cognitiva extasiante do Ser-que-é-Luz?

Os seres humanos são buscadores de significado: eles constantemente buscam significado na vida e não se devotam a trabalhos onde não encontram significado algum. Portanto, a razão pela qual existem apenas poucos buscadores autênticos e comprometidos é porque as pessoas não encontram, no contexto atual de suas vidas, nenhum significado real na busca de um despertar espiritual autêntico, incluindo o de se autoconferir genialidade interior. Tendo se perdido da Fonte Eterna do Ser cósmico em seu esquecimento ou não conhecimento da inteligência cósmica ou do princípio evolucionário criador de ordem e gerador de significado, que trabalha dentro delas próprias e no universo, elas não sabem o quê é o despertar espiritual, nem sabem que não sabem. Alguém pode buscar, e encontrar significado em buscar, aquilo que sabe, ou aquilo que pensa que sabe, ou aquilo que sabe que não sabe, mas nunca vai buscar, nem encontrar significado em buscar, aquilo que não sabe que não sabe. Pois, aquilo que alguém não sabe que não sabe existe apenas fora do contexto cognitivo atual desta pessoa, que é o que normalmente traz significado para a vida de alguém. Seres humanos são i-luminados, mas a maioria não sabe que é assim i-luminada, e muitos não sabem que não sabem disso. Portanto, eles estão escurecidos de sua própria iluminação – de sua existência como seres luminosos.

Desta forma, em nome da “iluminação espiritual”, as pessoas buscam o que elas pensam que isto significa, que nunca é a realidade. Quando o desejo pelo despertar espiritual e pelo Ser-que-é-Luz surge nelas, elas começam, sem saber ou sem pensar, uma busca por aquilo que elas não sabem que elas não sabem – aquilo que está fora do seu contexto cognitivo atual. Entretanto, se suas vidas presentes ainda oferecem a elas algum sentido de significado, elas irão se inclinar a achar, dentro do contexto de sua vida atual, dentro dos domínios do conhecido, substitutos para o despertar espiritual autêntico. Estes substitutos todos são formas de gratificação do ego, tais como se tornar ‘virtualmente iluminados’ através da acumulação de informações, tornando-se figuras-guru através da prática da eloquência, tornando-se seguidores de falsos gurus exercitando sua latente e formidável estupidez, ou mergulhando em todos os tipos de pseudo-rituais New Age. O desejo pelo despertar espiritual autêntico não pode ser satisfeito ou realizado pelos substitutos, ele seria apenas domado ou anestesiado. Esta substituição é uma expressão manifesta da falta de autenticidade ou do auto-engano, e um mecanismo pelo qual os seres humanos se mantêm dentro do confinamento do conhecido. Portanto, é apenas quando suas vidas presentes deixam de oferecer qualquer significado genuíno que as pessoas começam a se entregar ao desejo espiritual mais profundo pelo despertar autêntico no Ser-que-é-Luz, que aguarda além do horizonte do conhecido.

Existe um ditado: “Nada tem tanto sucesso quanto o sucesso”. Poderíamos também dizer: “Nada falha tanto quanto o sucesso”. Se você for verdadeiramente honesto com você mesmo, você irá perceber que quanto mais espetacular seu sucesso for, no nível de gratificação egóica, mais isso irá fazer com que a sua vida pareça vazia e sem sentido. Portanto, a busca incessante por gratificação egóica é um sinal de que as pessoas ainda não alcançaram sucesso em sua busca por gratificação egóica, isto é, elas alcançaram, no máximo, um sucesso medíocre na sua busca por gratificação egóica, e/ou não são completamente honestas com elas mesmas.

Usando uma metáfora, um ego é uma miragem, e uma gratificação egóica é uma ilusão dentro daquela miragem. Seu ego é como um personagem de uma telenovela ou de um filme. Independente do quanto você se identificar com o personagem, e independente de quanta gratificação ele parece obter com a comida ou com o sexo no drama, na realidade você não é ele, e você mesmo nunca estará alimentado ou satisfeito sexualmente. O personagem não é o espectador-testemunha, nem é o ator. Portanto, o sentido da sua vida nunca pode ser encontrado nas telas da vida onde seu ego efêmero reina como uma estrela no drama que ele mesmo faz.

Sendo mais preciso, o ego é a auto-identificação concretizada na sentença: “Eu sou o que eu sou X”, construída e projetada para sua própria perpetuação. A auto-identidade é o predicado “X” na sentença “Eu sou o que eu sou X”. Como, por exemplo, eu sou o que eu sou “espiritual”, “inteligente”, ou “bonito”. O ego é a concretização errônea que é colocada sobre essa sentença de auto-identificação, que é tão fugaz e transitória quanto qualquer sentença dita em uma conversa, porque é na verdade nada mais que uma sentença. O ego é a concretização desta sentença de auto-identificação “Eu sou o que eu sou X” como o predicado concretizado “X”. Entretanto, tão logo uma sentença é dita, ela desaparece; da mesma forma, tão logo uma auto-identidade é identificada, ela desaparece com a sentença. A gratificação egóica é a forma de se repetir o mesmo predicado de si na mesma sentença de modo a perpetuar sua auto-identidade fixada.

O que é constante na frase “Eu sou o que eu sou X” é “Eu sou o que eu sou”, enquanto o “X” pode variar. “Eu sou o que eu sou” é Ser (Ser-que-é-Luz), enquanto “Eu sou X” é se tornar (Luz-se-acendendo). O “eu” em “Eu sou (o que eu sou)” é o Eu (Self), enquanto o “eu” em “(Eu sou que) eu sou” é o eu (self) e o “X” em “(Eu sou o que) eu sou X” é a auto-identidade. O ego se fortalece com a identificação errônea do sujeito com o predicado; ele se fortalece com a identificação errônea do Eu com o eu, e do eu com a auto-identidade. O que identifica (Eu/eu) não é o que é identificado (eu/auto-identidade). O Ser-que-é-Luz durante sua transformação se-tornando-que-é-Luz-se-acendendo passa por um processo de redução de sua intensidade cognitiva, resultando nesta identificação errônea dupla do Eu com o eu e do eu com a auto-identidade. O processo de despertar espiritual é a jornada de regresso, resultando na passagem de uma maior intensidade cognitiva da auto-identidade (o personagem do drama), para o eu (o ator) e para o Eu (o observador-testemunha). A meditação, neste sentido, é a arte de ser “Eu sou o que eu sou” sem haver nenhum predicado em particular; é o processo-estado do Eu existindo em identidade consigo mesmo sem nenhuma identificação errônea. Portanto, enquanto você estiver preso em sua ego-identidade, identificando o sujeito “eu” com o predicado “X” em seu esquecimento do Ser que está se tornando, enquanto você continuar encontrando sentido em um drama estrelado pela sua ego-identidade, será difícil você encontrar algum significado em sua possível jornada de regresso ao Eu ou ao Ser-que-é-Luz.

A questão é: você vê a completa falta de significado de uma vida baseada na gratificação do ego? Esta é uma questão importante, mas ninguém pode forçá-lo a dizer sim a esta questão. Entretanto, quando você puder dizer um sim autêntico a esta questão, você já terá embarcado em sua viagem de despertar espiritual em direção ao Ser-que-é-Luz. Então você irá saber que o que torna a vida genuinamente cheia de significado não é a perpetuação das mesmas sentenças sobre

si com os mesmos predicados de si, mas a ausência constante das antigas sentenças e a criação contínua de novas sentenças, sem permitir que nenhum predicado permanente se forme ou persista.

O que traz verdadeiro significado à vida é a abertura ao desconhecido. Aquilo que você é, seu eu que é o Eu, não é o seu ego efêmero, é o Ser-que-é-Luz, que ilumina sua vida e seu mundo. O desconhecido que convoca você à jornada de seu despertar espiritual, quando é conhecido, é conhecido como um conhecimento a priori – uma lembrança daquilo que é sempre conhecido a priori na dimensionalidade completa do Ser-que-é-Luz. É por isso que a jornada de despertar espiritual é uma jornada de regresso. Você esqueceu sua verdadeira identidade como o Ser-que-é-Luz, e se perdeu em suas identificações errôneas. Desta forma, sua viagem tem sido literalmente uma “ego-trip” sem fim. Portanto, a questão é: quando você vai encerrar sua “ego-trip” e voltar para casa, para o Ser-que-é-Luz?

Espiritualidade Autêntica

Infelizmente, dada a natureza subjetiva inerente da experiência espiritual, o mundo da busca espiritual é invadido por impostores que, caprichosamente, fazem todos os tipos de declarações sem terem provas. Mesmo ao redor da organização espiritual fundada por mestres autênticos, da qual fui CEO (a Universidade de Ciência e Filosofia, fundada por Walter e Lao Russell), eu vi e ouvi, entre os que se dizem estudantes de Lao Russell, alguns que se autoproclamavam “canalizadores” que afirmavam “canalizar Lao”, como se Lao Russell, em seu estado atual de desencarnação, não tivesse nada melhor para fazer do que falar com essas pessoas desviadas que não desenvolveram a mínima inteligência ou a diligência para entender a Ciência e a Filosofia Russelliana e a sua visão ampla. Auto proclamar-se um médium ou um canalizador é uma maneira conveniente para criar um ar de superioridade espiritual para aqueles que sofrem de baixa auto-estima e são muito preguiçosos para se disciplinarem a ponto de transcender sua dolorosa mentalidade medíocre de forma a adquirir autenticidade, espiritualidade e auto/Autoconhecimento. Como deixei claro em minha carta para R.R. em “Um Apelo pela Simplicidade”⁴¹, o maior compromisso da minha vida é com a autenticidade. Pois, a Ciência e a Filosofia Russelliana, bem como todos os conhecimentos esotéricos autênticos do mundo, do passado e do presente, são reservados apenas para pensadores e buscadores autênticos, e apenas podem ser entendidos e apreciados por pensadores e buscadores autênticos.

A espiritualidade autêntica demanda muito; demanda que você sacrifique o seu ego e o seu tão querido sofrimento através da compreensão genuína; demanda que você se livre do conhecido e se aventure no desconhecido; demanda que você responda de maneira comprometida e viva consistentemente com o chamado da visão criativa que é você; e demanda que você seja psicologicamente livre de todas as formas de guru, ou de autoridades externas, e que você entre no templo da transformação totalmente só. Portanto, a espiritualidade autêntica demanda auto-

⁴¹ Kimura, Yasuhiko G., “An Appeal for Simplicity”, THE COSMIC LIGHT, Vol. 2, No. 4, 2000. The University of Science and Philosophy Press.

responsabilidade, auto-integridade e liberdade interior em relação ao guru. Conforme definido anteriormente, a auto-responsabilidade é a sua habilidade de responder à visão criativa que é você, que o convoca para o caminho não aberto de seu destino cósmico singular; auto-integridade é a sua habilidade de viver sua vida de uma maneira que seja consistente com esta convocação e, desta forma, com a visão criativa que é você. A liberdade em relação ao guru requer que você possua uma autoridade e uma originalidade interior, e permaneça independente de todas as formas de autoridades externas, em relação ao pensamento e ao conhecimento. Apesar de parecer paradoxal, apenas aqueles que estiverem psicologicamente e intelectualmente livres do guru, podem utilizar, quando necessário ou benéfico, alguém que possua uma consciência interior de ordem mais elevada sobre as forças da inteligência cósmica (guru), trabalhando no universo como um princípio evolucionário sintrópico que cria ordem e traz significado.

A visão criativa que você é, é o chamado singular e universal do Ser-que-é-Luz vindo das dimensões além do conhecido; é uma abertura para o desconhecido que está dentro de você, ainda que fora de seu contexto cognitivo atual. Como no caso de um sistema físico fechado dentro do qual a entropia cresce continuamente, uma pessoa que está fechada para o desconhecido também está fechada para a possibilidade de desenvolvimento espiritual, que é o processo consciente de se criar uma ordem cada vez mais elevada ou uma maior sintropia interior. O termo Buda, que é normalmente traduzido como “aquele que está desperto”, é o processo-estrutura sintrópico (dissipação de entropia) vivo que alcança, por sua própria dinâmica interna sintrópica, ordens cada vez mais elevadas de auto-organização, onde a escuridão (entropia) é dissipada continuamente e a luz (sintropia) é espalhada incessantemente. No contexto espiritual, ordem ou auto-organização é um sinônimo de inteireza, do Todo. Portanto, o desenvolvimento espiritual é a conquista de um Todo de existência cada vez maior – de um desdobramento do Ser-que-é-Luz cada vez mais holístico. É isto que significa ser um Buda, não o que a tradução equivocada mais comum sugere, que é ser “aquele que está desperto”, o que é uma ‘coisificação’ ou uma ‘entidadificação’ de um processo dinâmico vivo, e sim ser um processo de despertar gerador de ordem. Auto-responsabilidade e auto-integridade são as chaves essenciais para abrir as portas deste processo sintrópico de desenvolvimento e despertar espiritual – para abrir as portas do “caminho pelo qual o esplendor aprisionado possa escapar”.

Omnicentrismo

Individualismo Mais Elevado, Espiritualidade Autêntica e a Mente Omnicêntrica

Individualismo vs. Coletivismo

Apesar da recente reaparição do racismo como uma questão política, os Estados Unidos tem o potencial para ser o país menos racista do mundo. A ideia de coletivismo, da qual o racismo é uma das manifestações, é a própria antítese da ideia e do ideal de individualismo que permeia a filosofia fundadora e o espírito daquela nação.

O individualista não avalia as pessoas com base em termos coletivistas como raça, sexo, etnia ou nacionalidade, mas inteiramente com base em seus méritos individuais ou o “conteúdo de seu caráter”, como disse Dr. Martin Luther King. O individualismo, se praticado por todos, acaba com a maioria das questões relacionadas com raça, sexo ou nacionalidade, transformando as questões coletivistas em não-questões individualistas. O individualismo não é praticado ou aceito por todos porque ele requer que a pessoa seja completamente auto-responsável, o que é evitado pela natureza da psico-mecânica na fase atual do desenvolvimento humano médio.

A palavra “individual” vem da raiz em latim *individuus*, que significa indivisível (in-, não + *dividuus*, divisível). Portanto, “individualidade” representa a totalidade, a integridade ou a unidade de existência interior indivisível de uma pessoa. Já “individualismo” representa a doutrina da primazia e da supremacia dos valores do indivíduo sobre os do coletivo.

A individualidade não surge naturalmente ou espontaneamente. Ela é desenvolvida de maneira consciente por um indivíduo através de sua força de vontade. Portanto, a individualidade não nos é dada pela virtude de termos nascido humano, ela precisa ser conquistada, merecida e desenvolvida por nós mesmos. A individualidade autêntica é, portanto, rara.

O livro *Dictionary of Philosophy and Psychology* (1901-1902) de James M. Baldwin define “individualismo” nos termos da filosofia política (em oposição à coletividade): “A doutrina de que a busca pelo interesse próprio e o exercício da iniciativa individual deve ser pouco ou não restringida pelo estado, e de que as funções do governo devem ser reduzidas ao mínimo possível”.

Nesta definição está implícita a confiança na bondade universal da humanidade e a premissa de que os verdadeiros interesses próprios das pessoas estão fundamentalmente alinhados. Entretanto, a realidade da existência humana não permite esta confiança nem esta premissa. A humanidade não alcançou o ideal de bondade universal ou de alinhamento fundamental. As pessoas não são sempre racionais e existem pessoas com moral fraca e com aberrações mentais que são mais más do que boas. Além disso, o que diferentes indivíduos e pessoas consideram seus interesses próprios, muitas vezes entra em conflito uns com os outros, às vezes de maneira violenta.

Ainda assim, é evidente que a alternativa ao individualismo – o coletivismo (socialismo ou comunismo, ou outras variações) – não funciona e não irá funcionar. O coletivismo é a doutrina

que afirma a primazia e a supremacia dos valores do coletivo sobre os do indivíduo. “O coletivo”, entretanto, é uma abstração que não existe na verdade, já o indivíduo humano, existe. Assim, o coletivismo valoriza uma abstração que não existe na realidade mais do que as mulheres e os homens reais. Portanto, o coletivismo é a doutrina da submissão do indivíduo, que é uma realidade, ao coletivo, que é uma abstração.

O coletivismo, quase inevitavelmente, termina em alguma forma de hierarquia dominadora porque a única maneira pela qual a abstração “coletiva (país, sociedade, etc.)” pode subjugar os indivíduos humanos reais é se existir uma bifurcação estrutural em duas classes básicas de pessoas. Uma é o “administrador-dominador-controlador-líder” que explora as ideias coletivistas para administrar, dominar, controlar e liderar. A outra é o “administrado-dominado-controlado-liderado” que segue e é administrado, dominado, controlado e liderado pelo símbolo humano realmente existente no coletivo, o “líder”.

O individualismo oferece a fundação filosófica para o que Natan Sharansky, em seu livro “The Case for Democracy”, descreve como “Sociedade Livre”, enquanto o coletivismo leva a o que ele descreve como “Sociedade do Medo”.

A falência do individualismo e a persistência do coletivismo (apesar da evidência de seus problemas e de seus fracassos, muitas vezes devastadores) têm a mesma causa – a falta relativa de individualidade verdadeira e de identidade autêntica. Onde não há individualidade verdadeira ou identidade autêntica, não existe iniciativa ou interesse próprio genuíno. Porque a consciência, assim como a natureza, preenche o vácuo que surge, na ausência de individualidade verdadeira ou de identidade autêntica, com a falsa individualidade ou com a identidade inautêntica e suas personalidades ou auto-identidades múltiplas que se fingem de indivíduo completo ou de eu-autêntico.

Uma pessoa que não desenvolveu a individualidade ou a identidade autêntica é, literalmente, uma ‘sociedade de personalidades’, com identidades múltiplas que são, em sua grande parte, desconhecidas e contraditórias umas com as outras. Ela está possuída por múltiplas personalidades (apesar de não ser clinicamente diagnosticada desta forma) que, para a pessoa, parecem ser diferentes aspectos de sua personalidade única, porque todas se chamam de “eu” e parecem compartilhar o mesmo corpo-espaco, aparentemente existindo no mesmo continuum de tempo. Mas, na realidade, eles não são a mesma personalidade. Ela não possui um “eu” autêntico, único e completo, mas se confunde com a gama de personalidades que se chamam de “eu” e que substituem existencialmente seu eu autêntico.

Podemos observar a falta do “eu-autêntico” em uma pessoa quando notamos que ela não pode manter o mesmo comprometimento por muito tempo. Uma personalidade ou “eu” começa uma dieta para perder peso, por exemplo, mas em poucas horas, em poucos dias ou, no máximo, em poucas semanas, outra personalidade – digamos, a personalidade indulgente – assume o controle e desfaz tudo o que a personalidade anterior fez. Então, a personalidade culpada vem à tona e pune a si mesmo e se sente miserável. Esta construção é a psico-mecânica do ser humano mediano.

Aqueles que tentaram praticar a meditação sabem que passam em suas “cabeças” correntes de pensamentos que eles não podem parar ou observar por muito tempo sem se identificar com eles. Os pensamentos que passam em sua “cabeça” não são seus pensamentos; senão você conseguiria pará-los quando quisesse. Exatamente o mesmo se dá com suas personalidades. Suas personalidades são grupos de pensamentos passando através do espaço de sua consciência que são coagulados ao redor das frases de auto-identidade “eu-meu”. Suas personalidades são as bolhas flutuantes de um estado “eu-meu” que aparecem e desaparecem nas correntes caóticas de pensamentos que passam incessantemente pelo córrego errante de sua mente.

Na falta de uma verdadeira individualidade e de uma identidade autêntica, não pode haver iniciativa própria ou interesse próprio verdadeiro. Cada personalidade dentro de uma pessoa possui um interesse próprio diferente e não possui um “eu-autêntico” que tem o poder real de iniciativa própria. Se expandirmos esse quadro para o mundo todo, poderemos entender porque iniciativas próprias autênticas são raras, enquanto os conflitos de interesse são abundantes. Onde não há verdadeira individualidade, o verdadeiro individualismo não é possível, independente do quão grande seja o ideal por individualismo. Assim, somos forçados a ser testemunhas das ruínas trágicas do coletivismo, com seus milhões e milhões de vítimas através da história em todo o mundo.

Como podemos desenvolver uma individualidade e uma identidade autênticas para que o individualismo possa se tornar a fonte não apenas da auto-realização individual, mas também de harmonia, alinhamento e prosperidade mundial? Todos os meus seminários e cursos de transformação são planejados para responder a esta questão. Um livro inteiro seria necessário para responder a esta pergunta de forma satisfatória. Portanto, apresento a seguir apenas algumas conclusões básicas.

Individualidade, Espiritualidade e a Mente Omnicêntrica

O desenvolvimento da individualidade é inseparável do desenvolvimento da espiritualidade. Diferente do coletivo, que é apenas uma abstração, o indivíduo existe na realidade, mas a individualidade do indivíduo não possui uma existência material como o seu corpo físico. A individualidade do indivíduo está, na realidade, em sua própria espiritualidade.

Como o coletivo é uma abstração baseada na crença da existência separada dos indivíduos, o indivíduo é uma realidade existencial, enquanto a individualidade é uma realidade espiritual baseada na percepção consciente da unidade cósmica fundamental de indivíduos aparentemente separados.

A falha do individualismo está na sua orientação filosófica secular. A falha ocorre quando a filosofia do individualismo é enquadrada no contexto da orientação filosófica secular. O secularismo é a crença na existência do visível e do material e na não existência do invisível e do espiritual. Os secularistas aceitam apenas a realidade que lhes é trazida pelos sentidos e através deles (“a evidência dos sentidos”), e não reconhecem aquilo que não pode ser verificado e validado através dos sentidos.

Mas a individualidade é uma realidade espiritual, criada espiritualmente e percebida espiritualmente. Dessa forma, enquanto negarmos e não percebermos e apreciarmos a realidade do espiritual, negaremos a possibilidade de um desenvolvimento autêntico da individualidade.

A espiritualidade é o estado de consciência e a qualidade de existência na qual se está consciente da “Presença de Espírito”. O espírito é a essência de sua existência e o que move a sua vida. O espírito está presente eternamente, mas sua presença só se torna conhecida quando se alcança o nível de espiritualidade, na evolução da consciência. O espírito está realmente presente de maneira constante em sua função de guia primordial, mas se mantém potencial em sua realidade de ser a essência primordial até que você se torne consciente de sua Presença.

O “Espírito Interior” é a vida interior que é dotada de Consciência. O “Espírito Interior” é o que chamamos de alma. A alma é o locus cósmico de individuação criativa do espírito, onde o transcendente está eternamente nascendo no agora, como o imanente e o mais profundo. Quando você desperta para o espírito interior, sua alma também desperta para si mesma. O Espírito, que é integralmente cósmico, realiza-se em sua alma, como sua alma. Você, no nível da alma, experimenta individualmente o “EU SOU” do Espírito. A alma desperta é o Espírito imanente como seu “eu-autêntico” dotado de verdadeira individualidade – o Todo indivisível, a Integridade e a Unidade do Ser.

Desta forma, a verdadeira individualidade é a individualidade da alma como o locus cósmico da individualização do Espírito. Em uma terminologia matemática, o Espírito pode ser expresso como o Infinito elevado ao infinito; uma alma como um todo infinito. Como na matemática, onde existe um número infinito de infinitos, na realidade existe, potencialmente, um número infinito de almas infinitas completas, cada uma contendo em si todas as outras almas. Apesar de sua alma e minha alma serem totalidades infinitas distintas, não somos dois porque cada um contem o Todo ou o Espírito dentro de nós, da mesma forma que um holograma contem o todo.

Portanto, no nível da alma, onde somos distintos, mas não separados, nossos interesses próprios estão completamente alinhados e unificados. Nossos interesses próprios são facetas diferentes e expressões distintas de um interesse, uma intenção e uma visão. A alma é a Vida que inspira o Universo com sua paixão evolucionária e sua visão criativa. Dentro da alma existe uma paixão evolucionária que, como a água subterrânea, anseia por jorrar na nascente da terra. A alma é essa nascente, através da qual a Vida jorra em sua essência e transforma a paixão evolucionária e a inspiração em visão criativa e aspiração.

A paixão básica de todas as almas é evoluir criativamente, desenvolver-se e realizar seu potencial evolucionário ilimitado. A força vital da alma é o impulso evolucionário por auto-otimização. Como toda alma possui em si todas as outras almas em sua totalidade infinita, a alma individual é também a ‘inter-alma’, formada em si pela Supra-Alma ou Espírito. Na profundidade da alma, em seu estado “inter-almas” de ser, o “eu” é, simultaneamente, o “nós”, não no sentido coletivo de indivíduos separados se juntando para formar uma coletividade, mas no sentido omnicêntrico de inclusão mútua, independência interpenetrada, interconectada, e complementaridade evolucionária.

Enquanto na comunidade coletivista a individualidade é minimizada e os indivíduos são postos a serviço do coletivo, no mundo omnicêntrico, a individualidade é maximizada e o indivíduo co-gera um movimento co-evolucionário sinérgico com o Todo (o mundo omnicêntrico) que, por sua vez, contribui para a evolução de cada indivíduo.

No processo de desenvolvimento da individualidade mais elevada ou da individualidade-qua-espiritualidade, com a consciência da possibilidade do omnicentrismo, o indivíduo desenvolve uma mente omnicêntrica. A mente omnicêntrica se desenvolve com a compreensão da natureza espiritual da individualidade, na consciência da identidade da alma e da inter-alma – do estado do Eu e do Nós.

A mente omnicêntrica é uma mente integral mais elevada que não “integra” modelos ou paradigmas de realidade diferentes nos termos de seu próprio modelo, mas os compreende de maneira trans-paradigmática. A mente omnicêntrica compreende diferentes modos de pensamento e diferentes modos de realidade, não através da interpretação por meio de seu próprio modelo “integral”, mas nos termos de cada modo e modelo. A mente omnicêntrica pode entrar na mente dos outros, porque ela cria seus próprios pensamentos e ideias a partir do Campo Cósmico da Criação de Ideias, compartilhado por todas as almas/ inter-almas, onde todas as modalidades de pensamento e modelos de realidade possíveis estão presentes, de maneira real ou potencial.

Portanto, a mente omnicêntrica pode também criar livremente novos modelos de realidade sem nenhum apego à sua própria criação. A mente omnicêntrica é uma mente livre e trans-paradigmática, essencialmente “fora da caixa”, qualquer caixa, sempre. A mente omnicêntrica é o próximo passo na evolução da mente humana, além da mente monológica de paradigma único, e é companheira de evolução da individualidade mais elevada que é a espiritualidade-qua-individualidade.

Desenvolvimento da Individualidade

A verdadeira individualidade não é possível sem se alcançar o nível da espiritualidade. Para que possa desenvolver a verdadeira individualidade e identidade além das personalidades e das falsas identidades, uma pessoa precisa pensar de maneira autêntica, e precisa ser capaz de saber quem é de maneira autêntica. Uma pessoa precisa ser capaz de responder de maneira decisiva à injunção Socrática, “Conhece-te a ti mesmo”, através de seu pensamento, conhecimento e compreensão autêntica.

Quem sou eu? Essa não é apenas a pergunta fundamental da filosofia, é também a fundação existencial sobre a qual a espiritualidade autêntica, a individualidade autêntica e a vida autêntica podem ser construídas e desenvolvidas. Nenhum sistema filosófico que falhe ao responder a esta questão, nenhum mestre espiritual que falhe ao oferecer um caminho para responder a esta questão são completos.

Uma pessoa inicia o conhecimento a respeito de seu eu autêntico, que é distinto de suas múltiplas personalidades e de suas falsas identidades, sendo o eu observador passivo que é consciente das personalidades e auto-identidades flutuantes e culmina sendo a Presença Espiritual que sabe por pensar em ser o eu-autêntico como o eu-observador ativo que, não apenas pode observar, mas também pode agir e evoluir criativamente. Através deste processo, a individualidade ou a identidade de uma pessoa se cristaliza e esta pessoa consegue perceber quem realmente é – a Presença Espiritual que se presencia como sua alma.

Esta famosa passagem da Bíblia nos oferece uma grande dica para o desenvolvimento da individualidade mais elevada:

“No princípio era a Palavra, e a Palavra estava junto de Deus, e a Palavra era Deus. Ela existia, no princípio, junto de Deus. Tudo foi feito por meio dela, e sem ela nada foi feito de tudo o que existe”.

Qual era a Palavra que existia no princípio? Era “EU” ou “EU SOU”. Se substituirmos a palavra “Deus” pelas palavras “Presença Espiritual”, então temos o segredo primordial de como se desenvolver o eu autêntico e a individualidade mais elevada.

“No princípio era a Palavra ‘EU SOU’, e a Palavra estava junto da Presença Espiritual, e a Palavra era a Presença Espiritual. Ela existia, no princípio, junto da Presença Espiritual (pois a Palavra e a Presença Espiritual eram um e o mesmo). Identidade e Individualidade foram feitas por meio da Palavra-qua-Presença Espiritual e sem a Palavra-qua-Presença Espiritual, nada foi feito da Identidade ou Individualidade.

Identificamos erroneamente e declaramos de maneira falsa o sujeito “eu” através de nossas múltiplas personalidades, sendo que nenhuma delas é na verdade o “EU” real. Quando começarmos a cristalizar nossa identidade e nossa individualidade no centro do “EU” real – o “EU” autêntico que é o eu observador que age, cria, se desenvolve – então seremos capazes de desenvolver identidade autêntica e individualidade verdadeira.

A noção Budista de anatman, que é normalmente traduzida como “não-eu”, tem sido mal interpretada como se o budismo negasse a existência de um eu, como tal. Se este fosse o caso, o ser iluminado, o Buda, não teria uma personificação ou uma individualidade. Entretanto, anatman não significa a negação da existência do eu.

Anatman sugere que a natureza ontológica da existência é tal, que a existência não possui essência estrutural que persiste permanentemente. Anatman significa que nada que existe é uma coisa estática, mas é um processo dinâmico. Quando o conceito de anatman é aplicado à identidade ou individualidade, ele indica que a identidade ou a individualidade existem como um processo criativo dinâmico e não como uma entidade estática. O Budismo, portanto, não nega a existência do eu ou a possibilidade da individualidade, mas nega nosso hábito cognitivo de “coisificar” aquilo que não pode ser reduzido a uma coisa.

Portanto, o eu autêntico e a verdadeira individualidade de uma pessoa são um processo dinâmico, sempre criando a si próprio e se desenvolvendo. Não somos almas feitas por nós mesmos, mas almas em processo de auto-criação.